



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA
3032

SOCIEDADE FARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria—Sociedade Farmaceutica Lusitana

Director—Carlos Candido Continho

Redacção e administração—Rua da Sociedade Farmaceutica
No Edificio da mesma Sociedade



Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria riris

Prop.—Lib. 4—Eleg. 10

Decima sexta série—Anos 1921-1922 e 1923—Tomos II-III e IV

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Composto e impresso

NA

Rua Bernardo Lima, 58

LISBOA

JORNAL

SÉDE

DA

SOCIEDADE FARMACEUTICA

LUSITANA

RUA DA SOCIEDADE FARMACEUTICA, ao Bairro Camões

EDIFÍCIO DA SOCIEDADE

LISBOA

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Diretor— Carlos Candido Coutinho

Vogaes— Carlos Marques de Sousa e Manuel Pinheiro Nunes

Suplente— Miguel Fado Lizaso

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Composto e impresso

21

Rua Bernardino Espinho, 57

LISBOA

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Redacção e administração
Rua da Sociedade Pharmaceutica
No edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA DA FARMACIA NORMAL
Rua Bernardo Lima, 58—Lisboa

Sessão solene comemorativa do centenario de Pasteur

realisada em 1 de Junho de 1923 com a assistencia de S. Ex.^a o sr. Ministro da Instrução e representantes de S. Ex.^a o sr. Ministro de França.

Presidente: sr. José Alemão de Cisneiros e Faria.

1.º Secretario: sr. Miguel Fadon Lizaso.

2.º Secretario: sr. Antonio Maria Caeiro.

Após a chegada de S. Ex.^a o Sr. Ministro da Instrução, Dr. João Camoegas, o sr. Presidente abriu a sessão em nome do sr. Ministro. O sr. Presidente pronunciou as seguintes palavras:

Antes de usar da palavra o Ex.^{mo} Sr. Carlos Marques de Souza illustre e estudioso pharmaceutico, a quem a Sociedade Pharmaceutica Lusitana incumbiu de falar sobre Pasteur e a sua obra sejam-me permitidas algumas palavras.

Em nome da Sociedade Pharmaceutica Lusitana agradeço a V. Ex.^a senhor Ministro a acquiescencia ao nosso convite.

A presença dum membro do Governo da Republica vem dar a esta sessão um notavel relevo e representa uma alta distincção que a todos nós muito sensibilisa.

Cumpre-me agradecer reconhecidamente a todos os nossos convidados a sua comparencia, especializando as gentis senhoras que trouxeram a esta assembléa uma alegre nota de encanto. (*)

Messieurs

La présence de Vos Excellences vient transformer notre fête intime dans une grande fête.

Pas d'ornementations; pas de fleurs; pas de tapis; seulement, -il y a une profonde vénération, un grand enthousiasme dans notre commémoration à Pasteur.

La Sociedade Farmaceutica Lusitana est bien honorée que la France aie ses representants directs dans cette séance, et nous sommes très reconnaissants, Messieurs, pour la gentillesse de votre présence.

Minhas Senhoras, Senhor Ministro, Meus Senhores.

Por um feliz acaso, cabe-me a subida honra de ser o presidente da Sociedade Farmaceutica Lusitana no momento em que esta colectividade celebra despretenciosamente, mas com caloroso entusiasmo, o centenario do grande Pasteur, gloria da França, gloria universal.

A Sociedade Farmaceutica Lusitana escolheu a data em que a França glorifica em Pasteur o genio gaulez, a civilização latina, para se associar numa comemoração singela aos preitos de gratidão, que neste momento, em todo o mundo civilizado, se prestam ao homem, cujo nome fulgurará eternamente entre os primeiros da Humanidade.

Não ha o direito de alguém se conservar indifferente ante o genio de Pasteur.

(*) Encontrava-se na sala numerosa concorrência de convidados e socios entre os quaes destacaremos, além dos representantes de S. Ex.^a o sr. Ministro da França, muitas senhoras, Drs. Paula Nogueira, Peres Rodrigues, Eduardo de Souza, Ednardo de Oliveira, Bernardo Simões, Julio Cruz, Joaquim Pedro de Moraes, Carlos Coutinho, Pinto Fonseca, Homero Ferreira, Gaspar do Nascimento, Adelino Simões Pires, Olimpio do Amaral, Manuel da Fonseca, Manuel Coelho, etc. etc..

O conjunto de virtudes que foi a sua vida; o esforço de todos os momentos em prol dos que sofram; a bondosa intenção de todos os seus actos; a creadora actividade scientifica que desenvolveu em longos anos; assombram, forçando-nos a olhar de frente aquela claridade serena e deslumbrante que emana de seu espirito.

No restricto ambito do seu laboratorio, entregue aos seus trabalhos e investigações scientificas, com que a Humanidade tanto beneficiou, desde as memoraveis experiencias de 1860 a 1864, conduzindo á demonstração da não existencia da geração expontanea, até ao descobrimento em 1885, do tratamento preventivo da raiva o vulto de Pasteur, assume proporções gigantescas; é um salvador da humanidade; dirige-se para o infinito... Presente-se Deus a seu lado.

Contudo, a feição mais impressionante e comovedora da sua personalidade, é a da sua bondade nunca desmentida; da perfeição completa do seu caracter.

Todos conhecem a rectidão do seu proceder, não aceitando o lugar que julgava devido ao seu antigo professor; o amor pela sua Patria e pela sua familia levado ao sacrificio; a sua benevolencia para com os subordinados; o desinteresse com que se dedicava ao estudo do que podesse trazer uma nova conquista para a sciencia; resultando de todos estes predicados, um grande caracter bondoso e simples; tendo escrupulos infantis; comovendo-se quando sacrifica á sciencia um inofensivo animal.

O Dr. Roux, discipulo de Pasteur escreve:

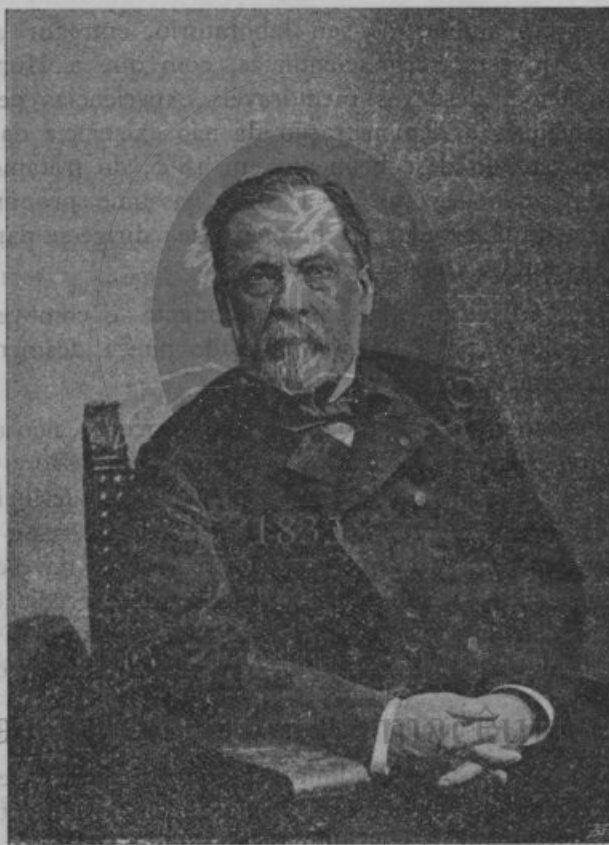
«A obra de Pasteur é admiravel e mostra bem o seu genio; mas a bondade do seu coração, só a podem justamente avaliar aqueles que viveram na sua intimidade».

Aproximando o renome de Pasteur do de Napoleão I... diz Duclaux seu discipulo: «Pasteur conquistou o mundo, sem que a sua gloria custasse uma lagrima».

Se, como firmemente o creio, existe, além da morte, a tranquilidade infinita, Ele dorme na eternidade, o glorioso somno dos Justos».

Terminadas as palavras do sr. Presidente foi dada a palavra ao sr. Carlos Marques de Souza que proferiu o seguinte discurso:

Encarregado pela Sociedade Farmaceutica Lusitana de vir aqui dizer algumas palavras sobre Pasteur, no período em que a



LUIZ PASTEUR (1822-1895)

França celebra o centenário do seu nascimento, venho hoje, dia da inauguração da feira internacional de Pasteur em Strasburgo, desempenhar-me dessa missão junto de V. Ex.^{as}.

Pesado encargo para tão frageis hombros como os meus, pois que essa tarefa deve pertencer aos mestres e não a um humilde

discipulo, aprendiz dos grandes ensinamentos desse bemfeitor da humanidade que foi Pasteur.

Não era aqui o meu lugar mas sim numa dessas cadeiras ouvindo as palavras dum illustre professor da nossa Universidade, porém o acaso, pela voz do M.^{mo} Presidente d'esta Sociedade ordenou-me que viesse, e aqui estou.

O acaso! Palavra com que nós julgamos explicar aquilo que a nossa intelligencia não consegue alcançar!

Vim! E porquê! Porque sou um soldado disciplinado não só dum exército mas tambem d'uma Sociedade que só poderá vencer quando compreender a força esmagadora dessa mesma disciplina.

Venho aqui falar-vos de Pasteur.

Que poderei eu dizer? A vida e as obras dessa grande figura feita toda de amor e de sacrificio pela humanidade anda hoje espalhada aos quatro ventos do mundo quer em grandes obras como os livros de Vallery, Radot, Jean Macé, Chamberland, Roux e outros, quer pelos jornais, folhetos e revistas scientificas, ou quer ainda pela voz dos grandes mestres da sciencia que em quasi todos os paizes do mundo tem feito o elogio da sua obra.

Em Portugal, mestres dos mais illustres (e não cito nomes porque qualquer involuntário esquecimento poderá causar justificados melindres), tem feito dissertações, palestras e conferencias sôbre Pasteur.

Como poderei eu vir aqui dizer a V.^o Ex.^o qualquer coisa de novo e de inedito que vos possa prender a atenção?

Tarefa bem difficil!

Emfim já que nos encontramos aqui reunidos, eu vou desempenhar-me dessa missão dizendo algumas breves palavras sobre Pasteur e a sua obra, correndo sempre o risco do plagiato, como qualquer marinheiro que navega junto à costa sem ter confiança na perfeição das suas cartas nauticas, corre o risco de naufragio.

Quem era Pasteur?

Um individuo do sexo masculino nascido ás duas horas da manhã de 27 de Dezembro de 1822 na cidade de Dôle na ver-

tente noroeste dos Alpes, filho de Jean Joséph Pasteur e de Jeanne Etienne Roqui, curtidores de peles?

Não! Pasteur foi o simbolo do sacrificio para redimir um povo que a força de querer ser grande, deslumbrado pelo seu poderio, quiz, possuido por um desvairamento passageiro, humilhar e extinguir os pequenos. Pasteur representou a indemnisação que as aguias napoleonicas tinham de pagar aos povos independentes, que elas quizeram avassalar.

E como? Salvando, não com armas na mão em campos de batalha semelhantes aos de Wagram, Marengo e Austerlitz, mas sim dentro de acanhadas paredes de um laboratorio, mais vidas do que aquelas que foram oferecidas em holocausto a essa patria engrandecida, tal qual o grande patriota da França o imperador Napoleão Bonaparte a sonhava! E se a França teve n'esses anos de campanha paginas de gloria, aquelas que Pasteur escreveu são sem duvida bem mais grandiosas pois que êle não quiz nunca exterminar o seu semelhante mas sim prolongar-lhe a vida, acabar com o aspecto desolador dos hospitais, dando à medicina e à cirurgia novos instrumentos para salvar a humanidade em lugar de aperfeiçoar o material de guerra para a exterminar!

Tinha a Europa passado durante o tempo de Napoleão I momentos bem graves e provações bem duras.

Fez parte dos exércitos de Napoleão I Jean Joseph Pasteur, primeiro como soldado e como tal se bateu na Península bem perto de nós contra os exércitos regulares e guerrilhas do general hespanhol Espoz y Mina e depois apoz promoções por distincção no posto de sargento mór e cavaleiro da Legião d'Honra em varios pontos da Europa; esse Bonapartista fiel ao seu comandante depois de ter morto tantos homens que não conhecia, que nunca tinha visto, sómente no cumprimento d'uma disciplina que faria o seu paiz grande havia de ser encarregado por essa força desconhecida que nos rege, de ser o pai do homem que pagaria ao mundo a divida que a França tinha contraído, não salvando vida por vida mas pagando-as generosamente.

Pasteur não pertence hoje somente à França, Pasteur é do Universo e portanto um pouco de nós.

O seu amôr pela vida dos outros elevou-o acima do egoismo e da vaidade dos homens. Todos nós estamos estreitamente ligados à sua memoria e portanto devemos honral-a trabalhando como êle para o aperfeiçoamento da humanidade de que somos parte já integrada.

Pasteur fez os seus primeiros estudos no collegio de Arbois para onde seus pais tinham mudado a sua industria. Em 1832 Pasteur vem para Paris e entra n'uma escola preparatória dirigida por Mr. Barbet; ai preparando-se para concorrer à Escola Normal lecionando os seus condiscipulos mais novos, preparando as lições para suas irmãs e para seu pai que seguia e estudava atentamente as lições que o filho lhe enviava pois que quando era novo não tinha tido tempo para aprender senão a ser soldado, passou Luis Pasteur alguns anos da sua vida.

Não foi nunca um aluno distinto como se poderia supôr.

Foi um trabalhador incansavel, tendo ideias fixas e não se deixando nuca vencer pelo desanimo.

Assim em 1842 conseguiu apenas uma nota de mediocre no bacharelato de matematica na Faculdade de Dijon e em 1847 as suas duas teses dedicadas a seu pai e a sua mãe e denominadas «*Pesquisas sobre a capacidade de saturação do acido arsenioso—Estudo dos arsenitos de potassio, sodio e amonio*» «*Estudo dos fenomenos relativos à polarisação dos liquidos*» obtiveram apenas uma estera branca e duas vermelhas.

Contudo Pasteur não desanimou e impossibilitado de ir estudar na Alemanha pois que estas duas teses lhe tinham acarretado despesas que o arruinaram segundo a frase textual n'uma carta dirigida a seu pai em Setembro de 1847, continuou os seus trabalhos sobre o acido tartarico lançando as bases dos principios da estereoquimica que deviam vir orientar a quimica explicando fenomenos que até então eram o fulcro de erradas teorias.

Em Março de 1848 apresentava à Academia de Sciencias uma memoria intitulada «*Pesquisas sobre o dimorfismo*» trabalho exe-

cutado sobre a orientação do sabio Mr. Delafosse segundo sua declaração reconhecida.

N'esta data apresenta-se-nos Pasteur debaixo de um outro aspecto: o politico.

Pasteur, republicano generoso, foi revolucionario, não só de ideias, porque já o vinha sendo, mas de obras; admirador de Lamartine entrou na revolução de 1848 tendo pertencido à guarda nacional.

Com o coração repleto d'essas nobres palavras que são a Igualdade e Fraternidade não hesitou em oferecer à Patria as suas modestas economias n'um total de 150 francos como não hesitaria em se bater pela Republica se tanto fosse necessario.

Porém este seu entusiasmo politico foi passageiro e voltou a estudar os seus cristais; classificando os do acido tartarico e chegando à constituição, então considerada misteriosa, do acido tartarico racemico conseguiu Pasteur interessar nos seus trabalhos Balaard, Dumas e Biot.

Foi este o seu primeiro passo decisivo na estrada da sciencia e guiado pela mão de Biot escreve a sua memoria destinada à Academia de Sciencias e intitulada *«Sobre as relações que podem existir entre a forma cristalina, a composição quimica e o sentido do poder de rotação.»*

Esta tese que constituiu o seu primeiro successo e teve aprovação plena na Academia de Sciencias marca a primeira etape da sua vida de investigador e propulsor de ideias novas.

Colocado no Liceu de Dijon como professor de fisica, onde pouco tempo permaneceu, solicitou a transferencia para a cadeira de quimica na Faculdade de Strasbourg, sendo ahi colocado nos principios do ano de 1849.

Era director da Faculdade Mr. Laurent (que diga-se de passagem nada tinha de comum com o quimico do mesmo nome) e que depois de ter dirigido com muita proficiencia varios institutos de ensino tinha sido ali colocado.

Pasteur acompanhado do seu antigo condiscipulo Betin igualmente professor da mesma Faculdade visitava ameudadas vezes Mr. Laurent e sua familia constituída pela esposa e duas filhas novas e galantes, segundo dizem os cronistas.

Estas visitas deram resultados de uma certa gravidade pois que Pasteur adoeceu, não de doença perigosa mas sim d'aquella doença que os novos contraem e muitas vezes tambem os velhos devendo dizer-se que neste segundo caso é de mais difficil cura.

Pasteur amou uma das filhas de Mr. Laurent e, como era natural, n'este espaço de tempo esqueceu-se um pouco dos seus cristais, a ponto de êle se lamentar bastante d'esse facto.

Pondo de parte os projectos que tinha de se não casar e de trazer para a sua companhia uma irmã, pediu a mão de Mlle. Laurent sendo bem interessante a carta em que esse pedido é feito e na qual sobresaê o seu amor pela familia e a nobreza do seu character.

Curado pelo casamento d'esta doença que durante alguns mezes lhe tinha feito abandonar os seus trabalhos de laboratorio voltou Pasteur aos estudos sobre a criação dos racemicos e seu desdobraimento; realisando a synthese dos assucares criou os alicerces para esse edificio que mais tarde Le Bel e Vant'Hoff construíram e que foi a *estereoquímica*.

O desdobraimento dos racemicos pela acção dos infinitamente pequenos conduziu Pasteur ao estudo da putrefacção e da fermentação e as conclusões de que a dissimetria molecular intervinha como modificador das afinidades quimicas n'um phenomeno de ordem fisiologica.

Estudando a fermentação latica e butirica começou fazendo os seus trabalhos sobre fermentação alcoolica em 1859 quando se encontrava dirigindo a Faculdade de Lille para onde fôra transferido a pedido do Ministro do Interior.

Em todos os seus estudos sobre fermentações verificou Pasteur a acção d'um ser vivo infinitamente pequeno; que para cada fermentação havia um ser vivo especifico não exercendo uma acção catalitica mas sim o trabalho directo que só pode executar um ser vivo.

Distinguiu a vida aerobia da vida anaerobia, estudando o seu

polimorfismo e fazendo por, assim dizer a higiene dos infinitamente pequenos pois que conseguiu obter os processos para os isolar e manter no estado de cultura pura.

Estudando a seleção das leveduras de cerveja criou o metodo que tem o seu nome — *A Pasteurisação* — processo empregado para obter culturas puras da levedura desejada, e processo que mais tarde empregou no vinho.

Foi Pasteur então desviado dos seus estudos para correr em socorro da sericultura franceza gravemente ameaçada pelos estragos produzidos por uma doença desconhecida que destruiu rapidamente os bichos de seda — *a pebrina*.

Perto de 3:500 sericultores francezes implorayam o remedio para tão estranho mal e, ou por necessidade ou por moda, a seda estava sendo substituida pela lã.

Dumas escreve a Pasteur e este tomou sobre os seus hombros essa tarefa. Decorrem estes trabalhos n'uma epoca de pouca felicidade para ele. Quasi seguidamente sofre a morte de seu pai e a de uma filha querida.

Não se modifica o seu ardor, e trabalhando com tanto afam, no interesse unico de ser útil a humanidade, encontra no laboratório e no amor pela sciencia o linitivo para as suas dores bem cruciantes; é nesta epoca da sua vida que se mostra bem alto a sua elevada figura moral.

Durante a guerra franco-prussiana quando Paris começou a ser ameaçada retirou-se para a sua casa de Arbois. Neste periodo de extrema gravidade que a Patria atravessou, a recordação da guarda nacional de 1848 já não existia. O homem que tiuha por missão somente trabalhar para o bem da humanidade não podia nunca ser um instrumento de morte.

Mas a Patria necessitava do esforço de todos os seus filhos e incorporou-se no exercito francez como voluntario, assistindo a capitulação de Paris, o filho de Pasteur.

Socegado o espirito, voltou aos seus trabalhos e é no periodo que decorre de 1877 até à sua morte que foram feitos os memoraveis estudos sobre o carbunculo, colera aviária, febre amarela e raiva, que estabeleceu o processo do tratamento anti-rabico e se fundou o instituto que em Paris tem o seu nome. E' rodeado dos seus discipulos já então alguns considerados mestres como

Roux, Martin e Calmette que, às quatro e quarenta da tarde de 28 de setembro de 1895, expirou a maior figura que encarnou por forma nunca excedida o amor pelo trabalho e pela sciencia.

Dissertar sobre estes assumptos é muito minuciosamente seria o meu dever, pois que são os que fizeram de Pasteur essa alta individualidade. A memoria da qual estamos aqui prestando homenagem. Porém estes tem sido tão bem descritos, tratados com tanta proficiencia por mestres insignes, que vir eu aqui atabalhoadamente descrevel-os seria como uma gota d'agua a querer comparar-se ao oceano.

Está tudo dito e de que forma! Tão bela, em linguagem tão pura, que me limitarei a apreciar dentro dos meus poucos conhecimentos, e em traços tão largos quanto possíveis os benefícios que advieram da vida e das obras de Pasteur.

Pasteur possuia as virtudes maximas de uma raça: o amor do trabalho, a perseverança e o desinteresse.

Vendo claro, larga e profundamente armado de uma logica impecavel, e d'um espirito de aguda critica que applicava nos seus proprios trabalhos, solicitava a dos outros preferindo-a aos elogios que considerava inuteis, pois que não necessitava de ser encorajado.

N'uma das suas cartas a Nisard dizia: «J'ai la foi et le feu sacré encore pour longtemps».

Trabalhando para a Patria não tinha um desfalecimento; em cada dia reservava os seus momentos livres para se fechar no seu laboratorio, aonde era vedado entrar.

Dotado de uma sensibilidade extrema soffria as dores dos outros e é difficil fazer ideia de quanto lhe custava vencer essa repugnancia intuitiva para entrar nos hospitais e assistir ás autopsias.

Porém nem mesmo aquele egoismo a que nos não podemos eximir pois que elle é uma das condições essenciaes da luta pela vida tinha encontrado em Pasteur um campo para desenvolvimento; nem mesmo esse egoismo coletivo que nos faz somente querer tudo para nós, para a nossa terra, a nossa raça, para aquelles que falam a nossa lingua!

Não! Pasteur queria para a sua querida Patria somente a

gloria porque os beneficios, esses devia colher-os toda a humanidade, o mundo inteiro.

Quando em 1871 visitava uma fabrica de cerveja em Inglaterra, recebido como um vulto eminente da sciencia francesa, fazendo-se acompanhar do seu microscopio, esse instrumento magnifico, digamos mesmo o melhor colaborador de Pasteur, examinou toda a cerveja fabricada, recolheu amostras e indicou quais os depositos que se deviam alterar. Voltando uma semana mais tarde, oferecia a essa fabrica um microscopio e ensinava o processo de seleçao das leveduras.

Com um desinteresse absoluto dava ao espirito essencialmente pratico dos ingleses, a lição de quanto vale a sciencia posta ao serviço da industria.

De regresso, criticado talvez por este seu generoso procedimento que parecia prejudicar a sua Patria, respondia: E' preciso crear amigos para a nossa querida França.

A applicação dos trabalhos de Pasteur na industria trouxe incalculaveis beneficios; assim, seria possivel dizer quais os produzidos pelos seus estudos sobre a fermentação alcoolica, sobre a cerveja, os vinhos e os vinagres?

Seria possivel calcular os beneficios trazidos à agricultura pelos seus estudos sobre as doenças dos trigos, das batatas e dos vinhos, para a conservação dos queijos e do leite?

Não! E' completamente impossivel fazer esse calculo e para termos apenas uma pequena ideia, diremos que a doença dos bichos de seda tinha trazido para os sericultores franceses durante o periodo de 20 anos um prejuizo superior a 1.500 milhões de francos! Mas por incalculaveis que sejam os beneficios trazidos por estes seus trabalhos eles nunca se podem sobrepôr ao numero de vidas que os trabalhos de Pasteur salvaram e salvarão atravez de todos os tempos porque essas não se podem avaliar em milhões monetarios, essas não tem preço!

E' na medicina, é na cirurgia, é nesse ramo da quimica e da bacteriologia aplicada que é a farmacia, que a obra de Pasteur resalta como a mais bela e a mais grandiosa!

A obscuridade e a confusão que rodeavam a origem das doenças transmissiveis, desapareceram com os trabalhos de Pas-

teur pois que demonstrou que a causa da infecção eram pequenos germens espalhados na natureza, microbios como mais tarde lhe chamou Sedillot. Tendo estudado o mecanismo da sua acção, o seu modo de penetração no organismo deu-nos os meios de os evitarmos, quer por medidas preventivas que renovaram a higiene, quer tornando o organismo refratario pela inoculação do virus atenuado, transformado em vacina.

Eis o que é universalmente conhecido na obra de Pasteur, fundador da doutrina dos germens, criador da etiologia das doenças virulentas, da sua profilaxia e da vacinação scientifica.

Porém a medicina deve-lhe mais alguma coisa, deve-lhe a segurança e a perfeição que hoje existem na bacteriologia, devido aos processos pasteurianos. A esterilisação do material de estudo, a cultura em meios, o isolamento em culturas puras, a separação das especies aerobias e anaerobias, a reprodução da doença por inoculação em animais: tudo isto é obra sua.

Pasteur era quimico normalista, mas pela evolução dos seus trabalhos foi conduzido a abordar o problema da doença.

Pode dizer-se que as memorias iniciais sobre fermentações são o primeiro passo na sua obra medica.

Foi estudando a fermentação lactica que se pôz pela primeira vez em contacto com os microbios, e que anteviu o seu papel na vida universal.

A sua conclusão de que a fermentação é um acto correlativo da vida, revolucionou, como disse Roux, a medicina, antes de Pasteur ter abordado o estudo de qualquer doença.

O conhecimento da doutrina dos germens é indispensavel a aquellos que quizerem compreender a razão do desenvolvimento das doenças infecciosas.

Esta doutrina faz parte das leis do ciclo da vida que regem o Universo.

São os germens existentes na atmosfera que depositando-se e multiplicando-se sobre tudo que morre, produzem por fermentação, por putrefacção e por combustão lenta a simplificação molecular; sem eles todos os corpos que teem servido de envolucro material aos seres organisados, seriam immobilizados sem poderem entrar de novo no ciclo vital; e é devido a eles que toda esta

materia retoma a atmosfera sob a forma gasosa, e assim o mundo mantém a sua evolução natural.

Desde então a vida normal dos seres organizados aparece-nos como uma luta continua contra estes agentes da desintegração da materia.

Os revestimentos cutaneos e mucosos opõem uma barreira à penetração dos germens, agentes infecciosos, e se a superficie da pele e as cavidades naturais estão povoadas d'uma multidão de microbios, a asepsia do interior é perfeita; isto demonstrou-o Pasteur.

Se os microbios acham sobre os tegumentos uma pequena brecha por onde possam penetrar e se a defeza do organismo está enfraquecida e eles conseguem introduzir-se, multiplicam-se como nos meios culturais e constituem a doença; isto demonstrou-o Pasteur.

Os germens que povoam o ar não se formam espontaneamente à custa da materia, proveem sempre de seres semelhantes; isto demonstrou-o Pasteur.

O germen patogenico vem sempre do que nos rodeia e não de nós mesmos, a espontaneidade morbida era o erro que impedia a profilaxia das doenças transmissiveis, e esse erro foi destruido por Pasteur.

Tudo o que a medicina moderna deve à bacteriologia sobre a epidemiologia, nosologia e diagnostico dos patogenicos não é senão a causa natural das obras de Pasteur.

E se a medicina tanto deve a Pasteur, a cirurgia recebeu d'ele uma dadiva de inestimavel valor: — A segurança operatoria.

Esta dadiva maravilhosa recebeu-a a cirurgia do quimico, que uma sequencia logica de trabalho conduziu dos estudos do desvio do plano de polarisação á terapeutica da raiva.

As conquistas da cirurgia moderna devem-se à obra de Pasteur; foi o seu pensamento que pela mão dos cirurgiões pôz termo àquela espantosa mortalidade de sessenta a oitenta e cinco por cento de operados.

Pasteur abordou o problema da contaminação pelo ar; mas rapidamente verificou que a causa do contagio não era essa e assim escreveu:

“Se tivesse a honra de ser cirurgião, convencido como estou dos perigos provenientes dos germens espalhados na superfície de todos os objectos, particularmente nos hospitais, eu não sómente me serviria de instrumentos d'um asseio perfeito, mas lavaria as minhas mãos com o maximo cuidado, submetendo-as a uma flambage rapida e não empregaria ligaduras, esponjas, etc., senão depois de terem estado expostas ao ar a uma temperatura de 130 a 150 ° e igualmente não empregaria agua que não tivesse estado a uma temperatura de 110 a 120 °. Tudo isto é muito pratico. D'esta maneira eu teria sómente a recear os germens em suspensão no ar, em volta do leito do doente. mas a observação de todos os dias mostrou-nos que o seu numero é por assim dizer insignificante ao lado d'aquelles que estão espalhados nas poeiras depositadas na superfície dos objectos e nas aguas comuns as mais limpidas.

Então nada se oporia ao emprego dos processos antisépticos nos pensos, mas junto às precauções que indico, elles poderiam ser muito simplificados.

O que causa a epidemia é o medico e o seu pessoal que transporta o microbio dum doente contaminado, a outro que o não está”.

Chamberland, discípulo de Pasteur, inspirado nos principios da marmita de Papin estudou e fez construir os primeiros aparelhos para esterilisar sob pressão em meio humido e que se denominaram *autoclaves*.

O *autoclave* fez a sua entrada prática na cirurgia em 1888.

O primeiro, instalado por Terrier, no Hospital de Bichat e o segundo por Quentü. Foi sobre a influencia d'estes dois cirurgiões que a doutrina Pasteuriana da asepsia completamente se generalisou.

Não é da minha competencia desenvolver este assunto pois que ele é pertença d'aquelles que consumiram longos anos de estudo na medicina e na cirurgia, sómente eu quiz em breves palavras fazer sobressair a importancia da obra de Pasteur n'estes dois ramos da sciencia que estão intimamente ligados a farmacia pois que as trez profissões scientificas constituem um nucleo tão homogenio, tão forte, que nunca haverá gigante capaz de o desfazer, nem preconceitos errados que o possam desmembrar.

Enfadonha vai já esta palestra e como desejo dizer algumas mal alinhavadas palavras sobre a influencia da obra de Pasteur na farmacia vou diligenciar fazel-o em breves momentos.

O que era a farmacia antes da revolução produzida pelos trabalhos de Pasteur?

Sendo a farmacia uma sciencia aliada da medicina e da cirurgia laborava evidentemente nos mesmos erros que estas. A polifarmacia então muito em voga, com o seu cortejo de unguentos, de decotos e macerados, abafada dentro do que era usual empregar-se na medicina e na cirurgia viu abrir na sua frente os mais largos horisontes.

As teorias Pasteurianas trouxeram a farmacia :

1.º — Os conhecimentos verdadeiros sobre as alterações dos medicamentos, e ao mesmo tempo ensinamentos sobre a forma de as evitar.

2.º — Seguindo as teorias Pasteurianas poderam ser estudados e preparados os varios fermentos e productos opoterapicos hoje vulgarisados.

Isto que parece, dito tão rapidamente, uma coisa de pouca importancia foi a revolução completa no conhecimento e na tecnica da farmacia antiga.

Quando Claude Bernard e Magendie criaram o metodo hipodermico então chamado inoculação medicamentosa não passou este processo além das paredes dos laboratorios, pois só em 1856 Alex e Wood e mais tarde Behier, em França fizeram conhecer este metodo exposto no Boletim da Academia de Medicina em 1859.

Não venho aqui referir-me aos instrumentos que são utilizados nas injeções, nem sequer a tecnica d'estas, somente demonstrar a necessidade de productos estereis, os quais não se poderam obter senão depois da difusão das teorias de Pasteur.

Schimmelbusch nas suas obras relata imensos casos de infeção devido a injeções praticadas sem a necessaria asepsia; porém se a tecnica seguida pelo medico na injeção não era perfeita. as soluções injetaveis saiam já infectadas da officina farmaceutica.

Hohl e Schimmelbusch fizeram então na clinica de von Bergman, ensaios sobre productos fornecidos por varias farmacias e assim as soluções dos saes de pilocarpina a 1% continham imensos germens; as soluções de ergotino, de cloreto de cocaina,

de cloreto de morfina, e de sulfato de atropina continham perto de 10:000 germens por centimetro cubico!

As soluções de cloreto de morfina contidas em frascos de ro-lha esmerilada e hermeticamente fechados tinham ao fim de 6 a 8 semanas alguns centos de schizomycetas.

Estas e outras experiencias mostraram o quanto seria impru-dente confiar na natureza antiséptica propria d'alguns liquidos in-jectaveis e demonstraram que a esterilisação não era operação superflua que o farmaceutico podesse dispensar.

A primeira ideia da esterelisação encontra-se na obra de Appert publicada em 1810 e trata da conservaço de substancias animais e vegetais, sobre tudo de sucos de plantas. Appert aconselhava fechar hermeticamente os frascos e submetel-os depois á ebuliço durante um tempo variavel.

O que é preciso dizia o autor: E' evitar a entrada do ar.

Appert tinha então em vista a influencia quimica. Pasteur foi o primeiro que demonstrou que a açço nociva do ar era devida essencialmente aos germens que ele continha, e que privado d'estes era inofensivo.

Os trabalhos de Appert estavam estabelecidos sobre teorias falsas e só no dia em que Pasteur demonstrou que a geraço expontanea não existia, que os liquidos organicos, os mais alteraveis, recolhidos asépticamente, podiam conservar-se em vaso este-til sem se putrefazerem, que só existia putrefaçço quando havia contacto directo com os germens do ar, é que se pode reconhecer a alta importancia da esterilisação.

Pensava-se geralmente, mesmo nos tempos de Pasteur, que a ebuliço era snficiente para destruir os germens.

Ora Bastian em 1876 constatou que os liquidos alcalinos es-terilizados por ebuliço podiam povoar-se de infusorios, argu-mento que o autor, adepto das teorias da geraço expontanea, con-trapoz ás teorias e trabalhos de Pasteur.

Porém, este e o seu aluno Chamberland, verificaram que um liquido fervido pode conter germens sem que estes se desenvol-vam, visto que eram enfraquecidos pela ebuliço, e tambem por-que os meios de que Pasteur se servira eram meios acidos, pouco favoraveis ao desenvolvimento das bacterias.

Em meio neutro ou levemente alcalino o esporo mesmo en-

fraquecido por ebulição, pode desenvolver-se mais facilmente, e para esterilisar seguramente, aqueceu Pasteur o liquido em que estudava (e que era urina) à temperatura de 110 a 120°, demonstrando assim a Bastian que não havia geração espontanea, mas sim germens com formas de resistencia especiais que só eram destruidos a esta temperatura.

Foi esta experiencia e a de que a temperatura seca de 120° é de resultados inferiores à mesma temperatura em meio humido que marcaram a futura entrada do *autoclave* no laboratorio.

Contudo depois de 1856 até 1880, época em que começaram a triunfar definitivamente as teorias pasteurianas, a asepsia manteve-se quasi n'um absoluto desconhecimento; as soluções destinadas às injeções hipodermicas eram preparadas como simples poções, e as injeções praticadas com o minimo de precaução.

Assim alguns accidentes graves se deram e se mais não succederam, é que a pratica da hipodermia não se desenvolveu senão a par e passo de asepsia, apesar de a adição de antisepticos, a famosa teoria dos germicidas tanto em voga na cirurgia (que só terminou com a difusão das teorias pasteurianas) ter tido tambem os seus defensores na farmacia.

Porém, rapidamente este processo de antisepsia foi posto de parte pelos muitos inconvenientes que apresentava, mas antes de chegar ao metodo de asepsia ideal, quantas indecisões, quantas dificuldades!

Todos estamos de acordo em reconhecer que a maior parte dos progressos realizados na cirurgia, são devidos à applicação das doutrinas de Pasteur sobre asepsia e esterelisação.

O metodo hipodermico só poudo desenvolver-se devido a essas doutrinas.

A farmacia tem officiosamente no seio da sociedade, uma missão scientifica, e a ela pertence o papel de preparador e investigador n'esse grande laboratorio que é a humanidade.

Como não havia de chamar ao seu seio as doutrinas pasteurianas, seguir-lhe as suas sabias lições dando ao medico e ao cirurgião o complemento indispensavel para realizar a obra de Pasteur?

E' devido à revolução produzida na farmacia pela obra pasteuriana que hoje correm as cinco partes do mundo, pequenas

caixas contendo solutos injetaveis em pequenos reservatorios, conservados indefinidamente atravez dos tempos e que preparados por exemplo na Europa vão muitas vezes ser empregados na Oceania; outro tanto diremos do material de pensos, dos algodões, das gases, das ligaduras, de toda essa complicada indumentaria do cirurgião; como poderiam ser empregados com confiança se não fosse a revolução da farmacia acompanhando o progresso das teorias pasteurianas?

Sendo o farmaceutico o homem de sciencia que está sempre ao alcance de todos, aquele que é sempre primeiramente consultado em todas as duvidas que se suscitam no espirito do publico, como poderia o farmaceutico deixar de ser um adepto das teorias de Pasteur?

Como poderia explicar quando consultado pelo seu cliente (que em geral entende que o farmaceutico deve ser enciclopedico) a origem da fermentação d'um vinho, da azedia d'um leite, da alteração d'uma conserva ou d'um suco de qualquer fructo se não estivesse intimamente ligado teorica e experimentalmente à obra de Pasteur?

Como poderia o medico e o cirurgião, guiados pelas teorias de Pasteur trabalhar com segurança, inspirando confiança aos seus doentes se não tivesse a certeza de que o farmaceutico dentro das paredes do seu laboratorio, como um monge encerrado na sua cela estudava e modificava a antiquada tecnica, segundo os ensinamentos legados à posteridade por Pasteur?

A principal propriedade das diastases é serem especificas; a maior parte d'entre elas são especialmente adaptadas ao ataque d'uma substancia determinada, deixando intactas as substancias visinhas de estructura quasi identicas.

Esta adaptação d'actos fermentarios a corpos de structure determinada e que deu origem à preparação e divulgação dos fermentos, é ainda devida a Pasteur que o constatou durante o seu estudo sobre o desdobramento do tartarato recemico d'amonio.

Os trabalhos de Escherich, Tissier e Quiencke sobre bacterioterapia intestinal e mais tarde de Metschnikoff, considerado seu fundador, não podiam ter tido logar sem os estudos de Pas-

teur, pois que Metschnikoff demonstrou que muitas das perturbações intestinais são devidas à putrefacção das substancias alimentares, que se realisa no intestino, e que pode ser eficazmente combatida pela ingestão de certos microorganismos, os *fermentos lacticos*, os quais se vão alimentando no meio intestinal, suplantando e impedindo ahi o desenvolvimento dos germens da putrefacção.

E' a continuação da obra de Pasteur.

Enfim, para qualquer lado que nos voltemos, quer encarando os assumptos que nos parecem hoje dos mais simples e rudimentares, quer aqueles que precisam profundo estudo, vamos sempre encontrar ligações com a sua obra.

Modestas e mal alinhavadas palavras, são estas, para elogio do homem que mesmo durante a sua vida obteve a consagração e o reconhecimento da humanidade; reconhecendo a insuficiencia d'elas, espera o perdão do seu espirito, que certamente se encontra n'esta sala, chamado pelo pensamento de todos nós, o pigmeu que ousou encarar o sol.

De V. Ex.^{as}, espero que desculpem o tempo que lhes roubei.

Disse.

Seguiu-se no uso da palavra o Ex.^{mo} Ministro da Instrução que agradeceu á Direcção da Sociedade o convite que lhe dirigiu, tendo seguidamente palavras de elogio para o seu antigo condiscipulo sr. Carlos Marques de Sousa a quem conhece desde os bancos academicos, felicitando-o pelo trabalho que acaba de produzir. Referiu-se Sua Ex.^a ainda ao desenvolvimento que a classe farmaceutica tem tomado nos ultimos anos, referencia elogiosa que muito penhorou a Direcção e demais consocios pelas palavras justas e amaveis com que nos brindou.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão em nome do sr. Ministro.

TRABALHOS ORIGINAES

Reação muito sensível da prata

Comunicação feita na Sociedade Farmaceutica Lusitana em 16 de Novembro de 1922

POR CARLOS COUTINHO

O "*Journal de Pharmacie et de Chimie*" publicou em julho de 1919 um artigo de M. Eschaich intitulado "Sobre diversas applicações do piramidon na analise" no qual o autor estuda o emprego do piramidon como reagente dos oxidantes em geral e sua extrema sensibilidade na pesquisa das anaeroxidases.

Como reagente dos oxidantes estuda a acção sobre os nitritos, reacção que se pode empregar para a pesquisa d'estes nas aguas, pois que a reacção é sensível, segundo o mesmo autor, a 0,00005 %; contudo a reacção não é especifica, pois que a coloração azul tambem aparece com o percloreto de ferro e a agua oxigenada.

Como reagente das anaeroxidases, o autor emprega o piramidon para differenciar o leite cru do leite cosido, adicionando piridina que alem de accentuar a coloração violacea impede reacções parasitarias.

Em julho de 1918 M. M. Thevenson e Roland publicaram no mesmo jornal um metodo de pesquisa de sangue em urina, fezes e espectoração etc. baseado tambem no emprego do piramidon, mas M. Eschaich modificou-o afim de evitar a causa do erro da não especificidade, causa d'erro que é evitada pela adição de piridina.

M. Eschaich indica-nos tambem o piramidon como reagente dos cianetos e saes de cobre e ainda indica mais uma reacção interessante: o piramidon adicionado de ferricianeto de potassio azula intensamente quando se lhe adiciona diversos saes metalicos, como o sulfato de zinco ou o sulfato de cobre, intervindo estes saes como catalisadores na oxidação do piramidon pelo ferricianeto.

Tive occasião de verificar que o piramidon é um reagente sensibilissimo da prata; adicionando soluto aquoso de piramidon a solutos mesmo diluidos de saes de prata soluveis, (nitrato, nitrito, sulfato, acetado e sulfito) obtem-se coloração azul-violacea mais ou menos carregada segundo a concentração em prata, coloração que se accentua, atingindo o maximo passados alguns segundos,

desaparecendo depois, obtendo-se solutos turvos quando são um pouco mais concentrados; esta coloração desaparece rapidamente pelo aquecimento.

Esta reacção corada é devida á redução dos saes de prata pelo piramidon; o metal fica no estado coloidal precipitando pouco a pouco e d'ahi a descoloração e a formação de um precipitado que contem em media 99,65 % de prata.

A coloração só se dá em meio neutro ou num meio levemente acidulado pelo acido acetico.

Determinação da sensibilidade—N'uma serie de balões graduados de 100 c. c. deitamos sucessivamente 1 c. c., 0,9 c. c., 0,8 c. c.... 0,1 c. c. de soluto N/10 de nitrato de prata e completamos os volumes com agua distilada.

Em tubos de ensaio deitamos 0,25 c. c. de cada soluto e adicionamos soluto aquoso de piramidon.

Com os solutos mais concentrados obtivemos coloração immediata azul-viocea com reflexos metallicos e com os solutos mais diluidos a coloração vae aparecendo pouco a pouco, attingindo o maximo entre 2 a 4 minutos segundo a concentração.

Com o soluto mais diluido (0,1 c. c. %) a coloração é um pouco difficil de se vêr, mas por comparação com um tubo contendo agua distilada e olhando no sentido do seu eixo principal consegue-se verificar que ha coloração.

Operando n'uma capsula de porcelana verifica-se com maior nitidez a coloração; assim, deitando n'uma pequena capsula 0,1 c. c. de soluto de nitrato de prata N/10 a 0,1 c. c. % e reduzindo por evaporação a B. M. a metade do seu volume, deixando arrefecer por completo e adicionando alguns cristaisinhos de piramidon, estes coram-se passados alguns segundos. Consegue-se assim caracterisar o,^m80017 de nitrato de prata ou seja o,^m800108 de prata.

Com os outros saes soluveis da prata obtem-se colorações identicas sendo tambem bastante sensivel a reacção.

Acetato e sulfato de prata—Soluto a 0,8^m1 %—Adicionamos a 1 c. c. d'estes solutos q. b. de agua distilada para obter 100 c. c. e reduzimos a metade do seu volume por evaporação a B. M. 0,1 c. c. d'este soluto. Adicionamos alguns cristaes de piramidon e obtivemos leve coloração. Consegue-se pois caracterisar o,^m8001 de sal de prata no estado de acetato ou de sulfato. No 1.^o caso equivale a o,^m800065 de prata e no 2.^o a o,^m800069.

Nitrito de prata—Dando o piramidon tambem coloração igual com o anião NO², parecia-nos que a reacção com o nitrito de prata deveria ser muito mais sensivel do que a obtida com os outros saes de prata, mas tal não succede; só pudemos caracterisar o,^m802 de NO² Ag, equivalente portanto a o,^m801402 de prata e não com tanta nitidez como com os outros saes.

Sulfito de prata—Com o sulfito de prata os resultados obtidos são aproximados aos obtidos com o nitrato, sulfato e acetato.

Assim, num soluto saturado de sulfito que continha 0,8701541 por litro (determinada a prata por pesagem no estado de cloreto) diluído a 50 %, conseguimos obter coloração com 0,25c. c. operando pelo método já indicado (redução do volume a metade, deixar arrefecer e adicionar alguns cristais de piramidon).

O volume empregado continha portanto 0,870019 de $\text{SO}_3 \text{Ag}^2 \llcorner \llcorner$ 0,8700136 de prata.

Caracterização do piramidon pelos sais de prata e sua sensibilidade.

A reacção é muito mais lenta e menos sensível, pois que a coloração não aparece tão rapidamente como nos casos acima descritos.

Reduzindo a metade do volume 0,1 c. c. d'um soluto de piramidon a 0,8702 %, obtem-se leve coloração quando se adiciona, depois de completamente arrefecido, uma gota de soluto de nitrato de prata a 1 %. Consegue-se caracterisar assim 0,8702 de piramidon.

As reacções não são nitidas quer n'um quer n'outro caso quando se evaporam os solutos à secura.

A cultura e a colheita das plantas medicinais

POR DR. J. BETHENCOURT FERREIRA

Durante a guerra que assolou a Europa a tantas e tão profundas alterações trouxe á sua constituição politica e social, ás circumstancias materiais e morais da sua evolução, fez-se sentir, como é sabido, a falta de medicamentos, sobretudo os de origem quimica industrial, alguns dos quais se aventou algures que fossem substituidos pelos simples e drogas primitivas, muitos deles de proveniencia vegetal e que com limitado esforço poderiam facilitar remedio a muitos males, sem complicações laboratoriais em demasia, portanto de uma applicação mais economica.

Porém este alvitre tornava necessaria, para a sua realização, um conhecimento mais intimo e pratico das plantas medicinais, algumas d'elas tão proximas de nós e tão desprezadas, para não dizer desconhecidas. Produtos de extrema vulgaridade são ás vezes importados, quando temos ao nosso alcance as plantas de que a sua extração é relativamente facil!

Em varios paizes onde a conflagração estimulou novas actividades, a cultura e a colheita de plantas medicinais alargou-se e intensificou-se, como uma reacção favoravel á resolução da crise dos remedios. Já antes do con-

flito europeu se pensava no problema. O professor Mattirollo, de Turim, ocupa-se do assunto desde 1882, mas foi sobretudo durante a guerra que ele conquistou a actualidade que a sua importancia exige. Formaram-se comissões para nacionalizar completamente essa cultura e ampliar esse ramo de negocio. Foi assim que tiveram inicio a *Federazione Pro montibus* e o *Comitato scientifico*, de Roma (Secção de plantas medicinais), bem como a associação italiana de Milão com o mesmo intuito (Plantas medicinais, aromaticas e uteis).

Além disso, associações já formadas se dedicaram á resolução do mesmo problema.

A Academia de Medicina, de Turim, a Sociedade Botanica Italiana, de Florença, até a *Reale Ac. di Scienze* trataram da questão. Esta ultima corporação redigiu um projecto de lei, com o fim de assegurar a protecção das plantas aproveitaveis medicamente.

Até os jornais políticos, scientificos e de agronomia entretiveram durante muito tempo este movimento e fizeram uma propaganda activa no mesmo sentido. A este respeito, o citado professor Mattirollo multiplicou-se em diversos opusculos.

Na Sociedade Nacional de Acimação, de França, operou-se tambem durante algum tempo, uma campanha a favor da mesma ideia. Na sessão de 20 de novembro de 1916, o secretario desta sociedade benemerita, o sr. Debrenil apresentou um relatório de Boulanger sobre a colheita de plantas medicinais, trabalho que, apesar da sua extensão, a referida sociedade julgou interessante publicar no seu boletim mensal. Neste documento o autor preconiza principalmente a colheita das plantas ditas espontaneas e estuda as condições em que se poderia praticar em França a hermanagem, de preferencia á cultura, por isso que, pela simplicidade de semelhante expediente em primeiro lugar, depois, pelo facto de que a cultura altera e diminui as propriedades terapeuticas de certas plantas.

A Sociedade de Acimação, publicou por esse tempo uma longa lista das plantas espontaneas, com o respectivo *habitat* e data de colheita, ao mesmo tempo com a indicação do seu uso especial.

Um dos alvites do relator consistia em encarregar os farmaceuticos estabelecidos nas localidades em que essas plantas abundam, de indicar aos habitantes as que são uteis á farmacia, a fim de os acostumar a procurá-las, fornecendo-lhes ao mesmo tempo as indicações relativas á época em que devem ser apanhadas, a parte utilizavel, etc.

Semelhante processo foi iniciado em Inglaterra, onde se fez igualmente uma propaganda bem sustentada, a fim de conseguir nas Ilhas Britanicas a exploração de plantas medicamentosas que insensivelmente tinha passado para as mãos dos alemães. Com o mesmo intuito, constituiu-se uma sociedade, a qual reuniu milhares de membros, pagando uma cota annual. O reforço associativo foi nestes diferentes paizes a forma dada á excelente ideia, já por meio de novas agremiações, já por intermedio das existentes. Reconhe-

ceu-se a conveniencia em que os interessados neste serviço se agrupassem, para fazerem uso de instruções comuns e se concentrassem em instalações situadas no centro das regiões produtoras, onde fariam uma especie de concentração. Tratava-se portanto de uma tentativa para congregar esforços isolados até então, tornando-os mais uteis e extensos.

E' certo que o rendimento dessa casta de plantas pode ser, em muitos casos, aumentando pela cultura racional. Tanto em França, como na Inglaterra cultivam-se certas especies, como a *Melissa officinalis* e o *Hissopo*, no departamento de Maine et Loire e o *Aconitus napellus* nos campos que são propriedade da conhecida casa *Welcome*, de Londres. No primeiro destes paizes, a cultura especial da rosa deu o nome a uma aldeia, que deve a esta circumstancia a sua celebridade — *Fontenay-aux-Roses* — onde os botiarios do seculo XVII iam fazer a sua provisao de botões de rosa.

Noutras localidades trata-se de aclimatar plantas exoticas de que se extraem usualmente medicamentos diversos, por exemplo, a *Hidrastis canadensis* e a *Hamamelis virginica*.

Estes e outros factos que se podem dizer contemporaneos, trazem-nos á lembrança historica os tempos em que no nosso paiz se praticava com entusiasmo a herborização, quasi religiosamente, com inteira fé nos milagrosos efeitos terapeuticos dos vegetais e tambem com certa intuição comercial.

Foram os tempos de *Brotero*, e mais tarde do *Dr. Julio Henriques*, epoca em que a Farmacia era subsidiaria principalmente do reino vegetal e em que os herbolarios forneciam e fabricavam quantidades enormes de remedios e especificos de origem botanica, para a confecção dos quais empregavam quasi sempre as plantas secas, de que faziam infusões e cozimentos, extractos e pomadas, uns de uso caseiro, outros de receita magistral.

Muitos desses preparados caíram envoltos em superstição no uso da medicina popular. Nem todos foram postos de parte; alguns foram substituidos por preparações racionais, aperfeicoadas com verdadeira arte, sob principios de quimica moderna, por meio de complicadas manipulações. A historia dos extractos e intratos modernos é exemplo deste facto.

Nem paiz como o nosso, em que se encontra tão avultado numero de plantas uteis, sobre que a arte farmaceutica pode exercer a transformação necessaria a tirar delas o partido curativo, que as torna remedios santos, seria de interesse maximo desenvolver a cultura e promover a colheita de tais especies, dignificar, por assim dizer, a herborização e fazer a propaganda louvavel da substituição das drogas sintéticas pelos extractos vegetais, pelos preparados, emfim, de composição exclusivamente de plantas ou quase.

A Medicina, a Arte de curar, a Farmacia, teriam muito a lucrar scientifica e economicamente com a realização de semelhantes alvitres, que foram postos em pratica em paizes adiantados e em occasião que não era asada para especulações platonicas.

Resta, que entre nós alguma coisa se execute, que nos possa libertar da

sujeição a que andamos mal habituados das preparações e drogas de origem estrangeiras, excessivamente caras e não poucas vezes de inferior qualidade.

Creemos que seria a **Sociedade Farmaceutica Lusitana** o organismo que melhor poderia efectuar um programa devidamente estudado, no intuito de promover o estudo e aproveitamento das plantas indígenas e exóticas utilizáveis à Medicina e à Farmácia.

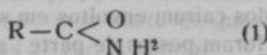
REVISTA DAS REVISTAS

QUÍMICA PURA :

Sobre a função amida

por M. Bouganlt

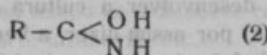
A função amida é representada pelo grupo funcional



Centro de Documentação Farmacêutica

admitido universalmente.

O autor diz-nos que a teoria prevê duas formas possíveis para o esquema representativo da função: a n.º 1 (*forma básica*) e a n.º 2 (*forma ácida*).

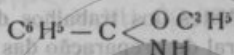


Quaes são as razões que teem os químicos para adoptar na representação das amidas a *forma básica* de preferencia á *forma ácida*?

Poder-se-ha admitir a *forma básica* por analogia com as aminas (NH² substituindo o OH do acido, como substitue o OH alcoolico nas aminas) sem nos preocuparmos com a possibilidade duma forma isomera. Esta forma básica têm-se fortificado sómente pelo habito, pois que factos que vamos apre-

sentar obrigarão os químicos a encarar o emprego da *forma acida*: a obtenção das imino-eteres de Pinner é particularmente decisivo.

Pinner mostrou que a acção do ácido clorídrico sobre um soluto alcoólico dum nitrilo dá uma imino-eter; com o benzo-nitrilo e álcool etílico obtém-se um composto $C^6H^5 - CO - NH (C^2H^5)$ que parece resultar da substituição, na benzamida, dum átomo de hidrogénio por um radical etílico. Mas os productos de desdobraimento (benzamida e álcool etílico) que dá este composto, facéis de se obterem, conduzem-nos necessariamente a admitir a ligação do radical etílico ao oxigenio e não ao azoto e escrever este composto



fazendo-o um derivado da *forma acida* da benzamida.

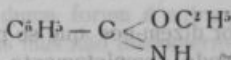
Mais interessante ainda, debaixo do mesmo ponto de vista, é o método de preparação das imino-eteres baseado na acção dos iodetos alcoolicos sobre as amidas argenticas, ou mais simplesmente o oxido de prata e iodetos alcoolicos sobre as amidas (G. D. Lander). Com a benzamida argenticca, cuja fórmula é natural escrever



para pôr em relevo

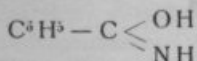
o caracter deste composto, obtém-se pela acção do $I C^2H^5$ uma imino-eter

identica á de Pinner

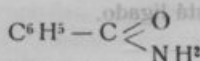


Em presença destes factos parece não haver razão para escolher a forma basica para representar as amidas.

J. Tafel e C. Enoch (em 1890) prepararam a benzamida argenticca esperando isolar deste composto a benzamida sob a forma nova que elles supunham existir, verificando que obtinham sempre a mesma benzamida que lhes servia de ponto de partida e não um isomero, emitindo estes senhores a ideia que talvez a benzamida ordinária se deveria escrever



em vez de



O habito de escrever a *forma basica* estava fixo, mas contudo foi admitido que a *forma acida* existe nas amino-eteres e que a amina livre volta

imediatamente á *forma basica*. Assim á hipotese admitida sem provas que as amidas devem ser representadas pela *forma basica*, ajunta-se uma nova hipotese, não menos gratuita, que a *forma acida* das amidas não é estável, devendo voltar tautomericamente á *forma basica* desde que se põem em liberdade, d'onde se conclue que os esforços das pesquisas para obter o segundo tipo d'amidas tem sido de insucessos.

A intenção do autor é, n'este artigo, apresentar factos novos que permittem escolher com razões a formula *acida* ou *basica*. O autor mostra que deve ser empregada a *forma acida*. (1)

O autor estudou as acidilsemicarbazidas e as acidilhidroximas.

Acidilsemicarbazidas — Antes dos trabalhos do autor, estes compostos obtinham-se pelo método geral da preparação das amidas, isto é, pela acção da semicarbazida sobre os cloretos d'acidos, anidridos e eteres-saes, sendo representados pela *forma basica*.

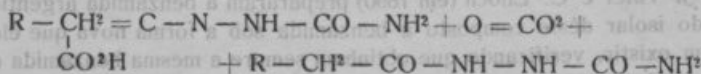


Comtudo, certos autores, devido ao caracter acido dos compostos obtidos, em particular a sua facil solubilidade na soda diluida, consideravam com razão como tendo um tipo acido



sendo com efeito a estrutura que corresponde melhor ao conjunto das suas propriedades.

As pesquisas do autor dizem-nos que se pode obter uma outra serie de acidilsemicarbazidas diferindo completamente das precedentes. Estes compostos foram obtidos fazendo reagir o iodeto e o carbonato de sodio sobre as semicarbazonas dos acidos a-acetonico podendo-se representar a reacção pela equação seguinte:



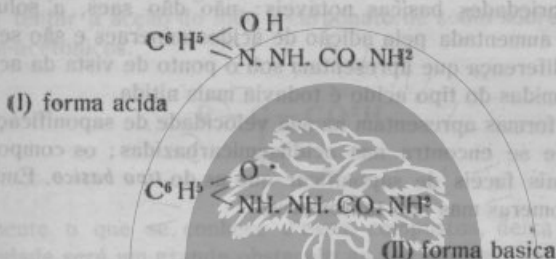
Como se vê o carboxilo do acido cetonico elimina-se por oxidação e o grupo semicarbazona transforma-se em acidilsemicarbazida sobre o carbono no qual está ligado.

(1) O autor não passou em revista as milhares de amidas conhecidas, sendo impossivel afirmar que entre algumas d'elas não haja algumas com a forma basica.

Podé-se admitir duas series de isomeros para as amidas preparadas com as aminas primarias; mas as aminas secundarias não nos conduzem senão a uma só serie de amidas.

Este processo mostra já que o oxigenio não é introduzido sob a forma de oxidrilo mas sim *in nature*, sendo êste caso bastante para justificar a escolha da forma basica para os novos compostos; mas ainda ha factos experimentaes, de valor muito maior, para juntar-se a esta primeira razão. Os novos acidilsemicarbazidos são com efeito nitidamente basicos, dando o acido cloridrico saes bem cristalisados.

Para melhor sobresaahir a diferença entre as duas series tomemos como exemplo os das benzoilsemicarbazidas e comparemol-as.



O composto (I) funde a 225°, é acido, soluvel na soda diluida, reprecipitando pelos acidos.

Hidrolisa-se pelos acidos e alcalis, dando acido benzoico e semicarbazida.

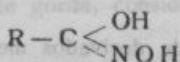
O composto (II) funde a 240°, é basico, soluvel no acido cloridrico diluido, formando um sal cristalisado bem definido, precipitando pelo alcalis livres e pelos carbonatos alcalinos. Como (I) é tambem hidrolisado pelos acidos e alcalis, mas muito mais lentamente.

Não foi possivel passar duma forma a outra por simples reacções. As duas formas são então isomeras mas não tautomeras. (1)

Acidilhidroxamidas — Um estudo semelhante conduziu o autor a resultados que apresenta grandes analogias com o precedente.

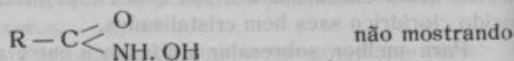
As acidilhidroxamidas conhecidas antes dos trabalhos do autor eram obtidas pela acção da hidroxilamida sobre os cloretos d'acidos, anidridos e éteres-saes.

São representados pelo esquema acido e chamado com alguma razão, acidos hidroxamicos.



(1) Para estudo mais completo ver o C. R. Acad. de Sciences (1916 pag. 237 e 305 e 1917 pag. 820.

Os compostos da nova serie de hidroxamidas descobertas pelo autor (C. R. de Sciences 1917 — pag. 592) foram obtidas pelo iodo e carbonato de sodio sobre as oximas dos acidos acetonicos; pertencem á forma basica



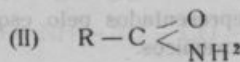
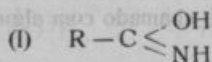
contudo propriedades basicas notaveis; n\~{a}o d\~{a}o saes, a solubilidade na agua n\~{a}o \u00e9 aumentada pela adi\c{c}o de acidos mineraes e s\~{a}o sensivelmente neutras. A diferen\c{c}a que apresentam sob o ponto de vista da acidez com as acidilhidroxamidas do tipo acido \u00e9 todavia mais nitida.

As duas formas apresentam na sua velocidade de saponifica\c{c}o a mesma diferen\c{c}a que se encontra nas acidilsemicarbazidas; os compostos do *tipo acido* s\~{a}o mais facis de saponificar que as do *tipo basico*. Emfim, as duas series s\~{a}o isomeras mas n\~{a}o tautomeras.

Conclus\~{o}es relativas \u00e0 estatura do grupo funcional amidas

Com efeito, as acidilsemicarbazidas e as acidilhidroxamidas, s\~{a}o amidas, em que a semicarbazida e a hidroxilamina teem o papel do amoniaco, sendo portanto auctorisados a concluir, por analogia que existindo as primeiras devem existir as segundas.

Ora notamos que os acidos acidilsemicarbazicos e os acidos acidilhidroxamicos, isto \u00e9, as *formas acidas* das duas series, s\~{a}o obtidas pela ac\c{c}o das bases (semicarbazida e hidroxilamina) sobre os anidridos e cloretos d'acidos e amida eteres-saes, ao passo que os derivados da *forma basica* n\~{a}o se teem podido preparar sen\~{a}o por um processo indirecto que n\~{a}o \u00e9 equivalente aos metodos de prepara\c{c}o das amidas conhecidas, devendo-se concluir que as amidas, que s\~{a}o o resultado da ac\c{c}o do NH₂ sobre os anidridos, cloretos d'acidos e eteres-saes, devem ser construidas sobre o tipo acido e representados pelo esquema (I) que lhe corresponde em vez do esquema (II) adotado hoje.



Explica (I) a existencia de derivados metalicos (sodados, argenticos, mercurios) das amidas.

As imo-eteres de Pinner s\~{a}o derivados normaes das amidas, pois que por saponifica\c{c}o s\~{a}o recuperados sem haver a necessidade de intervir a hipotese de uma tautomerisa\c{c}o, que nada justifica.

Ainda ha a juntar os resultados experimentaes que o autor obteve no

estudo da saponificação dos nitrilos pelo ácido sulfúrico (J. Ph. e Ch. — 1914 pag. 297) que tornam favorável a adoção do esquema ácido.

O autor diz que o esquema *forma ácida* empregado para as amidas conhecidas, sintetisa melhor do que a *forma básica*, as propriedades dos compostos que representa.

Pode existir uma *forma básica*, serie até hoje desconhecida.

Ha pois um novo campo aberto á curiosidade dos investigadores, podendo já ter algumas ideias sobre os meios que poderia conduzir aos novos compostos. Sempre por analogia, a via que se apresenta mais natural ao espirito seria tentar a acção do iodo e carbonato de sodio sobre os cetiminas dos ácidos a-acetonicos.



Infelizmente o que se conhece d'estes compostos, deixa prever que a sua instabilidade será um grande obstaculo ao seu emprego para o fim desejado; a sua preparação deve ser tentada para a obtenção das amidas *tipo básico* pois que apresenta sob o ponto de vista teorico um incontestavel interesse.

SABOR E CONSTITUIÇÃO QUÍMICA :

**Relações existentes entre a composição
dos compostos químicos
e seu sabor, em particular o sabor açucarado**

da Ordem dos Farmacêuticos
por E. Oeily e G. Myers

Da mesma forma, como nas relações entre a constituição química e a cor se distinguem grupos *chromóforos* e *auxocromos*, os autores põem em evidencia a existencia de grupos *glucoforos* e *auxogluco*s nas substancias de sabor doce.

Nos compostos da serie gorda, considera como grupos *glucoforos* os agrupamentos seguintes :

Grupo bi-hidroxilado — $\text{CH}_2\text{OH} - \text{CH}_2\text{OH}$

» hidroxilado carbonilado — $\text{CO} - \text{CH}_2\text{OH}$

» d-aminocarboxilado — $\text{CHNH}_2 - \text{CO}^2\text{H}$

Grupos halogenados — $\text{CH}_2 - \text{x} - \text{Hal}^x$ e $\text{CH}^3 - \text{x} - \text{Hal}^x - \text{CH}_2 - \text{x} - \text{Hal}^x$

Grupo eter nitrico — $\text{CH}_2\text{O} - \text{NO}_2$

Os átomos ou radicaes seguintes parecem, pelo contrario, reagir como auxoglucoos dando com os glucoforos substancias de sabor doce.

HIDROGENIO

Radicaes de hidrocarburetos saturados $C^n H^{2n+1}$ (n variando de 1 a 3)
 » alcooes mono-atomicos $C^n HO^{2n+1}$ (n=1 ou 2)
 » poliatomicos $C^n H^{2n+1} O^m$

Para dizer se um dado composto tem sabor doce é necessario procurar se contem um agrupamento «*glucoforo*». Caso não contenha, a substancia não pode ser doce; se o contem é preciso procurar se o agrupamento está ligado a um radical *auxogluco* e em caso afirmativo a substancia tem sabor doce. Assim a *serina*, que é doce, $CH^2 - OH - CHNH^2 - CO^2H$, contem um grupo *glucoforo* $CHNH^2 - CO^2H$ e um grupo *auxogluco* CH^2OH , e a *iso-serina*, que não tem os agrupamentos $CH^2 - N - NH^2 - CH.OH - CO^2H$ não é doce.

Os autores propõem-se estudar a teoria dos compostos aromaticos e procurar uma relação analogia para o sabor amargo.

A quimica das substancias doces

por Barral e Rauc

Os autores expõem o estado actual dos nossos conhecimentos sobre as relações que unem a constituição dos compostos quimicos, seu sabor e em particular o sabor açucarado.

Dizem os autores que actualmente não tem nenhuma ideia geral que lhes permita coordenar o grande numero de factos que é possível reunir sobre este assunto, não sendo comparaveis com as relações existentes entre a constituição quimica e a cor, ou o poder anestesico.

Admite-se geralmente que as sensações puras do *gosto*, isto é, isentas de todas as sensações olfactivas, podem-se reduzir a 4 sensações elementares: *doce ou açucarada, amarga, acida e salgada*.

Notam os autores que «está bem demonstrado que a presença de iões *H* são a causa do gosto acido, e que o gosto salgado é produzido por certos aniões»; os sabores açucarados ou amargos são produzidos por substancias muito diferentes e em numero consideravel.

Um grande numero de compostos que tem sabor açucarado, podem-se agrupar segundo as suas principaes funções em:

1.º — *Derivados halogenados* — Existem alguns derivados halogenados com sabor açucarado, mas este atenua-se com o aumento do peso molecular. O cloroformio é quarenta vezes mais doce do que a sacarose.

2.º — *Derivados nitrados aromaticos* — Os derivados mono-nitrados são geralmente adoçados. O sabor desaparece quando na molecula ha um halogenio, um carboxilo ou um outro grupo nitrado. A função eter-oxido fenolica exalta o poder adoçante. Assim a mononitrobenzina é doce e a O-nitroanisol é ainda mais doce. As benzinas polinitradas são amargas.

3.º — *Alcooes* — Pertencem a este grupo todas as substancias açucaras naturais. O sabor açucarado parece ser função d'um numero de oxidrillos, até um optimo de cinco, diminuido depois d'este numero de oxidrillos o sabor doce. Assim a manita é adocicada, a α -galaheptite é menos, e a α -galaocite não é doce.

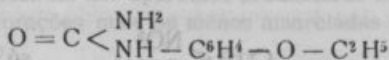
A presença d'uma função aldeidica (caso da glucose) ou da acetona (caso da levulose) aumenta muito o poder adoçante. Este sabor desaparece por simples desidratação interna dos acidos derivados dos açucares. As lactonas são com efeito inspidas ou mesmo amargas. O sabor doce da glucose desaparece nos glucosidos que em geral são amargos. Ao contrario, verifica-se que o sabor açucarado é maior quando varios açucares se unem (a sacarose), mas se a molecula se torna muito complexa o sabor desaparece (amido).

4.º — *Fenoes* — Como nos alcooes, o sabor açucarado só aparece quando existem na mesma molecula varios oxidrillos, mas só os polifenoes da serie *meta* (resorcina, orcina) e *para* (hidroquinona) são doces, tendo os da serie *orto* sabor amargo. Este sabor desaparece, se sobre o nucleo se fixa um halogenio ou um agrupamento nitrado.

5.º — *Acidos aminados* — A serie inteira dos acidos α -aminados teem sabor açucarado, sendo os representantes mais conhecidos, a glicocola (acido amino-acético $\text{CH}_2\text{—NH}_2\text{—CO}^2\text{H}$). Seu sabor é por assim dizer muito estavel porque se encontra nos derivados nitrados e clorados d'estes acidos. Se a função amina estiver na posição *b* em vez de estar na posição *a*, o sabor açucarado é muito atenuado.

E' notavel que os peptidos, constituídos por agrupamentos d'acidos α -aminados são em geral amargos.

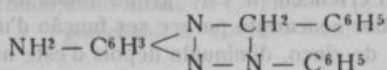
6.º — *Amidas* — As amidas são em geral amargas, mas no grupo da ureia, proximo ao das amidas, encontramos corpos doces, que se empregam como adoçantes artificiaes. Está n'estes casos o sucrol ou dulcina que é o *p*-etoxifenilureia.



Todas as modificações da molecula d'este composto destroe completamente o sabor açucarado.

Enfim, os dois compostos doces que tem mais interesse pratico, pertencem a series mais complexas.

A *glucina* é um acido amino-sulfonico pertencente ao grupo das triazininas. No comercio aparece sob a forma d'uma mistura de sal de sodio dos acidos di e trisulfonicos da base.



A *glucina* é obtida pela acção do benzaldeido sobre o derivado diamino-benzoico.



A *sacarina* pertence á serie das sulfimididas.

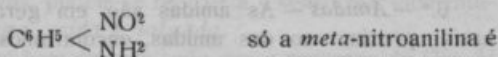
E' a sulfimida benzoica.



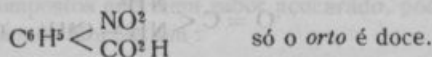
Como para a dulcina, leves transformações moleculares fazem desaparecer o sabor doce intenso d'este composto. Com a substituição do *H* imidico por um residuo organico CH_3 , C^2H_5 , CH_2OH , a introdução de qualquer grupo no nucleo, a abertura da cadeia lateral fechada, obteem-se compostos inspidos. Só a fixação do grupo NH_2 não altera o seu sabor.

D'esta rapida enumeração, vê-se que ha uma relação entre a constituição química e o sabor doce.

Outros factos mostram-nos que este sabor pode ser influenciado por diferenças de estrutura mais delicada; assim das 3 nitroanilinas



adocicada, e dos 3 acidos nitrobenzoicos



O sabor pode ainda estar ligado á configuração estereoquímica; assim as duas asparaginas (*d* e *l*) só uma tem sabor adocicado, a dextrogira.

O mesmo sucede com a leucina e a fenilalanina, pois que só os isómeros direitos são doces e os esquerdos são absolutamente insípidos.

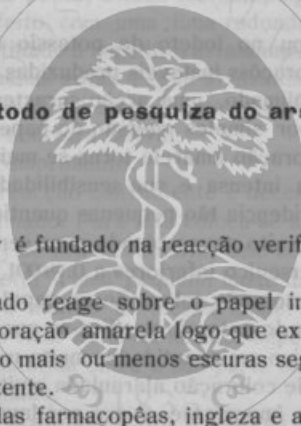
Estes últimos casos têm analogia em certos fenómenos observados n'outros compostos.

Conhece-se a grande diferença d'actividade vaso-constritora entre as duas adrenalinas, direita e esquerda.

QUÍMICA ANALÍTICA:

Novo método de pesquisa do arsenico

por M. J. Cribier



O processo do autor é fundado na reacção verificada por Mayençon e Bergeret (1874).

O hidrogenio arseniado reage sobre o papel impregnado de cloreto mercurico produzindo coloração amarela logo que existam vestígios e colorações alaranjada e pardo mais ou menos escuras segundo a quantidade de hidrogenio arseniado existente.

As ultimas edições das farmacopêas, ingleza e americana adoptaram o metodo.

A reacção é muito sensível e sendo bastante simples, poder-se-ha empregar para pesquisar o arsenico logo que existam como impureza, nos productos quimicos-farmacêuticos, apresentando contido graves inconvenientes que o autor passa a expôr:

1.º — Bastam pequenos vestígios para se obterem colorações (amarela, alaranjada ou escura) colorações que a luz, o calor e a humidade extinguem muito rapidamente tendo sido feitas varias tentativas para as fixarem, mas sem resultados.

2.º — A coloração obtida não é especifica do hidrogenio arseniado; assim o hidrogenio antimoniado, o sulfidrico e o hidrogenio fosforado susceptíveis de se produzirem nos aparelhos productores de hidrogenio, produzem igualmente colorações mais ou menos amareladas ou alaranjadas, analogas ás do arsenico.

3.º — Se se pretende tornar o proceso quantitativo, fazendo reagir o hidrogenio arseniado sobre o papel impregnado em sublimado, verifica-se que so hidrogenio arseniado se liberta mais lentamente dos arseniatos do que do

arsenitos, produzindo cada um d'estes compostos, aspectos diferentes que se não podem comparar; a coloração é mais espalhada mas mais palida com os arsenitos e mais escura e pequena com os arseniatos.

O autor modificou o metodo com o fim de :

- 1.º — Obter sobre o papel coloração *estavel*.
- 2.º — Eliminar todas as causas de erro devido á acção eventual do SH^3 ou PH^3 tornando assim a reacção *especifica do arsenico*.
- 3.º — Permitir enfim, uma apreciação *quantitativa* exacta do arsenico, qualquer que seja a forma que se encontre no producto examinado.

O autor encontrou no iodeto de potassio um reagente simples que exerce, sobre as colorações instaveis produzidas pelo hidrogenio arseniado sobre o papel de sublimado, uma acção caracterisada por esclarecimento, viragem e fixação; por simples imersão do papel n'um soluto de iodeto de potassio a 10% a coloração amarela torna-se mais escura. A reacção é manifestada d'uma forma intensa e sua sensibilidade é consideravelmente aumentada, pondo em evidencia tão pequenas quantidades do composto arsenomercuroso primitivo, muito pouco corado para ser directamente perceptivel.

Quantidades de arsenico inferiores a 0,mg001 pode ser praticamente caracterisado, não se notando coloração no papel de sublimado, mas depois de tratado pelo iodeto de potassio verifica-se que ha coloração, podendo-se ainda encontrar arsenico em quantidades muito menores, como por exemplo 0,mg0001 sob a forma de coloração alaranjada muito nitida.

Um facto tambem importante, é que por lavagem com agua e dessecção, a coloração obtida fixa-se no papel.

As colorações amarelas ou acinzentadas obtidas com o SH^3 , PH^3 e SbH^3 são fixados igualmente, mas estas não são avivadas pelo tratamento com o iodeto de potassio.

Em presença duma mistura em proporções variadas de diversos elementos, será impossivel fundamentar sobre tal exame uma apreciação quantitativa ou mesmo qualitativa. Mas por oxidação da mistura, facil a realizar instantaneamente com algumas gotas d'um soluto de permanganato de potassio, cujo excesso é em seguida destruido por adição de agua oxigenada, encontramos um meio pratico de eliminar todas as possibilidades de libertação de SH^3 e PH^3 ; por acção do permanganato em meio sulfurico, os compostos de oxidação inferiores do enxofre e do fosforo são transformados em sulfatos e fosfatos não reduzidos pelo hidrogenio nascente ao passo que o arsenico e arsenitos são transformados em acido arsenico facilmente reduzido pelo hidrogenio.

Empregando sempre a mesma quantidade de zinco e acido, assegura-se sempre d'uma forma identica a libertação do hidrogenio; sobre qualquer forma que o arsenico se encontre, os resultados obtidos são comparaveis e a presença do sulfato de manganéz não dificulta a reacção.

Em todos os ensaios o autor emprega 8 gramas de zinco e 60 c. c. de acido sulfurico a 1:5 ou sejam 12 gramas de acido; depois do tratamento pelo permanganato e agua oxigenada completa sempre com agua distilada, o volume total de 75 c. c.

Assegura assim uma libertação integral de hidrogenio arseniado produzido d'uma forma muito regular durante um tempo, variando de 2 a 6 horas segundo a quantidade de arsenico existente; este exerce acção catalitica que activa mais ou menos o ataque do acido sulfurico pelo zinco.

O autor emprega um frasco de boca larga de 120 a 150 c. c., tapado com uma rolha de cortiça, sendo esta atravessada por um tubo de vidro de 5^{mm} a 5,5^{mm} de diametro interior, afilado na extremidade inferior em forma de contagotas; a 25^{mm} da ponta, o tubo tem um pequeno orificio de 3^{mm} de diametro que pode ser feito com uma lima redonda humedecida em agua-raz. Este dispositivo é destinado a impedir o arrastamento d'agua no tubo, pois que á medida que as pequenas gotas d'agua arrastadas pela corrente gazosa secondensam no tubo de vidro, cahem no frasco pela ponta afilada, libertando-se o gaz unicamente pela abertura lateral.

O tubo tem 30^{cm} de comprimento.

Para se obter uma reacção conveniente é necessario pôr ao abrigo da humidade o papel de sublimado. Para isso coloca-se antes d'este, no tubo de vidro, um pedaço de papel de filtro ordinario, bem seco de 40^{mm} × 100^{mm} previamente enrolado em volta d'uma pequena haste de latão e impellido para o interior do tubo com o auxilio da mesma haste. A extremidade inferior d'este pequeno rolo, deve ficar ao nível da face superior da rolha; uma distancia de 2^{cm} deve ser mantida entre a sua parte superior e a extremidade inferior do papel de sublimado.

Introduz-se o soluto arsenical acido d'uma só vez no frasco e tapa-se rapidamente. O cuidado necessario a ter durante a marcha, consiste em evitar a acção muito viva da luz sobre o papel.

O papel sensibilizado é preparado por imersão durante uma dezena de minutos n'um soluto aquoso de bi-cloreto de mercurio a 5%, secando-se em seguida á temperatura ordinaria e conservando-o ao abrigo da luz. O autor emprega o papel de desenho Whatman em pedaços de 5^{mm} de largura por 12 a 15^{cm} de comprimento, o que permite dosear até 0,1^{mg} de arsenico.

Para comparação dos resultados, o autor preparou com quantidades conhecidas de arsenico uma escala de 18 pedaços de papel, tendo feito reagir de 0,00001 a 0,1^{mg}.

O autor fez 250 pesquisas e dosagens do arsenico em medicamentos quimicos diversos estando convencido da fidelidade do metodo.

Uma reacção do acido nítrico

G. Longinescu e Gabriela Chaborski, deitam n'uma capsula uma pequena quantidade de substancia solida a ensaiar, juntam 1 a 2 gotas de benzina,

algumas gotas de acido sulfurico concentrado e agitam durante 1 a 2 minutos. Em presenca de nitratos forma-se nitrobenzina que se reconhece pelo cheiro, tornando-se mais notavel se se adicionar agua.

Em presenca de brometos ou de iodetos, o cheiro da nitrobenzina é mascarado pelo dos halogenios.

Os autores fazem sobresahir o cheiro da nitrobenzina, fixando os halogenios pela soda depois de terminada a reacção. (Adicionar um pouco de soluto de soda caustica diluida).

Em presenca de cloratos, a reacção é muito violenta, havendo formação de pequenas faiscas devidas á inflamação da benzina. N'estes casos fazem reagir primeiramente o acido sulfurico sobre a substancia para decompor o clorato e juntam depois a benzina.

Esta reacção é menos sensivel do que o sulfato ferroso ou a da difenilamina mas é mais especifica do que estas.



por Polonovski

Na marcha da analise qualitativa d'uma mistura de saes, pesquisa-se o acido oxalico pelo metodo classico: depois de ter iliminado em meio cloridrico os sulfatos e silicatos pelo cloreto de bario, adiciona-se ao filtratum, acetato de sodio até á neutralisação dos acidos minerais e caracteriza-se o acido oxalico pela precipitação com o cloreto de calcio.

O autor encontrou processo mais simples de operar. A mistura a analisar (pó ou liquido primitivo) é tratada segundo o metodo ordinario pelo carbonato de sodio e trata-se 2 a 3 c. c. do filtratum alcalino previamente acidulado pelo acido acetico por 1 c. c. d'um soluto saturado de fluoreto de calcio.

Só os oxalatos precipitam n'este caso. A solubilidade do oxalato de calcio é de 0,00056% na agua a 15°, ao passo que a do fluoreto é de 0,05 e a do sulfato de calcio é de 0,20. Na ausencia de fluoretos, na mistura, pode-se substituir o fluoreto de calcio pelo soluto de sulfato de calcio que é de uso mais corrente e dá precipitado mais abundante do que o fluoreto.

A pesquisa do acido fluoridrico faz-se sempre directamente no pó ou liquido primitivo.

Reacção corada do acido oxalico

por L. H. Chernoff.

O acido oxalico dá coloração azul em presença da resorcina e acido sulfurico. Esta coloração não é impedida pelos acidos: formico, acetico, lactico, citrico, malico, succinico e benzoico que não dão coloração alguma nas mesmas condições.

O acido tartarico que dá coloração vermelha com a resorcina e acido sulfurico, não mascara a côr azul obtida com o acido oxalico, logo que se opere a frio n'um soluto contendo 0,01 de acido oxalico e igual quantidade de acido tartarico em 10 c. c..

O autor opera da seguinte forma:

Dissolve a calor brando alguns cristais de resorcina em 5 c. c. do soluto a ensaiar, arrefece e junta 5 c. c. de acido sulfurico sem misturar. Se existe acido oxalico forma-se um anel azul na superficie de separação dos dois liquidos. E' necessario evitar o aquecimento quando se adiciona o acido sulfurico. Se a coloração azul não aparece rapidamente, o autor aconselha a agitar fortemente, arrefecer e adicionar novamente 5 c. c. de acido sulfurico. Caso a coloração ainda não apareça aquece então docemente. Por arrefecimento em gelo a coloração desaparece, reaparecendo novamente pelo aquecimento. Fervendo, ha formação de côr verde escura que passa ao amarello esverdeado pelo arrefecimento; adicionando n'esta altura mais acido sulfurico, sem misturar, reaparece a coloração azul.

O autor diz que o conjunto de reacções são características do acido oxalico podendo caracterisar 0,0001, aquecendo o producto seco com duas gotas de soluto de resorcina a 10% e adicionando gota a gota acido sulfurico. A coloração azul aparece imediatamente.

Se existirem substancias que possam mascarar a reacção, pode-se precipitar o acido oxalico no estado de oxalato de calcio e fazer a reacção n'uma suspensão aquosa de oxalato precipitado.

da Ordem dos Farmacêuticos**Uma nova reacção do amoniaco**

por C. D. Zenghelis

Uma mistura de formol e de nitrato de prata exposta aos vapores de um soluto onde se pesquisa o amoniaco é reduzida obtendo-se portanto prata,

Separação do níquel e do cobalto pelo xantato

por M. M. A. Whitby e J. Beardwood.

Adiciona-se ao soluto 1 grama de ácido cítrico e alcaliniza-se pela amónia; adiciona-se 1 grama de xantato alcalino e acidula-se levemente em seguida pelo ácido acético; tanto o níquel como o cobalto precipitam. Deixa-se em repouso durante 2 a 3 horas em sitio quente e filtra-se. Lava-se o precipitado em água quente, passa-se este para uma capsula, adiciona-se amónia a 50 % e aquece-se durante algum tempo; o composto de níquel dissolve-se. Recolhe-se o residuo insolúvel de xantato de cobalto; lava-se com amónia até que esta se não core mais de amarelo, calcina-se e pesa-se o $O^1 Co^3$.

Precipita-se o composto de níquel acidificando o filtratum pelo ácido acético; filtra-se, lava-se com água quente, calcina-se e pesa-se o ONi.

Caso haja cobre no soluto primitivo, este precipita com o cobalto; separa-se d'este, dissolvendo os óxidos obtidos em ácido clorídrico e precipitando pelo hidrogenio sulfurado.



Electroanalise rapida do latão

por M. e Mme. Lassieur

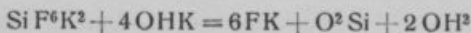
Depois do cobre se ter depositado no catodo por completo, alcaliniza-se o liquido d'onde se separou o cobre, adiciona-se ácido acético e fluoreto de sodio destinado a anular a influencia retardataria do ferro e procede-se á electroanalise para o zinco empregando o catodo cobreado. Emprega-se uma corrente de 4 amperes.

da Ordem dos Farmacêuticos

Novo metodo de dosagem do fluor

por M. Travers

Consiste em precipitar o fluor no estado de fluossilicato por adição de silicato de potassio. Depois de levemente acidulado, adiciona-se cloreto de potassio a 20 % e separa-se por filtração o fluossilicato de potassio precipitado. Lava-se até reacção neutra e doseia-se a quente com soluto titulado de hidrato de potassio.



Uma reacção corada da sacarose

por M. F. Krysz

Fervendo uma mistura de 1 c. c. de soluto saturado de sulfato de níquel amoniacal, 1 c. c. de soluto de sacarose e algumas gotas de ácido clorídrico ou ácido sulfúrico, a coloração verde do líquido passa a amarelo e depois a vermelho. A coloração vermelha persiste mesmo depois de frio. A reacção só é sensível quando se emprega quantidade superior a 0,005 de sacarose, mas a presença de outros açúcares não a impedem. Se se substituir o ácido sulfúrico ou clorídrico pelo ácido azótico a reacção não se dá.

Reacção extremamente sensível dos fosfatos e arseniatos

por M. G. Denigés

O método ceruleomolibdico é fundado na formação d'um composto fosfoconjugado do molibdeno, de cor azul intensa permitindo caracterizar 0,00010 de ácido fosfórico livre ou combinado, existente n'um volume de 5 c. c. e dosear por colorimetria pequenas quantidades de fosfatos existentes em productos biológicos quer vegetaes quer animais.

Os reagentes empregados são:

Reagente sulfomolibdico — Misturar volumes iguaes de soluto aquoso de molibdato de amonio a 10% e ácido sulfúrico.

Cloreto estanoso — Deitar n'um tubo de ensaio 0,1 de estanho em folha delgada (papel de estanho), juntar 2 c. c. de ácido clorídrico e uma gota de soluto de sulfato de cobre a 3 ou 4%; aquecer com precaução até a completa solução; diluir com 10 c. c. de agua, deixar arrefecer e se houver deposito, decantar a parte limpida que constitue o reagente. Este reagente deve ser sempre recente.

Pratica — A 5 c. c. do líquido filtrado (a pesquisar o fosforo ou arsenico) juntar 0,001 a 0,002 quando se trate de solutos diluidos ou 8 a 10 gotas quando sejam mais concentrados, do reagente sulfomolibdico, agitar e juntar 1 a 2 gotas do reagente estanoso.

Com 0,0001 de ácido fosfórico por litro, ha coloração azul acentuada; leve coloração azulada é perceptível com 20 vezes menos de substancia.

O ácido arsenico dá a mesma reacção mas a sensibilidade é um pouco menor.

Para aplicar o método á dosagem do fosforo no sangue ou na urina é

sempre necessario destruir a materia organica. Deve empregar-se a inceneração em presença de $\frac{1}{3}$ ou $\frac{1}{4}$ em peso de magnesia calcinada isenta de fosfatos; tratar depois por agua acidulada pelo acido sulfurico, ferver durante algum tempo para transformar o ião piro ou meta-fosforico em orto-fosforico ou então destruir a materia organica pelo metodo nitro-sulfurico.

Se se tratar de sangue empregar 1 grama ou 1 c. c., deitar n'uma capsula de porcelana de fundo redondo de 8 cm. de diametro, misturar 1 c. c. de acido azotico, egual volume de acido sulfurico e adicionar gota a gota 30 a 40 gotas de alcool a 90-95 c. Ha sempre viva efervescencia e quando ella cesse, aquecer sobre uma rede metalica ou cartão de amianto. A capsula deve estar tapada com um funil (este entra dentro da capsula) e logo que não haja formação de mais vapores nitrosos, comecem a aparecer fumos brancos de acido sulfurico e a massa enegreça, deita-se gota a gota no centro da mistura 12 gotas de acido azotico; continuar a aquecer, adicionar acido azotico até á descolaração do liquido, cessando depois o aquecimento logo que haja formação de fumos brancos. Deixar arrefecer, juntar 10 a 12 c. c. de agua e por ebulição sufficiente reduzir o volume a metade. Completar o volume de 200 c. c.

A 5 c. c. d'este soluto juntar IV gotas do reagente sulfomolibdico e II a IV gotas do soluto estanoso. Agitar e ao fim de 10 minutos comparar a coloração obtida com o conteúdo d'uma serie de tubos com 5 c. c. de soluto aquoso contendo 1 a 12 miligramas de P_2O_5 por litro. O maximo de sensibilidade é realisada com solutos de diluições compreendidas entre 0,5 mg. a 10 mg. de fosforo por litro.

Sobre os metodos de dosagem do aldeido formico por oxidação

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

por M. Raoul Gros.

São numerosos os metodos de dosagem do aldeido formico; Craig (em 1901) agrupou-os em 3 grupos distintos:

1.º—Metodos que dependem d'uma reacção especifica.

- a) Metodo do amoniaco de L. Legler.
- b) Metodo dos alcalis fixos do mesmo auctor.
- c) Metodo do cianeto de potassio de G. Romijn.

2.º—Metodos em que ha reacções com productos de adição e eliminação de agua.

- a) Metodo da hidroxilamina baseado sobre a combinação da hidro-

xilamina no estado de cloreto, com o aldeido formico, para dar uma oxima, havendo libertação d'uma quantidade correspondente de acido cloridrico que se doseia. (Brochet e Cambier).

- b) Metodo da anilina de Trillat por pesagem da combinação do anidro-formaldeidanilina depois de seca a 40° c.
- c) Metodo da analina de Klar baseada sobre o mesmo principio mas com titulação do excesso de anilina.

3.º — Metodos por oxidação e redução.

São muito numerosos.

- a) Metodo do azotato de prata, redução em meio amoniacal (Orchard).
- b) Pelo azotato de prata em meio acido (Grutzner) baseado sobre a oxidação do formaldeido pelo clorato de potassio em presença do azotato de prata e dosagem do cloreto de prata formado.
- c) Metodo do iodo (G. Romijn). Oxidação pelo iodo em presença d'alcalis.
- d) Metodo do permanganato de potassio em meio alcalino (H. Smith).
- e) Metodo de Jones, analogo ao precedente.
- f) Metodo do bi-cromato de potassio (Nieloux).
- g) Metodo da agua oxigenada (Blank e Finkenbeiner).

Numerosos metodos tem aparecido depois de 1901 mas todos podem ser classificados n'um dos 3 grupos.

O metodo de Pfaff baseado sobre a transformação do aldeido formico em azina pelo hidrato de hidrazina e dosagem do excesso pelo acido sulfurico.

O metodo de Riegler que emprega um excesso de sulfato de hidrazina. O excesso de hidrazina é doseado gazometricamente pela medição do azoto libertado, tratando pelo acido iodico.

O metodo de Orlow. Um soluto alcalino de $\text{I}^2\text{Hg} + 2\text{IK}$ liberta azoto do sulfato de hidrazina precipitando mercurio em quantidade correspondente.

O metodo de Clowes e Tollens, que doseia o formol livre ou combinado no estado de formaldeido-floroglucico.

O metodo de Neuberg. Dosagem do cloreto de hidrazina-difenil.

O metodo de Seyewetz e Gibello dá o metodo do bi-sulfito.

O autor estuda principalmente o metodo do Codex que pertence ao terceiro grupo.

Os resultados obtidos não são constantes o que leva a duvidar do valor do metodo.

O metodo do Codex, como é sabido, consiste na oxidação do aldeido formico pela agua oxigenada em meio alcalino.

A oxidação efectua-se em presença d'um excesso conhecido de soluto

alcalino titulado. Depois de eliminado o excesso de agua oxigenada, mede-se em presenca do tornezol com um soluto titulado acido, a quantidade d'alcali não transformada em formiato de sodio.

O autor observou as seguintes causas de erro:

- 1.º — Eliminação incompleta do excesso de agua oxigenada.
- 2.º — Viragem incerta.
- 3.º — Oxidação incompleta do aldeido.

A 1.ª e 2.ª não tem grande importancia pois que é necessario grande excesso de agua oxigenada para ter influencia sobre o indicador.

A oxidação incompleta é a principal.

O autor verificou a existencia quasi sempre de aldeido que não foi oxidado, quer pelo cheiro, quer pelo reagente de Nessler.

Ainda uma causa de erro importante é a seguinte:

Como é sabido o aldeido é oxidado obtendo-se acido formico que tambem por sua vez é oxidado dando anidrido carbonico e agua.



oxidação que se pode verificar experimentalmente, empregando para a dosagem soluto de soda privado de carbonato por adição d'um excesso de cloreto de bario; adicionando pouco a pouco agua oxigenada ha formação crescente de carbonato de bario.

A presenca do anidrido carbonico no soluto explica-nos a impossibilidade de se ter uma viragem nitida.

O autor tambem verificou que a proporção de anidrido carbonico aumenta com a temperatura.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Dosagem do aldeido formico pela mistura de iodo + carbonato de sodio

O autor empregou:

Soluto comercial de formol a 1 %	5 c. c.
Soluto de carbonato de sodio crist. a 15 %	10 c. c.
Soluto n/10 de iodo	20 c. c.

Prolongou o contacto até 36 horas tendo verificado que a reacção é completa ao fim de 4 horas. A partir d'este momento continua o fenomeno de oxidação do acido formico.

Este método é semelhante ao método de Romijn que utiliza a acção oxidante do iodo em presença d'alcalis o que permite efectuar a dosagem n'alguns minutos.

Este método também não é isento de causa de erro devido á oxidação do ácido formico, mas seguindo exactamente a técnica indicada pelo autor esse erro é pequeno e praticamente sem importancia. Se o formol contem acetona os métodos são erroneos.

Dosagem pelo método do iodo mercurato de potassio

Os reagentes necessarios são:

1.º—Soluto de iodo mercurato de potassio:

Bi-cloreto de mercurio	13,55 gr.
Iodeto de potassio.....	36 gr.
Água destilada q. b.....	500 c. c.

2.º—Soluto de soda caustica pura a 27 %.

3.º—Soluto comercial de formol diluído a 1 grama por 100 c. c.

N'um Erlenmeyer deita-se:

Soluto de formol a 1% — 5 c. c.

Soluto de iodomercurato de potassio — 35 c. c.

Deita-se em seguida, pouco a pouco, agitando:

Soluto de soda caustica — 20 c. c.

Tapa-se e a agita-se de vez em quando durante 5 minutos.

Aparece primeiro um precipitado vermelho que escurece gradualmente até se tornar quasi negro.

O fim da reacção é atingido passados 10 minutos, mas para haver a certeza, deixa-se em contacto durante 15 minutos. Deve ter desaparecido todo o cheiro do formol.

Aciduta-se pelo ácido clorídrico diluído (1:2), tendo cuidado de o deitar pouco a pouco, arrefecendo em água corrente. Em geral são necessarios uns 20 c. c.

Com uma chupeta deita-se 20 c. c. de soluto n/10 de iodo e agita-se até á completa dissolução do precipitado de mercurio.

Doseia-se o excesso de iodo por um soluto n/10 de hiposulfito.

20-n é o volume de iodo empregado para oxidar 0,05 gr. de soluto comercial de formol. O peso de aldeído contido em 100 g. de soluto será:

$$P = \frac{30 [(20-n) 0,0127] 2000}{254}$$

ou simplificando $p = 3 (20 - n)$

Variando o tempo de contacto de 10 minutos a 24 horas o auctor obteve sempre resultados constantes. O formiato formado não tem acção.

Dosagem do composto bi-sulfitico do aldeido formico:

Verificação da dosagem do aldeido formico pelo reagente de Nessler.

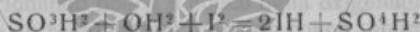
Não são apoiados sobre base segura todos os metodos de dosagem do formol pois que não se pode partir d'um peso definido de aldeido puro e a trioximetilena não apresenta composição constante.

O autor parte então d'um composto definido o composto bi-sulfitico cuja composição é constante e que corresponde á formula



O autor procede da seguinte forma:

O aldeido formico é oxidado muito lentamente pelo iodo em presença do bi-carbonato de potassio e o sulfito livre é ao contrario oxidado instantaneamente. Os compostos aldeidicos são tambem oxidados rapidamente dando sulfato.



A oxidação d'uma molecula de sulfito necessita de dois atomos de iodo. Efectua então sobre um peso determinado de composto bi-sulfitico, uma primeira dosagem com iodo, doseando o excesso d'este com um soluto titulado de anidrido arsenioso tendo adicionado previamente uma quantidade necessaria de bi-carbonato de potassio.

Adiciona em seguida uma quantidade necessaria de alcalis para neutralisar o bi-carbonato de potassio introduzido.

Deita o reagente mercurial e efectua uma nova dosagem seguindo a tecnica já descrita.

São necessarios 2 atomos de iodo para a oxidação completa d'uma molecula de aldeido e portanto para a molecula do composto bi-sulfitico serão precisos 4 atomos de iodo.

As numerosas dosagens feitas pelo auctor, variando o tempo de oxidação, foram sempre concordantes.

A primeira oxidação não deve ser prolongada pois que ha um começo de oxidação do aldeido, obtendo-se portanto um numero de iodo um pouco superior na oxidação do sulfito havendo portanto diminuição de consumo do iodo no segundo tempo de dosagem, mas a totalidade do iodo utilizado é sempre o mesmo.

O auctor tira as seguintes conclusões:

1.º—A dosagem do formol pelos metodos de oxidação não são precisos, pois que a oxidação continua sobre o acido formico formado.

a) O metodo de Codex é mau;

b) O metodo de Romijn, quando se opera como o autor indica é pratico e recomendavel pela sua simplicidade. Contudo a presença possivel de acetona no soluto de formol dá resultados erroneos;

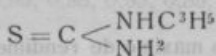
c) O metodo do auctor (iodo mercurato de potassio) é seguro e tem vantagem sobre o precedente por não ser influenciado quer pela possivel existencia de acetona quer pelo acido formico.

2.º—Existe um metodo de verificação de dosagem do aldeido formico a partir do seu composto bi-sulfítico.

Dosagem do alilsenevol na mostarda

por M. M. E. Luce e A. Doucet

O valor d'uma farinha de mostarda depende da quantidade de alilsenevol, produzida pelo desdobramento do mironato de potássio sob a influencia da miosina em presença da agua. O Codex exige um minimum de 0,7% e emprega para a dosagem o metodo de Dieterich baseado sobre a precipitação do enxofre da essencia, pelo azotato de prata amoniacal com formação intermediaria de aliltioureia



Segundo a tecnica do Codex os resultados obtidos são quasi sempre inferiores aos exigidos.

São numerosos os estudos feitos sobre a dosagem do alilsenevol na mostarda e tambem diversas as suas conclusões.

Assim Schlicht aconselha uma maceração de 16 horas afim de efectuar a decomposição completa do glucosido. Segundo Boutron a maceração pode ser prolongada de 12 a 24 horas. Penau concorda com a maceração de 6 horas (Codex) Vuillemin, Carles Marguerit reduziu o tempo da maceração a 1 hora e Raquet propõe uma digestão com alcool diluido a 30—35° c.

Para a dosagem do enxofre, uns pesam o sulfureto de prata, outros doseiam o excesso da prata por volumetria e alguns aconselham a fazer reagir o azotato de prata a B. M.

Os autores apresentam o seu trabalho como contróle dos varios metodos com o fim de estabelecer a verdade examinando-os sobre 3 pontos de vista.

1.º—O enxofre de alilsenevol é integralmente transformado em sulfureto de prata e o precipitado corresponde á formula SAg_2 ?

2.º — O rendimento da essencia é influenciado pela temperatura e a duração da maceração?

3.º — Quaes são as condições experimentaes mais convenientes para que a reacção entre a aliltioureia e o azotato de prata seja completa?

Precipitação do enxofre do alilsenevol

Os autores verificaram que fazendo reagir o nitrato de prata amoniacal sobre o alilsenevol a frio durante 24 horas, em soluto alcoolico, o precipitado não é constituído unicamente por sulfureto de prata pois que contem 7 % de enxofre em excesso. Segundo Kuntze o precipitado contem uma certa quantidade d'um derivado organoargentico cuja formula é



O mesmo quimico verificou que este derivado não é estavel a quente e que se pode evitar a sua formação fazendo reagir o nitrato de prata amoniacal a quente.

O autor verificou que assim succedia aquecendo, os reagentes a B. M. empregando refrigerante ascendente.

Influencia da temperatura da maceração

A temperatura da maceração tem grande influencia no rendimento da essencia.

A quantidade de alilsenevol diminue notavelmente com a elevação de temperatura.

O autor verificou que o maximo de rendimento era entre -3° e $+3^{\circ}$ c macerando 5 gramas de mostarda em pó e 100 gramas de agua durante 6 ou 12 horas. As diferenças obtidas entre $+3^{\circ}$ e $+22^{\circ}$ c chegou a ser de 26 %.

Quanto tempo deve durar a maceração?

Os autores verificaram que a quantidade de essencia formada diminue com o tempo de maceração, bastando macerar somente durante 1 hora.

Parece que com o tempo se deve efectuar uma reacção secundaria que destrua uma parte da essencia posta em liberdade.

Os autores fizeram os seguintes ensaios:

5 gramas de mostarda em pó foram macerados; a primeira hora a 15° c e as outras 5 horas a 3 temperaturas diferentes 5° , 15° e 37°

1 hora a 15° c	0,9306
1 hora a 15° c + 5 horas a 5°	0,9008
» » » » + 5 » a 15°	0,8514
» » » » + 5 » a 37°	0,7360

Fazendo macerações a varias temperaturas mas somente durante 1 hora os autores encontraram os seguintes resultados:

1 hora a 8° — 0,9306

1 hora a 15° — 0,9306

1 hora a 37° — 0,9306

Temos pois que *durante a primeira hora a influencia da temperatura é nula.*

Acção da essencia sobre o azotato de prata amoniacal

Depois das experiencias feitas pelos auctores concluem que se deve fazer reagir o nitrato de prata amoniacal á temperatura do B. M.

Operando com 5 gramas de mostarda os resultados obtidos são concordantes, quer operando a quente quer a frio durante 24 horas. Ao fim de 6 horas a frio, a reacção é completa.

Resumo — Para obter resultados exactos os auctores propdem que se deve seguir o metodo do Codex com as seguintes modificações:

1.º — Reduzir o tempo de maceração a uma hora sem se preocupar com a temperatura;

2.º — Deixar em contacto o azotato de prata amoniacal quer seja a frio durante 6 horas quer seja a quente durante 1 hora a 80 — 85° operando com refrigerante ascendente.

A quantidade de essencia exigida pelo Codex 0,70% é pequena, tal mostarda é de qualidade inferior.

A mostarda de boa qualidade tem em geral 1% aproximado de essencia; assim o autor encontrou 0,99, 0,98, 0,93, 0,89, 0,87, 0,75 %.

Centro de Documentação Farmacêutica QUÍMICA BIOLÓGICA e dos Farmacêuticos

Pesquisa do indican na urina e no sangue

por M. A. Jolles

Em vez de transformar o indican em indigo pelo metodo ordinario, o autor recomenda o metodo seguinte:

O indican urinario é constituído pelo indoxilsulfato de potassio; este, submetido á oxidação pelo perclorato de ferro em presença do timol, dá um composto que com uma molecula de acido cloridrico forma uma materia corante violeta.

O autor trata a urina ou o sangue pelo cloroformio. O extracto cloroformico é adicionado de timol, acido cloridrico concentrado e percloroeto de ferro. Em presença do indicán forma-se coloração violeta.

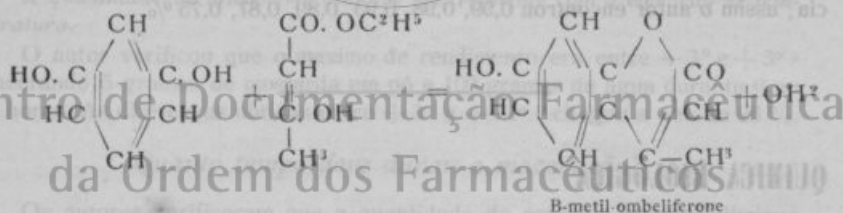
Reação característica do acido acetilacetico e seus eters por formação do metil-ombeliferone

por M. M. V. Arréguine e D. Garcia

São numerosas as reações empregadas para a pesquisa do acido acetilacetico ou seus eters, na urina, acido que acompanha a acetona e o acido B-oxibutirico em certas doenças (diabetes, etc.), mas nenhuma é verdadeiramente característica.

A transformação d'este acido em B-metil-ombeliferone é uma reação especifica, apresentando tambem a vantagem de ser extremamente sensível pois que se produz ainda em solutos aquosos que contemham 1 centesimo de miligrama por c. c., podendo-se efectuar a reação sobre 5 c. c. de urina contendo somente 0^{ra},02 por c. c.

Fundamenta-se na reação de condensação descoberta por Pechmann e Duisberg, reação que se produz em meio cloridrico entre a resorcina e o acido acetilacetico ou seus eters.



A B-metil-ombeliferone é posta em evidencia pela fluorescencia azul muito intensa que apresenta em soluto alcalino.

Para pesquisar o acido acetilacetico o autor indica o metodo seguinte:

Acidular 50 c. c. de urina com 1 ou 2 gotas de acido cloridrico, adicionar por duas vezes 5 c. c. de cada vez de cloroformio ou melhor tetracloroeto de carbono que se emulsiona menos, agitar, decantar e separar.

Reduzir a 2 c. c. por evaporação a banho-Maria o cloroformio ou o tetracloroeto de carbono; adicionar 0,1 gr. de resorcina, 2 c. c. de acido cloridrico concentrado e aquecer para eliminar o dissolvente empregado. Depois de frio adicionar um pouco de agua e amonia para alcalinizar levemente; havendo acido acetilacetico vê-se aparecer fluorescencia azul característica.

O emprego do percloroeto de ferro para a pesquisa do acido acetilacetico nas urinas

por M. Maxwell

O percloroeto de ferro dá com as urinas que contem acido acetilacetico coloração vermelha; esta reação não é especifica.

O autor verificou que adicionando percloroeto de ferro a uma urina d'um doente que tinha ingerido bi-carbonato de sodio a urina se corou de vermelho, coloração semelhante á que se obtem quando em presença do acido acetilacetico.

O autor ingeriu 6 gramas de bi-carbonato de sodio em 24 horas e verificou que a sua urina dava a mesma coloração.

E' provavel que o percloroeto de ferro dê com o bi-carbonato de sodio, oxido ferrico com libertação de anidrido carbonico e que o oxido se dissolva no excesso de percloroeto dando a coloração vermelha que é tanto mais forte quanto a urina contem mais bi-carbonato de sodio.

E' então necessario, antes de pesquisar o acido acetilacetico eliminar o bi-carbonato.

Processo de coloração policromo applicavel aos sedimentos urinaarios

Soluto n.º 1

Soluto aquoso de azul de anilina a 5 0/0.

Soluto n.º 2

Eosina..... 2,5 gramas

Glicerina 100 »

Acido fenico 5 »

N'um tubo de centrifuga de 10 c. c. deita-se a urina e 1 gota do soluto n.º 1 e 6 a 8 gotas do soluto n.º 2; centrifuga-se e faz-se o exame microscopico.

Metodo colorimetrico rapido de dosagem do fosforo na urina e sangue

por M. M. R. D. Bell e E. A. Doisy

Os autores verificaram que a hidroquinona dá em presença do acido fosfomolibdico, coloração azul, ainda visivel em solutos contendo 0mg,005 de fosforo no estado de fosfato. E' a reação inversa de Folin e Denis que

caracterisa os fenoes pelo soluto fosfomolibdico. Estes autores operam com um excesso de acido molibdico ao passo que Bell e Doisy operam com um excesso de hidroquinona.

O metodo exige o emprego dos seguintes reagentes:

1.º — *Soluto de acido molibdico* — Dissolver 50 gramas de molibdato de amonio em 1 litro de soluto normal de acido sulfurico.

2.º — *Soluto de hidroquinona* — Dissolver 20 gramas de hidroquinona em 1 litro de agua e adicionar 1 c. c. de acido sulfurico. Este soluto cora-se pouco a pouco.

3.º — *Soluto de sulfito e carbonato de sodio* — A 2 litros de soluto de carbonato de sodio a 20%, adicionar 75 grams de sulfito de sodio dissolvido em 500 c. c. de agua distilada.

Adicionando 5 c. c. de soluto molibdico, 5 c. c. de soluto de hidroquinona e 25 c. c. de soluto de carbonato e sulfito de sodio deve-se obter um soluto incolor.

4.º — *Soluto de fosfato mono-potassico* — Dissolver 4,394 de fosfato mono-potassico dessecado sobre acido sulfurico até peso constante em q. b. d'agua para obter o volume de 1 litro.

1 c. c. de soluto contem 0,001 gr. de fosforo. Adicionar algumas gotas de cloroformio para o conservar.

5.º — *Soluto de fosfato para a dosagem do fosforo na urina* — Deitar n'um balão de 500 c. c. 50 c. c. de soluto de fosfato mono-potassico, completar o volume e adicionar umas gotas de cloroformio.

5 c. c. d'este soluto contem 0,0005 gr. de fosforo.

6.º — *Soluto de fosfato para o sangue* — N'um balão de 1000 c. c. deitar 5 c. c. do soluto primitivo de fosfato mono-potassico, completar o volume e adicionar algumas gotas de cloroformio.

5 c. c. contem 0,000025 gr. de fosforo.

Modo operatorio — Medir 5 c. c. de urina (ou menos se contem muitos fosfatos), deitar para um balão graduado de 100 c. c. e adicionar 25 c. c. de agua. N'um outro balão de 100 c. c. deitar 5 c. c. de soluto de fosfato (sól. n.º 5) e juntar igualmente 25 c. c. de agua. Em cada balão deitar 5 c. c. do soluto n.º 1, 5 c. c. do soluto n.º 2 e passados 5 minutos, 25 c. c. do soluto n.º 3, completar o volume de 100 c. c. e agitar. Passados 5 ou 10 minutos fazer a dosagem colorimetrica.

Se a urina é muito corada os auctores aconselham a trata-la pelo carvão animal.

Obtem-se assim a quantidade fosforo inorganico.

Para se dosear o fosforo total, deitar 1 c. c. de urina n'um tubo d'ensaio, adicionar 6 a 8 gotas de acido sulfurico e 1 c. c. de acido azotico. Aquecer com cuidado até que se não libertem vapores nitrozos e o liquido esteja incolor. Operar depois pelo metodo acima descripto.

O fosforo organico não se obtem por differença, devendo-se precipitar os fosfatos mineraes pela barita.

Medir 20 c. c. de urina para um balão graduado de 25 c. c., alcalinizar

por adição de hidrato de bário em pó, completar o volume, filtrar, medir 20 c. c. do filtrado para um balão de 25 c. c., acidificar levemente pelo ácido sulfúrico, para precipitar o excesso de barita, completar o volume e filtrar.

1 c. c. d'este filtrado $\langle \rangle$ 0,64 c. c. de urina.

10 c. c. d'este filtrado são adicionados de ácido sulfúrico e ácido azótico e operar da forma já indicada.

Os resultados obtidos pelos auctores foram geralmente superiores aos obtidos pelo método gravimétrico e inferiores aos obtidos pelo método do uranio.

Para a dosagem do fósforo no sangue, é necessário operar sobre o plasma diluído a $\frac{1}{5}$ e defecado pelo ácido tricloroacético.

Caracterisação do ácido cianídrico nos glucosidos cianíferos naturais, por duas reacções micro-cristalinas

por G. Denigés

Esta caracterisação é baseada na reacção que se dá com a aloxane amoniaco e ácido cianídrico.

O reagente aloxane prepara-se rapidamente, aquecendo levemente n'um tubo d'ensaio, até se obter um liquido claro, uma mistura de 1 grama de ácido úrico, 1 c. c. de ácido azótico ($D=1,39-1,40$), e 1 c. c. de agua. Adiciona-se depois 50 c. c. de agua destilada.

Para pesquisar os glucosidos cianíferos, raspa-se ou moe-se alguns gramas do vegetal (feijão por exemplo), tritura-se com igual peso de agua, deita-se n'um tubo ou copo de vidro, baixo (3 a 5 cm. de altura de 15 a 18 mm. de diametro) e abandona-se durante algumas horas. Passado este tempo tapa-se o copo com uma lamina de vidro tendo ao centro suspensa uma gota do reagente aloxane, alcalinizada na ocasião do emprego, por uma pequena quantidade de amonia a 1:5, contida na extremidade d'uma vareta afilada. Ao fim de tempo variavel, segundo as condições (grau de divisão, temperatura, quantidade de glucosido, etc.) aparece uma turvação (4 a 10 minutos em geral) constituída por cristaes de oxaluramida. Substituindo o amoniaco por igual quantidade de piridina a reacção que se traduz pelo aparecimento de cristaes fasciculados é ainda mais sensível.

Muitas vezes a mistura cora-se de roseo devido á acção do ácido dialúrico sobre o excesso do aloxane, que dá a murexida. Este ácido forma-se ao mesmo tempo que a oxaluramida.

Microdosagem da ureia no soro sanguineo normal e patologico

por M. M. Maurice Nicloux e Georges Weiler

A 1 c. c. ou 0,5 c. c. ou mesmo a 0,3 c. c. de soro sanguineo, diluido com 5 vezes o seu volume de agua destilada, junta-se volume igual de reagente de Tanret (volume do soro); o volume inicial do soro fica pois diluido a $\frac{1}{7}$. Filtra-se. A 1 c. c. do filtrado adiciona-se igual volume de acido acetico cristalisavel e 0,2 c. c. d'um soluto de xantidrol a 5% em alcool-metilico. A ureia precipita no estado de dixantato. Filtra-se atravez d'um micro-cadinho de Neubauer e pesa-se. O peso da dixantilureia dividido por 7 dá o peso da ureia.

Como é facil de verificar, opera-se com 1 c. c. de filtrado do soluto de soro defecado, o peso da dixantilureia dá directamente e sem calculo o peso da ureia por c. c. de soro qualquer que seja o volume de que se partir.

Em geral serve-se da balança de Kuhlmann cuja sensibilidade é d'ordem do milessimio de miligrama. O erro relativo não passa de 2 a 3%.

Dosagem do calcio no sangue

por P. Mazzocco

Ao soro (1 a 5 c. c.) adiciona-se igual volume de soluto de acido triclo-racetico a 15%, mistura-se e filtra-se por filtro sem pregas depois de 10 minutos de contacto.

Destaca-se o precipitado com o auxilio de uma vareta, deita-se para o mesmo copo, adiciona-se c. c. de soluto de acido tricloracetico a 5%. Filtra-se pelo filtro, lava-se reunindo todos os filtrados.

Precipita-se o calcio pelo oxalato de amonio (2 c. c. do soluto a 2,5%) e amonia em leve excesso.

Ferve-se durante 10 minutos e deixa-se repousar durante 6 horas.

Trasvasa-se o liquido e precipitado para um tubo de centrifuga, separa-se e lava-se 2 vezes o precipitado por centrifugação e decantação. Dissolve-se o precipitado em 4 c. c. de soluto de acido sulfurico a 5% aquecido a 60° e doseia-se com um soluto de permanganato de potassio.

E' indispensavel, segundo o autor, preparar o soluto de permanganato de potassio da seguinte forma. O soluto de 0,25% c. c. é aquecido lentamente durante 36 horas em balão com refrigerante ascendente; filtra-se por amianto calcinado. O soluto conserva-se durante 2 mezes. Titula-se de 3 em 3 dias com soluto de acido oxalico a 1,101 por 1000 c. c.

10 c. c. correspondem a 25 c. c. de soluto de permanganato. Cada c. c. corresponde a 0,00014 de calcio.

Pesquisa do bismuto na urina

por Pierre Aubry

O autor teve ocasião de verificar que n'alguns doentes, durante o tratamento antisifilítico pelos saes de bismuto, a urina apresentava pouco tempo depois da emissão coloração negra e que por repouso dava rapidamente um deposito negro. O autor verificou que este deposito era constituído por sulfureto de bismuto.

Nem todos os individuos submetidos ao tratamento pelo bismuto apresentavam os mesmos sintomas. O autor quiz verificar se as urinas dos doentes, que não apresentavam nada de anormal, tambem continha bismuto.

O autor não empregou o reagente de Léger que é um dos mais sensível ($\frac{1}{500.000}$) e que tem por base a cinchonina, empregando o reagente seguinte:

Sulfato de quinina	1 gr.
Iodeto de potassio	2 »
Agua destilada	q. s. para 100 c. c.

Dissolve o sulfato em 10 c. c. de agua adicionada de 3 a 4 gotas de acido sulfurico, adiciona o iodeto de potassio dissolvido em 100 c. c. e completa o volume de 100 c. c.

O autor verificou que a sensibilidade d'este reagente é de $\frac{1}{1000.000}$ de Bi^{203} .

Evapora 50 a 100 c. c. de urina clara a secura e calcina até obter cinzas brancas. Trata o residuo por agua levemente acidulada pelo acido azotico. Filtra o soluto e adiciona o reagente iodoquimico. Em todos os casos o autor obteve um precipitado vermelho caracteristico, mais ou menos abundante.

O bismuto passa na urina d'uma forma constante.

Diagnostico individual do sangue e do espermen

por M. Dervieux

O autor preparou um soro precipitante, injetando n'um coelho, 5 doses de 2 c. c. de cada vez d'um mesmo espermen humano com os espermatozoides ainda viventes. As injeções foram praticadas de 3 em 3 dias. Ao fim de 3 se-

manas sangrou o coelho pela carotida e recolheu o soro aseticamente.

Este soro tem a propriedade de dar precipitado com o espermen e o sangue humano, ao passo que se o coelho tivesse sido injectado com o sangue humano o seu soro dava precipitado com sangue mas não dava com o espermen humano.

Os resultados obtidos pelo autor foram:

1.º—O soro precipitou com o espermen humano e não deu precipitado com o espermen d'estes animaes.

2.º—Este soro precipita muito mais abundantemente com o espermen original do que com espermen humano d'outra proveniencia.

3.º—Este soro dá precipitado com diluições de sangue humano, o que não sucede com o soro preparado por injectão de sangue humano sendo portanto mais sensivel.

4.º—O soro do coelho preparado com o espermen humano dá um precipitado com diluições com sangue do homem não dando em diluições mais concentradas do sangue de mulher.

5.º—O mesmo soro dá como já foi dito, um precipitado com qualquer sangue humano, mas o precipitado é mais abundante com fortes diluições de sangue pertencente ao mesmo individuo que forneceu o espermen injectado ao coelho.

O autor diz-nos que com o soro do coelho preparado como acima descreve se pode:

1.º—Diagnosticar a origem humana d'um espermen;

2.º—Verificar se o espermen provem d'um individuo e não d'outro;

3.º—Diagnosticar a origem humana d'um sangue;

4.º—Verificar se o sangue provem d'um homem ou d'uma mulher;

5.º—Verificar se o sangue provem d'um dado individuo.

Emfim, o processo permite provar a origem humana d'um espermen ou d'um sangue, de fazer o diagnostico individual d'um espermen, de diferenciar o sangue do homem do da mulher e de fazer o diagnostico individual do sangue.

O autor lembra que talvez se possa preparar da mesma forma soros com espermen de diferentes animaes que devem ter propriedades identicas e que talvez o metodo possa resolver certos problemas de parentesco entre as diversas especies pois que os soros precipitantes tem especificidade d'especie, d'orgão e de individuo.

As actuaes teorias de coagulação do sangue

por M. J. Bordet

São numerosas as teorias que tentam explicar o fenomeno da coagulação do sangue mas nenhuma d'ellas ainda satisfaz completamente.

O autor apoiando-se sobre as mais recentes descobertas vem lançar luz explicando-nos melhor o phenomeno.

Devemo-nos lembrar que um factor muito importante e mesmo decisivo da coagulação do sangue é o contacto com um corpo solido extranho, o vidro por exemplo, que só reage fisicamente. O contacto, factor externo, põe em actividade o factor interno que existe no sangue, sendo assim que se encontra produzido o principio responsavel da coagulação a *trombina*. A *trombina* é um fermento solúvel que transforma o fibrinogeno em fibrina, não existindo no sangue circulante, mas sim no soro que contem grande quantidade.

É preciso considerar, no processo da coagulação do sangue, varios estados successivos sendo o mais importante o estado onde a *trombina* aparece, não tendo papel algum importante o fibrinogeno, pois que o seu papel é passivo e nada tem com o aparecimento da *trombina*.

Sabe-se que se pode impedir a coagulação do sangue, adicionando logo que sahe das arterias, 3 a 5 % de cloreto de sodio. Por centrifugação, obtem-se d'um lado os elementos celulares e d'outro o plasma que não coagula enquanto tiver dissolvido o cloreto de sodio, coagulando rapidamente logo que leve á concentração salina normal.

Chega-se aos mesmos resultados descalcificando o sangue pelo oxalato de potassio. O plasma oxalato obtido por centrifugação, coagula por adição d'um sal de calcio solúvel.

Ainda se pode impedir a coagulação recebendo o sangue n'um vaso parafinado. Por centrifugação obtem-se o plasma que fica fluido pelo menos durante 24 horas e que coagula rapidamente logo que se põe em contacto com o vidro.

Notemos ainda, que M. Delezenne mostrou, que o sangue das aves poder-se-hia conservar fluido durante muito tempo, se tomar-mos cuidado de evitar o contacto com o ferimento por onde elle escorre, pois que o succo celular contem um producto que favorece a coagulação. Pode-se separar facilmente por centrifugação o sangue das aves em celulas e plasma.

Outro metodo ainda nos permite separar as celulas e plasma antes do aparecimento do principio coagulante, a *trombina*, e de os estudar separadamente.

Sabe-se que deve existir no plasma, saes de calcio para que a coagulação tenha lugar. Mas a acção d'estes saes é bem limitada. São necessarios ao aparecimento da *trombina*, mas não são necessarios á acção da *trombina* sobre o fibrinogeno para o transformar em fibrina. No sangue oxalatoado á sahida das arterias não se forma nem vestigios de *trombina*, ao passo que se adicionar-mos oxalato ao soro fornecido pela coagulação normal do sangue, contendo por consequencia a *trombina*, este mesmo soro oxalatoado adicionado ao plasma igualmente oxalatoado á sahida das arterias, produz a coagulação d'este ultimo.

A *trombina* coagula então o fibrinogeno na ausencia dos saes de calcio.

Qual é agora a acção de contacto? Bardet e Gengou mostraram que esta acção era d'uma certa forma analoga á do calcio; é necessario ao aparecimento da *trombina* mas não é necessario á sua acção coagulante.

XVI Como explicar a formação da trombina que não existe no sangue e para a qual é necessario o contacto das paredes dos vasos e os saes soluveis de cálcio?

A trombina é o resultado da acção mutua de 2 substancias diferentes sendo uma fornecida pelas celulas do sangue e a outra pelo soro.

A primeira que existe tambem em grande quantidade nas celulas dos musculos é chamada *citozima* e a outra *serozima*.

A citozima é de natureza lipoide e resiste á acção do calor a $+100^{\circ}$ C. e á maior temperatura. Diz-se que é termostavel.

A citozima existe nas *plaquetes* do sangue. Para as obter, centrifuga-se lentamente o sangue oxalitado, separando-se assim os globulos vermelhos e brancos; o plasma que sobrenada é turvo e rico em *plaquetes*. Decanta-se e centrifuga-se durante bastante tempo e com grande velocidade. Lava-se o deposito com cuidado e põe-se em suspensão no soro fisiologico. Quando se adiciona um pouco d'esta emulsão a um soro que não contenha ou que contenha pouca trombina, forma-se grande quantidade de fermento devido á união da citozima contida.

A citozima pode ser facilmente extrahida das *plaquetes*, tratando-se uma emulsão d'estas por um grande excesso de alcool absoluto; obtem-se um liquido que dá por evaporação um residuo solúvel no alcool, eter, toluena e cloroformio e insolúvel na acetona. Este residuo reage como uma citozima muito activa. Estrae-se igualmente dos musculos uma citozima bastante activa. A citozima é pois um lipoide.

De que natureza é a segunda substancia que concorre para a formação da trombina?

A serozima é fornecida pelo plasma; é um termolabile; a $+56^{\circ}$ C. é destruida. Para a extrahir do plasma aproveita-se-lhe a propriedade que tem de ser arrastada pelos precipitados d'origem mineral.

Quando se agita o plasma oxalitado com o fosfato tricalcico, a serozima fixa-se no fosfato, o que prova que o plasma centrifugado e recalificado não coagula mais, mesmo que se junte uma emulsão de *plaquetes* ou um soluto de citozima lipoidico.

O fosfato tendo absorvido a serozima, lavado com cuidado, dissolve-se em agua por uma corrente de anidrido carbonico, ficando em liberdade a cérozima. Se ao soluto assim obtido, adicionar-mos citozima extrahido dos *plaquetes*, obtemos um liquido contendo grande quantidade de trombina.

A origem da trombina resulta pois da união da citozima com a serozima.

A forma d'união d'estas duas substancias lembra as das toxinas e antitoxinas, união que não é regida por leis quimicas, mas em proporções variaveis, parecendo resultar não de afinidades quimicas verdadeiras mas sim d'uma afinidade de contacto ou de adesão de moleculas.

Existe um outro facto mais notavel: é o tempo necessario para que as duas substancias se unam. Se misturar-mos a citozima a um soro proveniente d'un plasma oxalitado recalificado, a trombina aparece rapidamente, uma questão de segundos. Ao contrario, se juntar-mos a citozima ao plasma oxalitado e se recalifica depois, o aparecimento da trombina é fortemente

retardada. Podemos pois dizer que a serozima reagirá com a citozima rapidamente que está no soro e lentamente quando está no plasma, d'onde se conclue que a serozima não existe no mesmo estado no plasma e no soro e que no estado em que existe no plasma não pode reagir com a citozima, podendo dizer-se que o plasma contem uma *proserozima*.

Um dos primeiros fenomenos na coagulação do sangue deve ser a transformação da preserozima, incapaz de se unir á citozima, em serozima que pode realizar esta união.

Sob que influencia se faz esta transformação?

E' aqui que interveem os sais de calcio e o contacto das paredes dos vasos, como o autor passa a demonstrar :

Quando se satura o plasma oxalatado, de cloreto de sodio, precipita o fibrinogeneo. Depois de fortemente centrifugado, tira-se o liquido que sobrenada com uma pipeta e elimina-se o cloreto de sodio por dialise em presença do soluto fisiologico oxalatado. Obtem-se assim um liquido que representa exactamente o plasma normal oxalatado menos o fibrinogeneo e que não coagula mais. Como é oxalatado, não contem trombina, mas formar-se-ha grande quantidade logo que se lhe adicione saes de calcio e de citozima. Com efeito, com a adição d'um sal de calcio e de citozima ha formação de trombina, mas esta formação é lenta sendo preciso algumas vezes mais de meia-hora para que a mistura adquira a propriedade de coagular quasi instantaneamente um soluto de fibrinogeneo; para a transformação da proserozima em serozima é necessario tempo.

Mas se adicionar-mos o sal de calcio e passado 1 ou 2 horas adicionarmos citozima á trombina, aparece quasi imediatamente depois da adição da citozima, o que prova a acção dos saes de calcio sobre a transformação da proserozima em serozima, mostrando ainda esta experiencia que a transformação se faz sem a intervenção do fibrinogeneo.

Para mostrar a acção do contacto, basta fazer experiencias em vasos parafinados; a faculdade de reagir com a citozima para formar a trombina não aparece senão depois de longo tempo.

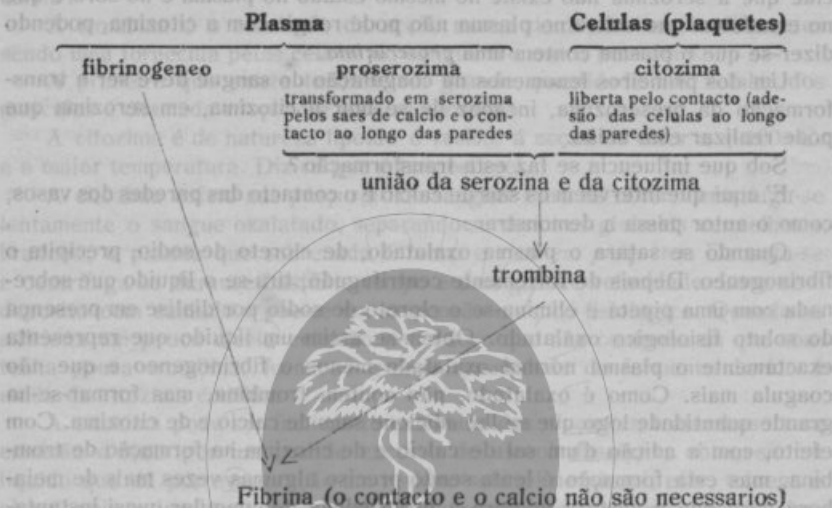
da Ordem dos Farmacêuticos

Vê-se portanto que em 83% dos casos, a constante está compreendida entre 83 e 87 o que permite dizer que em 85% a constante é superior a 5% e posta em evidencia. Se admitir-se a constante 81 menor que a constante 83, o resultado é o seguinte:

Por M. Hoehn

Verificou o autor, em estudos fisiologicos, que as cinzas e a lactose variam em sentido inverso no decurso da lactação. Ao passo que a quantidade de lactose é elevada no leite de vaca recentemente parida para dimi-

Para resumir os factos o autor dá-nos o seguinte esquema que mostra claramente a ordem de sucessão dos phenomenos:



Mas, em condições ordinarias da coagulação do sangue, o mecanismo é ainda mais complicado, por causa d'uma propriedade particular da trombina que merece ser chamada a atenção.

Vimos que a trombina resulta das uniões da serozima e da citozima e que estas duas substancias se combinam em proporções variaveis. A consequencia d'esta propriedade é, que se um dado complexo é rico em serozima é capaz de se unir a uma quantidade adicional de citozima, e, se é rica em citozima, o caso geral na coagulação do sangue, mostra uma afinidade notavel para com uma nova quantidade de serozima; e esta afinidade é tão grande, que a trombina ordinaria (união da citozima e da serozima com excesso da primeira) absorve a serozima mesmo quando esta existe no estado de proserozima.

A trombina já formada accelera então a transformação da proserozima em serozima podendo dizer-se que a trombina accelera a formação da trombina.

Quimica bromatologica

Novo criterio para verificar se o leite é aguada

por M. Bouin

Verificou o autor, em estudos fisiologicos, que as cinzas e a lactose variam em sentido inverso no decurso da lactação. Ao passo que a quantidade de lactose é elevada no leite de vaca recentemente parida, para dimi-

nuir em seguida progressivamente, a quantidade de cinzas é relativamente pequena, aumentando á medida que se afasta da época da parição. As variações produzem-se em sentido inverso, tendo então tendencia a compensar-se, mas devido á quantidade de cinzas ser relativamente pequena, a compensação gradual não se produz.

O autor verificou que juntando ao peso da lactose hidratada 5 vezes o peso das cinzas totaes e referindo tudo ao litro, obteve um numero que representa uma constante notavel nos diferentes leites exceptuando os leites colostraes.

Ao passo que o extracto desengordurado (constant de Gros) pode normalmente apresenta variações de mais de 20 %, a constante de Cornalba 17 a 19 % e a constante molecular simplificada de Mathieu e Ferée mais de 16 %, a soma « lactose hidratada + cinzas \times 5 » não tem variações de 7 a 8 %. A nova constante proposta pelo autor é portanto superior ás outras indicadas.

Estudando as variações, viu que a constante é fraca no colostro, aumentando rapidamente no 4.º ou 5.º dia, abaixando depois tambem rapidamente aproximando-se de 86. A partir d'este momento o leite deixa de ter os seus caracteres de colostro e a curva representativa da nova constante conserva-se em 85 com tendencia a ser elevada nas vacas de leite recente encontrando-se nos limites 83-87.

Nas vacas de leite antigo abaixa a 85. Este abaixamento da constante nos leites velhos é devido á existencia de quantidades elevadas de materias gordas e proteicas; n'estes casos duvidosos é util efectuar a correção dos volumes do insolúvel.

O autor fez 273 analyses tendo sido eliminados os leites colostraes.

Numeros obtidos:

inferior a 83	9	3,3 %
superior a 87	6	2,2 %
entre 83 e 87	258	94,5 %
inferior a 84	51	18,7 %
entre 84 e 87	216	79,1 %

Vê-se portanto que em 95 % dos casos, a constante está comprehendida entre 83 e 87 o que permite dizer que em 95 % dos casos uma molhagem superior a 5 % é posta em evidencia. Se admitir-mos a constante 81 menos que na quasi totalidade os casos de molhagem de 7 % não passa despercebido.

O autor empregou o metodo indicado por Ogier que aconselha n'estes

Quimica farmaceutica

Excipientes para pomadas e unguentos

Sr. Dr. Bettencourt Ferreira

A extraordinaria procura e o consumo intensivo de substancias gordas durante a guerra e já depois de apaziguado o conflito mundial abriu uma especie de crise na produção d'essas gorduras e suas applicações.

D'antes, como é sabido, utilizavam principalmente na farmacia as gorduras animaes e os oleos vegetais, que ainda hoje se empregam, mas tambem a ser substituidos por outros corpos gordos, como base de pomadas e unguentos, para excipientes de certos compostos medicamentosos.

O preço das gorduras de procedencia animal elevou-se exageradamente e a procura d'essas substancias para alimentação é tambem uma causa de ascensão do seu custo.

Forçoso é portanto substitui-las, tanto mais que ellas são sujeitas a alterações que as tornam improprias para o emprego medicamentoso. As conhecidas fabricas Bayer e Keveskusen entregam-se á fabricaçào de novos produtos d'esta ordem, derivados do alcatrão da hulha por distillação, os quais são mais baratos e facilmente hidrataveis, de modo que se prestam muito bem a absorver na sua massa as quantidades necessarias do medicamento. As pomadas e unguentos manipulados com estes corpos gordos de origem mineral adquirem uma consistencia e uma macieza muito notaveis.

O seu processo de fabricaçào consiste principalmente na fusão de hidrocarbonetos oleosos, de escolhida combinaçào, como a cera e a parafina. Os hidrocarbonetos são extrahidos por condensaçào da naftalina com as combinações cloricas, bromicas ou iodicas dos corpos de benzol; combinando, por exemplo, o benzolchloride com a naftalina e aquecendo a uma temperatura de 50 a 100°, escapa-se um vapor condensavel, o qual se mistura a banho-maria com uma sexta parte de parafina. A pasta assim formada é muito aproveitavel para a manipulaçào de pomadas de zinco, mercurio, etc., usualmente applicadas no tratamento de doencas cutaneas e outras.

Quimica toxicologica

Causas d'erro na pesquisa toxicologica dos derivados do mercurio

por Léon Garnier

O autor teve que analisar uma porçào de somatose que continha sublimado corrosivo (tentativa de envenenamento criminoso).

O autor empregou o metodo indicado por Ogier que aconselha n'estes

casos a desagregação da materia organica pelo cloro empregando o clorato de potassio e acido cloridrico, eliminando o excesso de cloro pelo anidrido sulfuroso e depois de expulsar este por ebulição, passar uma corrente de de sulfidrico para precipitar o sulfureto de mercurio que se dissolve em agua regia; evaporar á secura, tratar o residuo pela agua e verificar no soluto a existencia de mercurio por qualquer dos seus reagentes.

O autor submeteu a dialise durante 48 horas, 15 c. c. do soluto dado para pesquisar o toxico. Reduziu o liquido exterior a 2 c. c. e verificou que dava as reacções dos cloretos; com o iodeto de potassio deu estrias amareladas e vermelhas desaparecendo no excesso; com o sulfidrico deu precipitado negro insolúvel no acido azotico. Estas reacções de fraça intensidade acusaram a presença d'uma quantidade minima de sal mercurial dialisado.

No soluto proteico que ficou no dialisador, pesquisou o mercurio empregando o metodo indicado por Ogier.

Com o sulfidrico deu um precipitado negro, insolúvel no acido azotico, dissolvendo-se rapidamente na agua regia; este soluto foi evaporado a B. M. até á secura, o pequeno residuo foi tratado pela agua e o soluto obtido que deve conter sublimado foi submetido a dois reagentes, o sulfidrico e o iodeto de potassio obtendo reacções negativas. O cloreto mercurico desapareceu durante a evaporação.

O autor verificou que realmente assim era. Fresenius no seu tratado de analyse quantitativa diz-nos que o cloreto mercurico é arrastado pelo vapor de agua.

E' pois necessario precauções para evitar a perda e mesmo o desaparecimento por completo do veneno metalico, durante as evaporações a B. M.

O autor aconselha a dissolver o sulfureto de mercurio na menor quantidade de agua regia possivel, e, ou se procede electroliticamente á separação do metal que se pesa e se caracteriza no estado de iodeto ou se dilue com bastante agua e se junta acido cloridrico em excesso e acido fosforoso ou acido fosfatico (obtido por oxidação do fosforo no ar humido) abandonando durante 12 horas a 30 — 40° C., recolhendo, lavando, secando, e pesando o calomelano obtido que servira para fazer diversas reacções do mercurio.

da Ordem dos Farmacêuticos

Nova reacção corada dos alcaloides da quina

por M. G. N. Watson

Quando se trata um soluto aquoso de sulfato de quinina por algumas gotas d'um soluto alcoolico saturado, recente de a — naftol contendo 2 gotas de acido sulfurico por c. c., obtem-se um precipitado amarelo e se se junta

um excesso de reagente o precipitado dissolve-se e obtém-se um soluto com a mesma côr.

O autor notou que os sulfatos de quinidina, cinchonina e de cinchonidina dão a mesma coloração que se não obtém com outro alcaloide.

O autor caracterizou por esta reação os alcaloides da quina em presença da atropina, morfina, cocaina, estricnina, cafeina, brucina, codeína e da antipirina.

Esta reação é sensível pois que ainda se obtém coloração com 1 c. c. de soluto de sulfato de quinina a 1:2000.

Diazo-reação da morfina

por M. Lautenschlager

A morfina e seus saes dá com os diazoicos, um soluto alcalino, materias corantes e em particular com o acido diazobenzeno-sulfonico. Juntando soluto aquoso a 2 % d'este acido a um soluto d'um sal de morfina alcalinizado por carbonato ou bi-carbonato de sodio forma-se coloração vermelha cuja intensidade está em relação com a quantidade de alcaloide passando a alaranjado quando se acidifica por um acido diluido. O limite de sensibilidade é de 1 = 10.000. A materia corante tem pouca afinidade para as fibras, em meio acido.

A morfina é só o alcaloide do opio que dá n'estas condições verdadeira materia corante. Os derivados sinteticos (diomina, heroína e peronina) não dão esta reação e poucos alcaloides usuaes a dão.

Dão coloração a morfina, emetina, esparteina, eserina, piperidina, conicina e a nicotina com o acido diazobenzeno-sulfonico, acido arsanilicodiazotado, cloreto de 2-5 diclorodiazotobenzeno, cloreto de p-nitrodiazobenzeno e tetrazotato de benzidina em solutos-alcalinos.

A acção fisiologica da morfina é destruida por estas combinações.

Pode-se portanto utilizar esta reação na pesquisa toxicologica da morfina quando em presença dos alcaloides sinteticos da morfina ou d'outros alcaloides.

O autor tambem diz que se pode dosear a morfina colorimetricamente com tanta segurança como pelo acido iodico ou pelo metodo de Marquis, tendo a vantagem de não ser influenciado pelos outros alcaloides do opio.

Quando se trata um soluto aquoso de sulfato de quinina por algumas gotas d'um soluto saturado recente de a-nitrobenzido 2 cotas de acido sulfonico, obtém-se um precipitado branco e se se limita a 1 c. c. de acido sulfonico a 1:2000.

O autor emprega o metodo indicado por Ogier que aconsella n'estes

Sobre a pesquisa do oxido de carbono

por M. C. R. Hoover

O autor emprega o seguinte absorvente do oxido de carbono:

Acido sulfurico fumante.....	53	a	56 %.
acido iodico.....	10,6	a	12 »
Pedra pomes.....	33	a	85 »

A' temperatura ordinaria o oxido de carbono é oxidado por este reagente em anidrido carbonico com libertação de iodo que reage com o excesso do anidrido sulfurico dando uma coloração verde á mistura. E' a formação de esta substancia de côr verde que nos indica a presença do oxido de carbono, dependendo a intensidade da coloração da quantidade de gaz existente.

Pelo repouso ou pelo leve augmento de temperatura a coloração passa a amarelo desaparecendo depois, podendo servir novamente o reagente para outras pesquisas. Depois de servir uma duzia de vezes o reagente está alterado.

Para dosear o oxido de carbono o autor compara a coloração verde obtida com uma serie de tubos testemunhas obtidos misturando pedra pomes granulada com acetato de cobre e oxido de cromio. Por este metodo consegue o autor dosear o oxido de carbono contido n'um gaz na proporção de 0,2 %.

E' necessario eliminar primeiro o hidrogenio sulfurado, hidrocarboretos não saturados etc. fazendo passar a mistura gazoza atravez do carvão animal revivificado.

D'esta forma pode-se dosear 0,005 % de oxido de carbono fazendo passar 500 c.c. do gaz a ensaiar atravez d'um tubo contendo uma columna de 50 mm. por 5 mm.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Caracterisação da materia corante do açafraõ

Emprego da reação nas pesquisas de envenenamento pelo laudano

por M. Marcel Guerbert

Apezar de haver bastantes estudos sobre a materia corante do açafraõ, a sua composição quimica ainda não é conhecida. Kayser chama á materia corante *crocina*.

A *crocina* desdobra-se pelos acidos mineraes diluidos á ebulição em um

ou mais açucares redutores e uma substancia ainda menos conhecida a *crocetina* e talvez uma essencia.

Weiss mostrou que a materia corante do açafrao dá com o acido sulfurico concentrado uma coloração azul indigo, passando ao violeta e a pardo, reacção que é ainda mais sensivel e nitida com a *crocetina*.

A *crocetina* é um pó vermelho muito soluvel no alcool e eter, insoluvel na agua e nos acidos diluidos e soluvel nos alcalis.

A crocina sendo muito soluvel na agua é muito dificil de a extrair das suas soluções. Sendo a *crocetina* insoluvel na agua e nos acidos diluidos, é facil de a isolar e portanto caracteriza-la nos medicamentos corados com o açafrao.

O autor caracterizou a materia corante do açafrao no laudano de Sydenham da seguinte forma:

A 1 c. c. de laudano adicionou 5 c. c. de acido cloridrico a 1:10 e ferveu n'um balão com refrigerante ascendente durante 15 minutos. A *crocetina* deposita por arrefecimento sob a forma de um precipitado vermelho que se recolhe n'um filtro sem pregas e se lava com agua destilada. Seca-se o filtro á temperatura ordinaria n'um dessecador com acido sulfurico ou então enxuga-se entre dois pedaços de papel de filtro. Deita-se um pouco do precipitado n'uma gota de acido sulfurico; este cora-se imediatamente do azul indigo, coloração bastante intensa que se torna violacea e passado alguns segundos torna-se pardacenta.

Operando com 0,1 c. c. de laudano a *crocetina* formada é insuficiente para poder ser separada mecanicamente do filtro. O autor dissolve a *crocetina* que fica no filtro depois da filtração empregando o eter, volatilisa este e adiciona acido sulfurico ao residuo.

A reacção é nitida mesmo com vestigios da *crocetina*.

Este metodo de caracterisação da materia corante do açafrao pode prestar grandes serviços em toxicologia nas pesquisas de envenenamento pelo laudano.

Pode-se pois caracteriza-la depois de separada do soluto cloridrico onde ainda existem o acido meconico e os alcaloides do opio.

Para pesquisar o acido meconico, o autor agita com eter o soluto cloridrico, decanta o soluto eteréo e agita-o com uma gota de soluto de percloreto de ferro previamente diluido com 20 gotas de agua. Ha formação de coloração vermelha de meconato de ferro.

O soluto cloridrico depois de exaurido pelo eter para separar o acido meconico presta-se para pesquisar os alcaloides do opio.

Volatilisação e hidrolise da atropina

por M. Paul Hardy

A pesquisa da atropina e da hiosciamina em visceras nos casos de envenenamento pela beladona é um dos trabalhos mais dificeis que nos aparece em toxicologia.

Todos os químicos que já teem feito pesquisas estão de acordo que são numerosas as dificuldades que encontram na extracção d'estes alcaloides. Sobre as causas d'alteração que fazem desaparecer estes alcaloides durante a sua extracção pelo metodo de Stas é que ainda não ha acordo pois que alguns químicos atribuem o seu desaparecimento á sua volatilisação e outros á sua hidrolise.

Ogier diz que a atropina é arrastada pelo vapor da agua e que é muito alteravel em presença dos alcalis.

Barthe diz que a atropina é arrastada pelo vapor da agua.

Dragendorff diz que a atropina volatilisa-se a 140° C. sem se decompor, é arrastada pelo vapor de agua e alcool amilico, não o sendo pelo vapor de eter, alcool, cloroformio e benzina.

Por evaporação brusca, uma parte da atropina pode ser arrastada pelos dissolventes diz Hugouneq.

A volatilisação da atropina sem arrastamento pelo vapor de agua ou d'alcool d'amilico não satisfazem alguns químicos. Kobert diz que a atropina é fracamente arrastada pelo vapor de agua e Gadamer diz que a atropina e a hiosciamina hidrolisam-se pela agua.

A hidrolise dá-se á temperatura ordinaria por prolongado contacto, sendo acelerada pela elevação de temperatura e diminuída pela presença do alcool no soluto e é nula em soluto alcoolico forte.

O autor esclareceu de uma forma definitiva este ponto que ainda não estava bem esclarecido.

E' interessante apreciar a importancia do fenomeno da volatilisação da atropina á qual se attribua com maior importancia as perdas observadas e de comparar a sua grandeza á da hidrolise que merece ser estudada com interesse.

O autor estudou a:

Volatilidade da atropina 1.º a seco, 2.º em soluto etereo, alcoolico ou cloroformico e 3.º pelo vapor de agua.

Hidrolise da atropina—1.º em soluto aquoso; 2.º em soluto alcoolico; 3.º em soluto alcalino (sodico ou amoniaco); 4.º em soluto tarttrico.

1.º—*Volatilidade a seco*—O autor verificou que a atropina não é volatil nem á temperatura ordinaria nem á temperatura do B. M. fervente.

2.º—*Em soluto alcoolico, etereo cloroformico*—Quer por evaporação á temperatura ordinaria quer a quente não ha perda do alcaloide por volatilisação.

3.º—*Pelo vapor de agua*—A atropina é arrastada pelo vapor de agua.

Hidrolise da atropina—A hidrolise da atropina pela agua foi posta em evidencia por Gadamer. A hidrolise da atropina nas diferentes condições toxicologicas foi estudada pelo autor empregando o metodo de Schmidt para a dosagem da atropina.

Para um frasco de rolha esmerilada de 150 c. c. de vidro não alcalino deitou 10 c. c. do soluto de atropina a dosear. Adicionou um excesso de soluto centessinormal de acido sulfurico (em geral 10 c. c.) e completou o

volume de 100 c. c. com agua destilada recentemente fervida e arrefecida ao abrigo do ar para evitar causas devidas ao anidrido carbonico. Adicionou 30 c. c. de eter e 5 gotas de soluto alcoolico de iodeosina (soluto do Codex).

Doseou o excesso do acido sulfurico não combinado com um soluto $\frac{N}{100}$ de OHNa. O fim da reacção é indicada pela coloração rosea do soluto aquoso.

Hidrolise da atropina em meio aquoso — Foi estudada á temperatura ordinaria, á temperatura da ebulição e á temperatura do gelo fundente tendo os solutos sido preparados com agua destilada fervida.

A hidrolise á temperatura ordinaria foi em media no 1.º dia de 58,9 %, augmentando sucessivamente chegando no 2.º dia a 90,2 %. A temperatura do gelo fundente a velocidade da hidrolise é menor em relação á que se dá em temperatura ordinaria; no 1.º dia a hidrolise foi de 27 % augmentando tambem sucessivamente e no 2.º dia era de 86 %.

A hidrolise á temperatura de ebulição é muito mais rapida. Assim no começo foi de 30 %, depois de 15 minutos 66,6 % augmentando tambem sucessivamente chegando a ser de 96 % depois de 5 horas e meia de ebulição.

O arrastamento pelo vapor de agua em relação á hidrolise é muito pequeno.

Assim no primeiro $\frac{1}{4}$ de hora de ebulição foi de 3,8 %, $\frac{1}{2}$ hora 0,53, $\frac{3}{4}$ d' hora 0,26 %. O arrastamento total depois de 1 hora e meia de ebulição foi de 2,11 %.

Hidrolise da atropina em soluto alcoolico. — Em soluto alcoolico (alcool a 70 ou 80º) a hidrolise não ultrapassa de 5,9 % depois de 2 mezes, para atingir 7,9 depois de 3 mezes.

Hidrolise em soluto alcalino. — A hidrolise em meio alcalino é muito importante.

Como sabemos é pelos alcalis, amonia ou carbonato de sodio que se põem em liberdade os alcaloides e por isso o autor estudou a hidrolise da atropina em meio alcalino. A acção hidrolisante do amoniaco teve tambem o fim de verificar a resistencia da atropina á putrefacção pois como sabemos, durante a putrefacção de materias albuminoides ha formação de amoniaco.

A hidrolise em soluto sodico foi de: no começo — 0, passado 1 hora 40 %, 2 horas depois 70 %, 3 horas 86 %, 20 horas 90 %.

Em soluto amoniacal foi: 3 horas 0, 7 horas 27,6 % augmentando sucessivamente chegando a 93,2 % no fim de 5 dias.

Hidrolise em soluto tartarico. — A temperatura ordinaria e á temperatura da ebulição do B. M. a hidrolise é nula.

O autor aconselha empregar em toxicologia para a libertação do alcaloide a amonia, assim como adoptar a modificação de Oger ao metodo de Stas, modificação que tem por fim evitar as emulsões entre o soluto alcalino d'alcaloide e o dissolvente (eter, cloroformio etc.).

Esta modificação consiste essencialmente em precipitar as substancias albuminoides e gomosas pelo alcool a 95º e em seguida pelo alcool absoluto.

Este estudo ainda é interessante sob o ponto de vista pharmaceutico, principalmente na dosagem da atropina nos preparados de beladona.

Bacteriologia

Homogeneização das expectorações dos tuberculosos pelo hipobromito de sódio

por M. Dr. Joseph Khouri (farmaceutico na Alexandria, Egipto)

A pesquisa do bacilo de Koch, quando são numerosos, não oferece dificuldade, mas já não succede o mesmo quando existem poucos bacilos ou as expectorações são fortemente hemopteicas.

Estes ultimos anos tem-se concentrado os bacilos nas expectorações e os processos preconizados são muitos, tendo por principio a liquefação da expectoração pelos solutos alcalinos (potassa, soda, amoniaco, carbonatos alcalinos) seguido d'uma boa centrifugação (1/4 d' hora a 1200 rotações por minuto, afim de operar uma sedimentação de elementos figurados.

Se se torna o liquido homogeneo mais denso que o bacilo de Koch ($d = 1010$ a 1080) por adição de sal marinho, recolhem-se os bacilos á superficie do liquido centrifugado aconselhando-se n'estes casos a adição de petroleo ou do eter, encontrando-se os bacilos na zona de separação dos dois liquidos. E' melhor abaixar a densidade do liquido por adição d'um pouco de alcool de forma a recolher os bacilos no sedimento que deposita no fundo do tubo.

O autor emprega ha já alguns anos o hipobromito que serve para a dosagem da ureia (brômio 1 c. c., lixivia de soda caustica 10 c. c., agua distilada 10 c. c.).

A tecnica é simples: n'um frasco pequeno de boca larga de vidro resistente delta um pouco de expectoração (o frasco pode ser graduado em c. c.) e 1:10 do seu volume de soluto de hipobromito, tapa o frasco e agita fortemente durante algum tempo; continua a agitar de vez em quando; passadas 2 ou 3 horas a liquefação é completa.

Para as expectorações purulentas, de consistencia mais firme, adiciona 2, 3 ou 4 vezes o seu volume de agua distilada segundo a consistencia e 15% do soluto de hipobromito em relação ao volume total do liquido. Agita fortemente de quando em quando.

O melhor se não ha pressa é abandonar tudo durante uma noute; no dia seguinte adiciona algumas gotas d'alcool a 50°, centrifuga e cora pelos metodos conhecidos.

Se ha pressa o autor eleva a temperatura a 45—50 ou ainda mais rapido, mergulhar o frasco em agua fervente durante 10 minutos e continua a agitar durante o arrefecimento. Segundo o autor o bacilo de Kock não sofre alteração alguma mesmo depois de 3 dias de contacto com o reagente á temperatura do laboratorio.

Estudo bacteriologico e higienico dos leites

por M. H. Kufferath

E' util conhecer a quantidade de gordura que um leite contem, bem como a sua densidade, o grau de molhagem, etc., etc., mas estas dosagens não nos indicam infelizmente qual o valor do leite sob o ponto de vista higienico, decerto o mais importante ainda do que a sua composição.

O autor estuda a contagem de colonias em gelose e gelatina, a quantidade de leucocitos, a prova da catalase e reductose, a fermentação a 37°, a pesquisa do *B. coli*, *B. tuberculose*, *estreptococcus*, o exame directo do leite do deposito obtido por centrifugação e faz a identificação eventual dos germens isolados.

Contagem de colonias—Gelose ordinaria—O autor fez diluições a 1:10, 1:600 e a 1 %₁₀₀. Com os leites vendidos como estereis fez sementeira com 1 c. c. e com os leites comerciais aconselha a fazer diluições de 1:10.000 a 1:100.000.

Emprega a gelose ordinaria não sendo necessario empregar a preparada com soro. Deixa 3 dias na estufa a 37-38 fazendo a contagem todos os dias. Nos leites encontra-se muitas vezes o *subtilis* e o *mesentericus*.

Nos leites crus asepticos encontrou em geral 4 a 6 variedades de germens e nos comerciais 6 a 7 especies.

O autor propoz para os leites crus asepticos e para os leites pasteurisados a existencia d'um maximo de 50.000 bacterias por c. c.

Gelatina—A mesma tecnica empregada para a gelose fazendo uso de placas de Petri com 12 a 15 cm. de diametro.

Este meio é dificil por em geral se liquefazer a gelatina.

Pesquisa dos leucocitos—Esta pesquisa é muito importante. O leite contem normalmente 0,1 a 0,5 %₁₀₀. Logo que haja inflamação das glandulas mamarias augmenta o numero de leucocitos; quando o deposito leucocitorio é importante a contagem d'estes impõe-se e deve-se fazer o exame microscopico, fixando-se a preparação e corando-a segundo a tecnica de Ziehl e Nelson para o bacilo da tuberculose procurando tambem o *estreptococcus piogenes* e outras especies patogenicas.

O autor faz a centrifugação n'um tubo especial de Trommsdorff (1).

Catalase—O autor deita 15 c. c. de leite n'um tubo de centrifuga de 2 cm. de diametro, adiciona 5 c. c. de agua oxigenada, tapa imediatamente com uma rolha de borracha munida de um tubo em S, mergulha tudo em agua aquecida a 18—20° e adapta á extremidade livre do tubo em S um tubo de ensaio graduado tambem cheio de agua.

Passadas 2 e 24 horas o autor verifica a quantidade de oxigenio libertado.

(1) Löhnis—*Precis de Bacteriologie agricole et de Technique experimentale* (tradução do autor)—1912, pagina 78.

Para os leites crus asepticos e os leites ordinarios a quantidade de oxigenio libertado não deve ir alem de 3,5 c. c. passadas 2 a 3 horas.

Os leites ricos em bacterias dão libertação abundante de oxigenio e com os leites esterilizados e pasteurizados não deve haver libertação gazosa.

Bacilo coli — O bacilo coli produz a fermentação da lactose. Admite-se que os leites aquecidos a 37° e não dando bolhas gazosas (podendo contudo conter bacilo coli) são fracamente contaminados.

Redutose — O autor emprega o seguinte soluto:

Azul de metilena	1 grama
Alcool absoluto	20 c. c.
Agua distalada	20 c. c.

N'um tubo d'ensaio esterilizado deita com um contagotas 5 gotas do soluto de azul de metilena e em seguida adiciona 20 c. c. do leite a examinar medindo-o com uma chupeta esterilizada, marca a altura do liquido com um lapis e mergulha em agua aquecida a 45° C.

Os leites pasteurizados e esterilizados não reduzem o azul senão ao fim de 6 a 15 dias.

Os leites de má qualidade reduzem tanto mais rapidamente quanto menos higienicos forem, assim:

um leite de pessima qualidade	reduz o azul em menos de 15 minutos
» » » má qualidade	redu-lo entre 15 minutos e 2 horas
» » » qualidade media	redu-lo entre 2 a 6 horas
» » » boa qualidade	redu-lo depois de 6 horas
» » » muito boa qualidade	redu-lo depois de 24 horas
» » » optimas qualidades	redu-lo depois de 5 a 6 dias.

Fermentação a 37° C. — N'um tubo d'ensaio esterilizado deita com uma chupeta esterilizada 20 c. c. de leite e coloca-o a temperatura de 37° C.

Os leites esterilizados, os leites crus asepticos de optima qualidade coagulam lentamente, depois de 48 horas ou mesmo mais e algumas vezes não coagulam.

Os leites de má qualidade coagulam em 6 a 9 horas e algumas vezes mais rapidamente.

Os leites de qualidade media coagulam em 24 horas (de 20 a 29 horas).

Os bons leites dão um coagulo homogeneo, gelatinoso, mais ou menos consistente. nos leites maus o coagulo é dilacerado, havendo muitas vezes produção de gazes (presença do bacilo coli, B. aerogeneo, certas variedades do bacilo subtilis produzindo cheiro a queijo).

Entre os extremos apontados ha numerosas fases de transição; a descrição do aspecto do coagulo pode certamente ser *objeto d'um estudo interessante.*

A presença de bolhas gazosas ou uma fermentação tumultuosa são maus sintomas.

Algumas vezes o coagulo apresenta bolhas gazozas dissimuladas, que produzem pequenas depressões.

O cheiro é tambem interessante; cheiro lactico, etereo, fecaloide, butirico, etc., etc.

E' bom verificar a reacção depois da fermentação.

Poder-se-ha completar os estudos dos germens, causa d'estas fermentações anormaes, mas estes estudos entram na categoria dos estudos scientificos. Nos leites fermentados a 37° pesquisa-se o bacilo coli.

A produção de bolhas gazozas é devida á presença de bacterias, sendo as mais frequentes o bacilo coli e o bacilo aerogeneo.

Preparações coradas — N'uma lamina deita 0,1 c. c., seca a 100°, fixa e cora com azul fenicado, lava e seca.

Verifica se existe leuconcitos, diplococus, cocus diversos, leveduras, bolores, etc., etc.

As bacterias ficam coradas de azul escuro.

As bacterias mortas parecem coradas com tinta da China, brilhante.

E' bom fazer uma preparação com leite fermentado.

Apreciação — O autor faz a classificação por valores, a parte original do artigo.

Assim: numeração em gelose, pesquisa do leucocito, catalose e pesquisa do bacilo coli — 30 valores.

Reductase — 10 valores assim como a fermentação a 37° C.

Exame de preparações coradas e identificação dos germens 5 valores.

Total 150 valores.

Categoria do leite	Pasteurizado e esterilizado	Leite cru aseptico	Leite ordinario
Maximo	150 valores	150 valores	150 valores
Analise favoravel ..	+ 130 »	+ 130 »	+ 115 »
» mediocre	120 a 130 »	115 a 130 »	100 a 115 »
» desfavoravel	de 120 »	de 115 »	de 100 »

Contagem de colonias maximo 30 valores

Leites pasteurizados e esterilizados		Leites crus asepticos	
Colonias de c. c.		Colonias por c. c.	
0 a 100	30 valores	0 a 1000	30 valores
100 a 200	28 »	1.000 a 3000	28 »
200 a 500	27 »	3.000 a 10.000	26 »
500 a 1.000	25 »	10.000 a 25.000	24 »
1.000 a 5.000	21 »	25.000 a 40.000	22 »
5.000 a 30.000	18 »	40.000 a 50.000	20 »
30.000 a 50.000	15 »	50.000 a 100.000	5 »
+ de 50.000	0 »	+ de 100.000	0 »

Leites ordinarios — Colonias por c. c.

— de 10.000	30 valores
10.000 a 50.000	27 »
50.000 a 100.000	25 »
100.000 a 500.000	20 »
500.000 a 2.000.000	15 »
2.000.000 a 10.000.000	10 »
+ de 10.000.000	0 »

Leucocitos — Maximo 30 valores*Leites de todas as categorias*

De 0,0 a 0,5 por 1000 c. c.	30 valores
« 0,6 a 0,9 » » c. c.	25 »
« 1 a 1,5 » » c. c.	15 »
« 1,6 a 2 » » c. c.	2 »
+ de 2 » » c. c.	0 »

Catalose — 2 horas = maximo 30 valores

Leites crus e ordinarios		Leites pasteurisados e esterilizados	
0,0 a 3,5 c. c. de oxigenio	30 valores	2 c. c. de oxigenio ..	30 valores
3,5 a 4 » » »	15 »	0,0 a 2 » » »	15 »
4 a 5 » » »	5 »	+ de 2 » » »	0 »
+ de 5 » » »	0 »		

Colibacilo e germens patologicos — Maximo 30 valores*Todos os leites*

Ausencia	30 valores
Presenca em abundancia	0 »
» do coli com ausencia de bolhas gazozas no ensaio de fermentação a 37° C.	15 »

Havendo bacterias patogenicas, deduz-se 50 valores no total.

Redutase — Maximo 10 valores sendo 5 valores atribuidos á redução e 5 á rapidez de coagulação

mais de 24 horas	muito bom	5 valores
10 a 24 »	bom de 1. ^a	4 »
6 a 10 »	» » 2. ^a	3 »
2 a 6 »	medio	2 »
1/4 a 2 »	mau	1 »
Redução immediata de mais de 15 minutos —	muito mau	0 »

Se houver formação de bolhas gazozas deduzir um valor.

Prova da fermentação a 37° C. — Maximo 10 valores sendo 5 valores atribuido á rapidez de coagulação e 5 ao aspecto do coágulo

Rapidez de coagulação		Rapidez do coagulo	
Depois de 24 horas	5 valores	Homogeneo	4 valores
18 a 24 »	4 »	Com pequenas depressões	5 »
12 a 18 »	3 »	Medio	3 »
8 a 12 »	2 »	Dilacerado	2 »
4 a 8 »	1 »	Havendo formação de gaz deduzir 1 ou 2 valores segundo a abundancia d'este.	
Menor de 4 »	0 »		

Frotis — Maximo 5 valores, diminuindo-se para todos os leites 2 valores se os leucocitos são numerosos

Leites esterilizados e pasteurizados		Leites ordinarios	
Se as bacterias não são coradas	5 valores	Pouco numerosas	5 valores
Ausencia de bacterias	5 »	» » e menos de 6 variedades	4 »
Raras bacterias coradas	4 »	Numerosas	2 »
Algumas bacterias coradas	3 »	» e mais de 6 variedades ou patogenicas	0 »
Numerosas bacterias coradas	2 »		
Muito numerosas ou mais de 3 variedades ou germens patogenicos	0 »		

Identificação dos germens — Maximo 5 valores

Leites crus assepticos e ordinarios		Leites esterilizados e pasteurizados	
Mais de 6 especies de germens	4 valores	B. esporulados ou ausencia de germens	5 valores
B. fluorescente liquefaciens, M. cromogenius ou bolores em abundancia	4 »	B. não esporulados	3 »
2 ou 3 especies de germens somente ou uma só especie dominando	2 »	Mais de 3 especies de germens não esporulados	2 »
Germens patogenicos	0 »	Bolores, leveduras ou germens patogenicos	0 »

Farmacotecnia

Preparações de poções de terpina

por M. M. Galavielle, Cristol e Portes

Os autores descrevem as experiências que puzeram em pratica com o fim de obter a terpina no estado dissolvida (nas poções e xaropes) sem o emprego do alcool, metodo hoje empregado mas que tem os seus inconvenientes.

Os autores empregam a seguinte formula:

Terpina desidratada (1)	1 grama
Acido lactico	1 c. c. e meio

Aquecer até á completa dissolução e deitar bruscamente em

Agua fria	50 c. c.
-----------------	----------

agitando fortemente.

Forma-se uma pseudo solução coloidal á qual se adiciona

Xarope de groselha ou de limão	70 c. c.
--------------------------------------	----------

Empregando a terpina hidratada os autores empregam a seguinte fórmula:

Terpina	1 grama
Acido lactico	1 c. c. e meio

Aquecer até á completa dissolução e deitar bruscamente em

Agua fria	50 c. c.
Rum	3 c. c.

agitar fortemente e adicionar

Xarope de groselha ou de limão q. b. para 120 c. c.

Segundo os autores a terpina não fica alterada pois que dá todas as reações caracteristicas.

(1) Obtem-se a terpina desidratada deixando-a durante alguns dias n'um desecador de acido sulfurico.

Preparação de solutos de novocaina e adrenalina destinados á anestesia local

por Pierre Breteau

A novocaina quando esterilizada pelo calor não sofre alteração química, mas contudo o seu poder anestésico é diminuído. Os solutos de novocaina perdem a sua actividade com o tempo.

Para evitar estes inconvenientes o autor emprega como dissolvente a agua saturada de acido benzoico.

O autor tem preparado o seguinte soluto :

Novocaina	1 gram.
Adrenalina (soluto a 1 : 1000)	C. gotas
Agua distilada saturada de acido benzoico	100 c. c.

que tem sido empregado com successo.

O autor prepara a agua saturada de acido benzoico, dissolvendo 4 gramas de acido n'um litro de agua esterilizada quente e deixa arrefecer. O excesso do acido benzoico cristaliza pelo arrefecimento. Filtra.

O autor prepara depois as empolas com o material aséptico. As empolas não são esterilizadas. O acido benzoico é um anti-septico fraco e conserva a actividade ao soluto.

O auctor diz que bastam 5 c. c. do soluto assim preparado para uma operação de dupla hernia.

O autor vae fazer um estudo com a morfina.

Centro de Documentação Farmacêutica

Solutos de bi-carbonatos de sodio para lavagens da Ordem dos Farmaceuticos

por Pierre Breteau

Nos serviços de cirurgia de Val-de-Grâce empregam o seguinte soluto com optimos resultados, pois que não são dolorosos :

Bí-carbonato de sodio	11 gramas
Agua distilada	1 litro
Cloroformio	1 c. c.
Corante	q. s.

Os corantes empregados podem ser : cromato neutro de potassio (0,01

a 0,02), soluto aquoso de vermelho do Congo, metilorange, auramina ou azul de metileno.

A quantidade de bi-carbonato pode variar segundo se deseja empregar um soluto hipo, hiper ou isotónico.

Os abaixamentos crioscópicos obtidos com solutos contendo por litro 1 c. c. de cloroformio e as quantidades do bi-carbonato são:

10 gramas de bi-carbonato de sodio	0º,50
11 » » » » »	0º,56
12 » » » » »	0º,63
14 » » » » »	0º,72
15 » » » » »	0º,73
18 » » » » »	0º,82
20 » » » » »	0º,92



Enxofre injectavel

(formula de M. Guérithault)

O enxofre coloidal, como muitos outros medicamentos coloidaes não tem dado os resultados que se esperavam. M. Bory emprega para o tratamento do psoriasis um preparado em que o enxofre se encontra dissolvido; é o oleo de sesame adicionado de eucaliptol dissolvendo-se a quente 20 % de enxofre precipitado; o autor injecta 2 a 5 c. c. Este oleo contem muito pouco enxofre, empregando tambem um outro que contem 1 % injectando progressivamente 6, 8 e 10 c. c.

O emprego d'este oleo não se generalizou porque as injectões são dolorosas sendo necessario injectar 10 c. c. de oleo para fazer uso de 0,1 grama de enxofre, alem de que o soluto não é estavel deixando depositar enxofre cristalisado o que obriga a aquecer o oleo para o dissolver.

M. Guérithault propõe o uso não d'um soluto mas uma emulsão de enxofre contendo 0,1 gr. por c. c.

Enxofre precipitado.....	10 grs.
Soluto de goma arabica a 10 %	50 c. c.
Cosimento de amido a 2 %.....	50 c. c.
Glucose.....	1 gr.

Prepare separadamente o soluto de goma e glucose e o cozimento de amido; triture o enxofre com uma pequena quantidade de soluto gomoso e adicione em seguida o resto d'este soluto e o cozimento de amido. Meta em empolas e esterilise por tyndalisação (3 aquecimentos a 70 — 80° C.

E' necessario agitar antes de ser injectado. Pode-se injectar 1 a 2 c. c. e as injectões não são dolorosas.

Formulario

Pomada do prof. Dubreuil

Lanolina do Codex (25 % d'agua)	100 gr.
Banha	100 grs.
Polisulfureto de potassio	30 grs.
Agua destilada	60 grs.

F. S. A.

Conservar em boião fechado.

Sob a acção do ar a superficie da pomada embranquece devido á transformação do sulfureto em hiposulfito, mas a camada branca que se forma só tem uma espessura de 1 a 2 mm. e a pomada conserva a sua côr amarela na parte inferior.

Pomada de Milian

Lanolina anidra	255 grs.
Vaselina	250 »
Vaselina liquida	200 »
Poli-sulfureto de potassio	50 »
Agua	250 »
Oxido de zinco	5 »

F. S. A.

Em qualquer d'estas pomadas pode-se substituir o poli-sulfureto de potassio pelo de sodio.

Comprimidos para esterilisação de aguas

N.º 1

Permanganato de potassio	12 centigrs.
Bi-oxido de manganézio	10 »
Talco	14 »
Carbonato de calcio	4 »
Carbonato de sodio	10 »

N.º 2

Hipo-sulfito de sodio	12 centigrs.
Carbonato de calcio.....	4 »
Talco	24 »
Carbonato de sodio	10 »

Para esterilizar 2 litros de agua.

Juntar um comprimido n.º 1 á agua e passados 5 minutos juntar um comprimido n.º 2.

Deixar decantar.

Sabão antiseptico liquido (para cirurgia)

Oleo de algodão.....	300 c. c.
Alcool a 90º.....	300 »
Agua destilada.....	325 »
Hidrato de sodio.....	45 grs.
Carbonato de sodio.....	10 »
Eter.....	15 c. c.
Acido fenico	25 grs.

Deitar n'um balão 100 c. c. de alcool, 300 c. c. de oleo de algodão e a soda caustica, aquecer a B. M. até á completa saponificação, agitando de vez em quando.

Deixar arrefecer, adicionar o alcool restante e o carbonato de sodio dissolvido na agua e por ultimo o acido fenico dissolvido no eter.

Xarope iodotânico arsenio-fosfatado de Gaucher

Licor de Pearson	10 grs.
Fosfato mono-calcico.....	15 »
Xarope iodo-tânico.....	360 »

F. S. A.

20 grammas de xarope contem um miligramma de arseniato de sodio.

Soluto antiseptico canforado

Agua canforada (Codex de 1884)	1000 grs.
Sulfato de cobre	3 »
Sulfato de zinco	6 »

Para uso externo

Mistura anestésica de Legars

Clorofórmio anestésico	1000 grs.
Alcool a 95º	200 »
Eter anestésico	200 »

Schampoo ingles

Amonia	10 grs.
Tintura de quilaia	20 »
Essencia d'agua de colonia	4 »
Alcool a 90°	320 »

Schampoo em pó

N.º 1

Borax	60 grs.
Acido borico	40 »
Essencia de geranio	0,5 »
Saponina	1 »

N.º 2

Sabão em pó	240 grs.
Carbonato de potassio seco	40 »
Borax	150 »
Essencia d'amendoas amargas	0,5 »

Leite de lanolina*(para o toucador)*

Lanolina	10 grs.
Borato de sodio	8 »
Acido borico	5 »
Agua de rozas	100 »

Deite a lanolina n'um almofariz aquecido e junte gota a gota o soluto de borax e acido borico na agua de rozas.

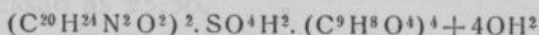
da Ordem dos Farmacêuticos**Medicamentos novos****Acetilsalicilsulfato de quinina**

por D. R. Dott

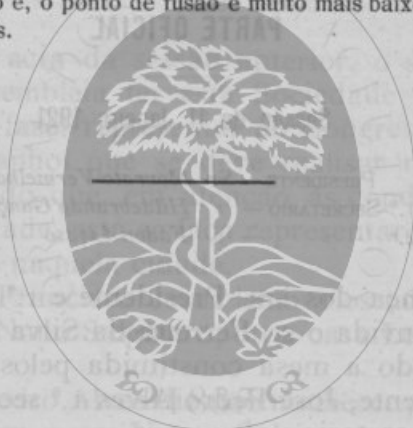
A solubilidade do sulfato de quinina na agua é de 1:800 e a do acido acetilsalicelico é de 1:400.

Dissolvendo na agua uma mistura de dois compostos, verifica-se que este mistura é muito mais solúvel que qualquer dos compostos em separado.

O autor verificou que se podem dissolver 4 moléculas de ácido acetilsalicílico e 1 molécula de sulfato de quinina e que evaporando o soluto obtido não há separação d'um dos seus componentes parecendo portanto resultar um composto definido cuja fórmula será:



O sal assim formado pode conter 9 moléculas de água, mas é efflorescente perdendo 4 moléculas. É solúvel na água na proporção de 1:50. Seco n'um dessecador durante algumas horas, obtém-se um composto anidro que funde a $+96^{\circ}C.$, isto é, o ponto de fusão é muito mais baixo do que qualquer dos seus constituintes.



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

SOCIEDADE FARMACEUTICA LUSITANA

PARTE OFICIAL

Sessão de 11 Janeiro 1921

PRESIDENTE — Sr. *Mourato Vermelho*
 1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*
 2.º » — » *Fadon Lizaso*

Por doença dos srs. Presidente e 1.º Secretario, o 2.º secretario convida o sr. Ferreira da Silva a presidir a esta sessão, ficando a mesa constituída pelos srs. Ferreira da Silva, presidente, José Pedro Alves 1.º secretario, e Fadon Lizaso, 2.º secretario.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior o sr. Manoel Joaquim d'Oliveira antes da ordem da noite, esclarece o assumpto tratado na sessão anterior sobre um documento enviado para a Sociedade pelo colega Magalhães da Ordem dos Farmacêuticos

O sr. Fadon Lizaso defende a mesa, dizendo que esta apenas se limitou a cumprir as deliberações da assembleia.

O sr. Carlos Coutinho fala sobre a Farmacopêa Portuguesa e envia para a mesa uma proposta para se nomear uma comissão que consiga a elaboração de uma nova edição.

O sr. João Francisco de Jesus fala sobre as farmacopêas de diversos países, e entende ser necessaria a revisão da nossa Farmacopêa.

Foram aprovados por unanimidade socios efectivos os srr. Gastão Duarte Silva, Eurico da Silva Nogueira e Joaquim Varela Gusmão.

Não havendo mais nada a tratar o sr. presidente encerrou a sessão ás 23,30.

Sessão de 25 de Janeiro de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.º » — » *Fadon Lizaso*

Aprovada a acta da sessão anterior, o sr. presidente comunica á assembleia ter esta Sociedade recebido um convite para se fazer representar no Congresso de Sciencias Luso-Hespanhol que se deve realizar no Porto em junho, entendendo que, em atenção ás condições economicas da Sociedade, esta se faça representar por um consocio que resida naquela cidade.

O sr. João Francisco Jesus lembra os nomes dos srs. Anibal Cunha, Nuno Salgueiro, ou a casa Lemos & Filho do Porto.

O sr. José Pedro Alvés diz não nonhecer pessoalmente o sr. Lemos nem o sr. Nunes Salgueiro, mas tendo os srs. professores já representação nesse congresso parece-lhe conveniente convidar o sr. Lemos que, além de profissional distinto é um literato de valor.

O sr. Henrique Campos diz que sendo um congresso scientifico, entende dever a Sociedade convidar o sr. prof. Anibal Cunha.

O sr. Alberto Veiga não vê inconveniente em que os professores, não obstante terem já representação no Congresso sejam os representantes da Sociedade, por isso parece-lhe melhor convidar o prof. Anibal Cunha.

Lembra que este professor acaba de conseguir para a classe uma grande regalia, a elevação das Escolas de Farmacia a Faculdades, mostra-se satisfeito com esta elevação e fala sobre as Faculdades de Farmacia de diversos paizes.

O sr. Presidente põe á votação os diversos nomes apresentados, sendo aprovado por grande maioria o do sr. prof. Anibal Cunha.

O sr. presidente informa a assembleia do falecimento da esposa do nosso consocio Antonio Bento Coelho de Jesus, tendo sido aprovado um voto de sentimento.

Entra na discussão a proposta do sr. Carlos Coutinho para se nomeiar uma comissão que se incumba de ouvir os membros da comissão nomeada em 1903 para a revisão da farmacopêa, e consultal-os sobre se desejam colaborar na nova comissão.

O sr. Fadon Lizaso propõe que façam parte d'essa comissão os srs. Mourato Vermelho, Carlos Coutinho, José Pedro Alves, Bernardo Simões e Serafim Pereira.

O sr. Oliveira requer para ser imediatamente aprovada a proposta, bem como os nomes indicados para fazer parte d'essa comissão.

Foi eleito por unanimidade socio correspondente o sr. Bernardo Santos Ferreira, de Pico de Regalados, Minho.

Foi resolvido marcar a proxima terça feira, 1 de Fevereiro, para se realizar uma sessão extraordinaria para apreciar o decreto que elevou a Faculdades as Escolas de Farmacia.

Não havendo mais nada a tratar o sr. presidente encerrou a sessão ás 0,20 horas.

Sessão extraordinaria em 1 Fevereiro 1921

da Ordem dos Farmacêuticos

PRESIDENTE — Sr. Mourato Vermelho

1.º SECRETARIO — » Marques de Sousa

2.º » — » Fadon Lizaso

Aberta a sessão ás 21 horas e meia, foi lida a acta da sessão anterior que foi aprovada por unanimidade.

O sr. Alberto Veiga envia para a mesa uma proposta elevando á categoria de socio benemerito o nosso consocio sr. Anibal Cunha.

O sr. Joaquim Pedro de Moraes não concorda com qualquer das propostas, relata factos passados em tempos

em que os srs. profs. Anibal Cunha e Fernandes Costa se dirigiram à Sociedade Farmaceutica Lusitana pedindo o seu apoio e a sua colaboração no sentido de se conseguir uma reforma de ensino, que se tornava muito precisa.

A Sociedade Farmaceutica Lusitana imediatamente se poz á disposição d'aqueles senhores, pedindo apenas que regalia alguma das existentes fosse tirada á classe farmaceutica, com que os ditos senhores concordaram e a isso se comprometeram,

Passado tempo, appareceu publicada a dita reforma, com a abolição do direito dos farmaceuticos do curso irregular se poderem matricular nas Escolas, o que originou protestos bem justificados da classe farmaceutica.

Entende pois, que a Sociedade nada tem que felicitar nem as Escolas, nem o prof. Anibal Cunha, a quem presta as suas homenagens de admiração e estima, pela elevação a Faculdade das Escolas que era uma aspiração antiga da classe para que todos teem trabalhado, devendo figurar em primeiro lugar a Sociedade Farmaceutica Lusitana

O senhor Serafim Pereira diz ter a certeza de ser ao sr. prof. Anibal Cunha que se deve o termos actualmente Faculdades de Farmacia.

Fala largamente sobre a reforma do ensino de 1918 em que a Escola de Lisboa, depois de ter pedido o apoio da Sociedade e de esta lho ter dado na melhor boa fé, elaboram uma reforma que é uma verdadeira perseguição aos farmaceuticos e antigos alunos, a ponto de serem excluidos do corpo docente do qual sempre faziam parte os assistentes, que passaram a simples assalariados.

O sr. João Francisco de Jesus diz ser contrario a manifestações pessoaes, afirmando que o campo estava já trabalhado e a atmosfera era propicia para se conseguirem as Faculdades.

Devemos esquecer agravos, mas entende que se reservem para mais tarde as manifestações ao sr. Anibal Cunha, pois devemos trabalhar agora para conquistar a regalia que nos foi tirada, da matricula nas Escolas, devendo

fazer-se o possível para congraçar a Sociedade Farmacéutica com as novas Faculdades.

O sr. Cisneiros e Faria diz que tendo o sr. Serafim Pereira garantido que foi devido aos esforços do sr. prof. Anibal Cunha que se conseguiu esta elevação, não tem duvida em se associar ás manifestações a esse senhor; concorda tambem em que se felicitem as novas Faculdades, e dá o seu voto á proposta do sr. Alberto Veiga.

O sr. Alberto Veiga lamenta que se esteja a regatear louvores ao prof. Cunha, pois é indubitavel que este senhor conseguiu realizar uma velha aspiração da classe.

O sr. Joaquim Pedro de Moraes diz não ter a menor inimidade contra o sr. Cunha com quem tem as melhores relações, historiou os factos passados em tempos que são do dominio de todos os colegas, e tem a dizer que os professores não deviam ter tomado um compromisso se o não podiam cumprir; n'essa ocasião não houve a mais pequena atenção para com a Sociedade, não reconhecendo portanto agora a necessidade de felicitações.

O sr. Marques de Sousa critica as sucessivas reformas do ensino e os regulamentos elaborados pelas Escolas, feitas só com o fim de prejudicarem os farmaceuticos.

O sr. Coutinho requer que se dê a materia por discutida sem prejuizo dos oradores inscritos, sendo aprovado.

O sr. Cisneiros e Faria diz que o relato feito pelo sr. Moraes lhe deixou a peor das impressões, mas que n'esta ocasião não devemos ver o prof. Cunha mas sim um nosso consocio que conseguiu uma régalia para a classe.

O sr. Moraes não teria duvida em aprovar a proposta do sr. Veiga, se visse o regulamento já publicado, mas assim, continuando as portas das Escolas fechadas para os farmaceuticos, não contraria a proposta mas não lhe dá o seu voto.

O sr. Cisneiros e Faria entende que a manifestação a fazer ao sr. Cunha é a aprovação da proposta do sr. Veiga.

O sr. Pereira concorda e pede para substituir a sua proposta pela do sr. Veiga.

O sr. Presidente propõe para a Comissão que ha de dar parecer sob a proposta do sr. Veiga, alem do proponente, os srs. Cisneiros e Faria e Serafim Pereira.

Não havendo mais nada a tratar o sr. Presidente encerrou a sessão ás 0,30.

Sessão de 9 de Fevereiro de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Soares Teixeira*

1.º SECRETARIO — » *Carlos Coutinho*

2.º » — » *Fadon Lizaso*

Não estando presente o sr. Presidente nem o 1.º Secretario o 2.º Secretario convida o sr. Soares Teixeira a presidir, sendo convidado o sr. Carlos Coutinho para 1.º Secretario.

Entre o expediente figura uma carta do sr. Francisco de Carvalho felicitando a Sociedade pela elevação a Faculdade das Escolas de Farmacia.

O sr. Cisneiros e Faria envia para a mesa o parecer da Comissão eleita para se pronunciar sobre a proposta do sr. Veiga, pedindo, ao abrigo dos Estatutos, para entrar immediatamente em discussão.

O sr. Marques de Sousa apresenta uma moção suspendendo a proposta do sr. Veiga e respectivo relatorio até que sejam dadas satisfações á Sociedade.

Depois de algumas considerações do sr. Cisneiros e Faria foi esta moção regeitada por maioria.

O sr. Bernardo Simões diz não dar o seu voto á proposta, pois existe no Ministerio da Instrução uma reclamação da Sociedade e entende que até se resolver esse assunto a Sociedade não se deve manifestar.

O sr. Serafim Pereira diz que não sabemos ainda se a classe será ou não prejudicada e não vê inconveniente na aprovação da proposta do sr. Veiga.

Atendendo ao adiantado da hora foi o assunto adiado para a proxima sessão.

Sessão extraordinaria de 15 de Fevereiro de 1921

PRESIDENTE — Sr. *Mourato Vermelho*1.º SECRETARIO — » *Marques de Sousa*2.º » — » *Fadon Liçaso*

Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Antes da ordem da noite o sr. Presidente informa a Assembleia sobre a projectada fusão com a Associação dos Farmaceuticos Portugueses. Historia o que se tem passado acabando por dizer que nada ha realisado em consequencia da attitude inexplicavel da Associação dos Farmaceuticos que se nega a entregar os documentos necessarios para apresentar no Ministerio do Trabalho. Espera que na proxima sessão se tomem deliberações sobre o que ha a fazer em face do que vem acontecendo.

O sr. Alberto Veiga declara que se estivesse presente teria votado contra a fusão.

O sr. Cisneiros e Faria lamenta que só agora a Associação dos Farmaceuticos diga que não quer, quando até agora os seus delegados com plenos poderes se haviam comprometido a fazer a fusão nos termos anteriormente combinados e assentes de parte a parte.

O sr. Ferreira da Silva requer que seja dada para ordem da noite da proxima sessão este assunto.

Entrando na ordem da noite, o sr. Serafim Pereira defende o relatorio apresentado pela Comissão nomeada na sessão anterior, afirmando que o acto praticado pelo sr. Anibal Cunha representa um grande beneficio para a classe.

O sr. Alberto Veiga combate a reforma de 918 mas diz que agora só se trata de premiar os esforços d'um nosso consocio.

O sr. Joaquim Pedro de Moraes discorda do parecer, pois o trabalho agora realisado foi apenas a resultante de esforços empregados desde muitos anos.

Depois de diversos socios terem usado da palavra foi a proposta posta á votação sendo aprovada por maioria.

Não havendo mais nada a tratar o sr. Presidente encerrou a sessão ás 24 horas.

Sessão em 22 de Fevereiro 1921

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.º » — » *Fadon Liçaso*

Depois da leitura da acta e expediente, o sr. Presidente fala sobre a fusão e deseja que a Sociedade delibere sobre o caminho a seguir em face dos acontecimentos.

O sr. Cisneiros e Faria lamenta que a utilidade da fusão não seja compreendida por certos elementos, felicita o sr. Presidente pelos esforços empregados. Entende que a Sociedade pelo seu artigo 3.º, pode tratar de assuntos de classe e propõe que a mesa se encarregue de dar fim á questão.

Depois de varias considerações foi nomeada uma Comissão, composta pela meza e pelo srs. Cisneiros e Faria e Simões Costa encarregada de liquidar de vez o assunto.

Foi eleito socio efectivo por unanimidade o sr. Raul Teixeira Coelho.

Encerrou-se a sessão ás 24 horas.

Sessão de 8 de Março de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Fadon Liçaso*

2.º » — » *Gastão D. Silva*

Foi lido um officio da Associação dos Farmaceuticos sobre a fusão.

O sr. Presidente manda ler a copia do officio enviado á Associação dos Farmaceuticos pedindo para marcarem dia e hora para uma reunião conjunta, mas que na resposta a este officio não marcaram dia e hora e por esse motivo não se pode realizar.

Foram eleitos por unanimidade socio efectivo o sr. Arthur Marcial e correspondente o sr. Alberto Dias, de S. Pedro do Sul.

Foi aprovado um voto de sentimento pela doença do sr. Mourato Vermelho.

Sessão em 29 de Março de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.º » — » *Fadon Lizaso*

Aprovada a acta da sessão anterior, o sr. Presidente agradece o voto de sentimento pela sua doença. Em seguida foi lido um officio do socio sr. Anibal Cunha agradecendo a sua eleição a socio benemerito.

O sr. Presidente manda ler um officio que recebeu da Direcção Geral de Saude, pedindo uma nota dos productos farmaceuticos de maior emprego e que podiam vir da Alemanha á conta da indemnisação de guerra.

O sr. Presidente informa ter respondido immediatamente a este officio, enviando juntamente a nota solicitada. Mais informa saber que o concessionario do laboratorio está pronto a adeantar a importancia para a installação electrica, pagando a Sociedade por desconto no aumento da renda, e que se por qualquer motivo o concessionario abandonar o laboratorio, considerar-se-ha liquidado o adeantamento, não devendo a Sociedade nada.

O sr. Cisneiros e Faria felicita o sr. Presidente pela forma brilhante e feliz como respondeu ao officio da Direcção Geral de Saude, e que com respeito ao assunto da electricidade acha a proposta vantajosa e aceita-a.

O sr. Jesus alvitra que a electricidade seja montada em duas partes, uma no laboratorio e outra nas outras dependencias.

Por falta de numero o sr. Presidente encerrou a sessão.

Sessão em 26 de Abril de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.º » — » *Façon Lizaso*

Depois de lida e aprovada a acta, foi lido um officio do sr. Anibal Cunha agradecendo e aceitando a representação da Sociedade no Congresso Luso-Hespanhol.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento da esposa do socio sr. Antonio Assumpção Silva.

O sr. Francisco de Jesus falando sobre a instalação electrica na sede da Sociedade pergunta quem auctorisou essa despesa pois o Conselho Administrativo em face dos Estatutos não pode tomar resoluções que acarretem despesas sem ouvir a Assembleia Geral. Fala tambem sobre o pagamento do telefone e estranha que o Conselho Administrativo não tenha trazido para a Assembleia uma proposta de augmento de quota.

O sr. Fadon Lizaso, prestando homenagem ás intenções do sr. Jesus, diz que o Conselho Administrativo podia fazer a instalação electrica visto que não trouxe augmento de despeza.

Expõe largamente a questão, explicando o beneficio conseguido sem encargo para a Sociedade, presta homenagem, ao concessionario do laboratorio pela sua grande dedicação pela Sociedade.

Com respeito ao augmento de quota diz que o Conselho já tratou d'esse assumpto e se ainda não apresentou proposta n'esse sentido, foi por ter estado pendente a questão da fusão.

O sr. Jesus diz ficar satisfeito com as explicações dadas mas que desejaria que essas condições ficassem escriptas.

O sr. Carlos Coutinho como concessionario do laboratorio declara que está pronto a indicar por escripto as concessões que tem feito verbalmente.

Sessão em 26 de Julho de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.º » — » *Fadon Liçaso*

Entre o expediente figura um officio do concessionario do laboratorio, tornando escritas as concessões que verbalmente tem feito á Sociedade.

O sr. Cisneiros e Faria felicita o concessionario.

O sr. Gama Junior fala sobre a Comissão do Regimento de preços de que faz parte. Historia os passos dados e as dificuldades que tem sido necessario vencer, esperando que no dia seguinte este trabalho esteja concluido e entregue ao sr. Ministro do Trabalho. Informa tambem que o sr. Ministro tem o maximo empenho em nomear com urgencia uma Comissão para a reforma do exercicio profissional e outra Comissão para a revisão da Farmacopeia; pede pois para a Sociedade eleger um delegado para a primeira Comissão, e indicar individualidades para a segunda, esclarecendo que para a primeira Comissão a Sociedade terá um representante e a Associação dos Pharmaceuticos dois.

O sr. Fadon protesta contra a desigualdade de representantes da Sociedade e da Associação. Para a primeira Comissão foram eleitos os srs. Alberto Malta, Carlos Marques de Sousa e Bernardo Simões.

Sobre a Comissão da farmacopeia o sr. Marques de Sousa apresenta uma proposta que foi aprovada por unanimidade, indicando os seguintes nomes:

Dr. Ricardo Jorge — Director Geral de Saude e professor de Higiene, de Lisboa.

Dr. Ruy Telles Palhinha — Prof. de Botanica e Director da Faculdade de Farmacia de Lisboa.

Dr. Silvio Rebello Alves — Prof. de Farmacologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Dr. Vicente José de Seixa — Prof. de Farmacotecnica da Faculdade de Farmacia de Coimbra.

O Prof. da cadeira de Historia Natural das Drogas da Faculdade de Farmacia do Porto.

Raul Lupi Nogueira — Prof. de Quimica Farmaceutica da Faculdade de Farmacia de Lisboa.

Aquiles Machado — Prof. de Quimica Geral na Faculdade de Sciencias de Lisboa.

Manuel Adriano Mourato Vermelho — Presidente da Sociedade Farmaceutica Lusitana.

Joaquim Pedro de Moraes — Vice-Presidente da Sociedade Farmaceutica Lusitana.

Emilio Fragoso — Director aposentado dos Servicos Farmaceuticos dos Hospitaes Civis.

Miguel Fadon Lizaso — Chefe do Laboratorio de Analises Quimicas dos Hospitaes Civis de Lisboa.

Bernardo Costa Simões — 1.º Assistente da Faculdade de Farmacia de Lisboa e Capitão farmaceutico.

Carlos Candido Coutinho — Farmaceutico Naval.

Foram eleitos socios correspondentes os srs. Mario Coelho Teixeira, de Bellas, José Jorge Calado, de Torres Novas, e efectivo o sr. Manuel Augusto Tavares.

Para a Comissão revisora de contas foram eleitos os srs. Victor Branco, Gama Junior e Sequeira.

Sessão em 29 de Novembro de 1921

Centro de Documentação Farmacêutica

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — *Hildebrando Gonçalves*

2.º — *Fadon Lizaso*

Entre o expediente figura uma carta do concessionario do laboratorio, em que participa que de sua livre vontade augmenta a renda em 600700 escudos anuaes, e que desde já põe a disposição do sr. Tesoureiro o augmento que se refere ao ano de 1922.

Os srs. Cisneiros e Faria e João Pedro Alves agradecem os beneficios concedidos á Sociedade pelo concessionario.

Por proposta do sr. Cisneiros e Faria foi aprovada uma

proposta isentando do pagamento de quotas, atendendo aos seus longos e grandes serviços, o nosso consocio José Maria Soares Teixeira; esta proposta foi aprovada por aclamação.

Foi aprovada uma proposta do sr. Marques de Sousa para se nomear uma Comissão que dê urgentemente parecer sobre a elevação das quotas; para esta Comissão foram eleitos, além do proponente, os srs. Cisneiros e Faria e Fadon Lizaso.

O sr. José Pedro Alves, participa estar presente o nosso consocio que acaba de ser nomeado sub-inspector do Sul dos serviços pharmaceuticos do Exercito sr. Jayme Costa, de quem faz o elogio.

O sr. Presidente congratula-se pela nomeação e apresenta em nome da Sociedade as suas felicitações que o sr. Jayme Costa agradece.

O sr. Marques de Sousa protesta contra a informação que tem de tencionarem crear um outro curso de farmacia.

O sr. Pinto da Fonseca diz ter informações seguras e certas de que os srs. professores pensaram em crear um outro curso de farmacia mais reduzido, mas que em vista dos actuaes alumnos e o ministro não terem opinião favoravel a esta ideia os professores desistiram.

O sr. Gama Junior confirma a informação do sr. Pinto da Fonseca e diz que lhe parece occasião oportuna dos pharmaceuticos de 2.^a classe conseguirem a matrícula nas Escolas.

O sr. Joaquim Pedro de Moraes falando sobre os nomes propostos para fazerem parte da Comissão de Pharmacopea, lembra o nome do sr. Perdigão, bacteriologista distincto e que representaria os pharmaceuticos colonias.

Por proposta do sr. Cisneiros e Faria foi exarado na acta um voto de sentimento e indignação pelos atentados da noite de 19 de Outubro, e que se envie um officio de pezame á viuva do Dr. Antonio Granjo em vista d'este illustre cidadão estar mais ou menos ligado ao nosso colega Julio Cruz e que esse officio seja entregue por intermedio do mesmo colega.

O sr. Presidente associa-se á proposta do sr. Cisneiros e Faria a qual teve aprovação unanime

Teve 1.^a leitura o parecer da comissão revisora de contas.

O sr. Presidente participa o falecimento da esposa do socio sr. José Soares Teixeira, em cujo funeral a Sociedade se fez representar pelos dois secretarios.

Foi aprovado augmentarem-se os honorarios aos funcionarios.

Foram aprovados socios: correspondente, o sr. José Navarro Soeiro e efectivos os srs. Homero Ferreira, Joaquim Rodrigues Acabado e João Porfirio.

Sessão em 13 de Dezembro de 1921

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.^o SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.^o » — » *Marques de Sousa*

O sr. Cisneiros e Faria envia uma proposta para a Sociedade se fazer representar nos Congressos nacionaes.

O sr. Marques de Sousa perfilha a ideia do sr. Cisneiros e Faria, e informa que no projecto de reforma do exercicio de farmacia, está incluído o principio da criação dos partidos farmaceuticos municipaes.

O sr. Presidente acha o assunto muito interessante, mas em consequencia da falta de numero de socios necessarios para se tomarem quaesquer deliberações se vê obrigado a adiar o

PARECER

SENHORES:

A Comissão eleita em sessão d'Assembleia Geral de 29 de Novembro p. p. para estudar a situação financeira da Sociedade e propor as medidas necessarias para a melhoria da sua situação economica vem pelo presente relatorio, dar conta dos seus trabalhos.

Assim para maior facilidade de exposição classificou as receitas da Sociedade:

- 1.^o — Receitas fixas;
- 2.^o — Receitas eventuaes.

1.^o — *Receitas fixas* — Compreendeu a Comissão serem constituídas unicamente pelo producto das quotas dos seus socios, visto a Sociedade não ter podido, até hoje, capitalisar.

O numero de socios, segundo o resumo publicado no ultimo numero do jornal, é de 512, dos quaes, 49 estão isentos do pagamento de quota, ficando portanto 463 socios, que pagando a quota actual, deviam produzir de receita anual Esc. 1.666.780, porem viu esta Comissão, pelo parecer da Comissão que reviu as contas da gerencia do ultimo ano, que a receita de quotas foi apenas de 822.760, o que corresponde apenas a 228 socios. Não compete a esta Comissão averiguar as causas da falta de pagamento, nem o não cumprimento dos estatutos na parte referente ao atraso no pagamento de quotas, se de facto existe.

2.^o — *Receitas eventuaes* — São meramente transitorias e especialmente constituídas pelo arrendamento do laboratorio, e portanto não devem ser incluídas nos elementos destinados a fazer face ás despesas da Sociedade.

Despezas — Dividiu esta Comissão as despesas da seguinte forma:

- 1.^o — Despesa com pessoal (ordenados ao escripturario e continuo);
- 2.^o — Serviço d'obrigações;
- 3.^o — Conservação da propriedade;
- 4.^o — Contribuições e seguros;
- 5.^o — Despesas d'expediente, diversos e extraordinarios;
- 6.^o — Jornal.

1.^o — *Despesa com pessoal* — Não pode ser actualmente inferior a Esc. 900.700 anuaes (escripturario 360.700, continuo 600.700) atendendo a que tem sido sempre pessoal zeloso e com bastantes anos de serviço, encontrando-se n'uma situação difficil, pela deficiencia dos seus ordenados.

2.^o — *Serviço d'obrigações* — E' um encargo a que a Sociedade não pode eximir-se e que calcula a Comissão ser de cerca de Esc. 150.700 anuaes.

3.^o — *Conservação da propriedade* — E' obrigatoria a limpeza

da frontaria e tem que ser feita no proximo ano. Destina-lhe a Comissão a verba anual de Esc. 200.000 que talvez seja de futuro insufficiente.

4.^o — *Contribuições e seguros* — Representam um encargo anual de cerca de Esc. 221.000.

5.^o — *Despezas de expediente, diversos e extraordinarios* — Inclue a Comissão o expediente da secretaria, correio, limpeza, agua, electricidade, etc., calculada em Esc. 600.000.

6.^o *Jornal* — Considera esta Comissão a publicação do jornal como condição essencial para a vida da Sociedade. E' o elo entre a Sociedade e os seus membros não só do Paiz, mas sim de todo o mundo. Deve ser mantido á custa de todos os sacrificios, com publicação regular, senão mensal pelo menos trimestral.

Pode ainda dar uma pequena fonte de receita pelos anuncios que deve explorar a exemplo dos seus similares nacionaes e estrangeiros. Computa esta Comissão a despesa para o jornal de Esc. 800.000, porem julga-a de futuro insufficiente.

E' pois a despesa total da Sociedade para o proximo ano de cerca de Esc. 3.000.000 contra a receita fixa de Esc. 1.666.780, tomando como base o pagamento integral da cota pelos seus 463 associados, caso sejam exactos os dados estatisticos a que nos referimos.

Perante este estado de coisas, julga esta Comissão, satisfazer o mandato que lhe foi conferido, propondo:

1.^o Que seja augmentada a quota mensal para 1.700 a exemplo do que desde ha longo tempo, tem feito todas as colectividades, sendo este augmento diminuto em relação ao feito por estas;

2.^o Que este augmento seja a contar de Janeiro proximo;

3.^o Que este augmento seja participado a todos os socios por circular, na qual se pondere a situação difficil para a vida da Sociedade, e a necessidade que esta tem de estar habilitada a cumprir o programa dos seus estatutos, que ha anos a esta parte tem deixado de ser cumprido devido a difficuldades financeiras;

4.^o Que á sessão do Conselho Administrativo em que fôr apreciado este parecer, antes de ser levado á Assembleia Geral, seja a Comissão convidada a assistir.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1921.

José Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria
Miguel Fadon Lizaso
Carlos Marques de Sousa (Relator)

ACTA DA SESSÃO SOLENE

Aniversario do octagesimo sexto ano da Sociedade Farmacéutica Lusitana
realizado em 22 de Dezembro de 1921.

- PRESIDENTE — *Sr. José Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria*
1.º SECRETARIO — « *Hildebrando José Gonçalves*
2.º — « *Miguel Fado Liza*

Pelas vinte e uma horas e meia o sr. Presidente declarou aberta a sessão e convidou o sr. Secretario a proceder á leitura do seguinte:

Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Farmacéutica Lusitana, durante o 86.º ano da sua fundação.

FORAM ADMITIDOS

Para a classe dos efectivos

Artur Marciel Lopes de Paula
Augusto Brito de Carvalho
Carlos Augusto Carreira de Figueiredo
Enrico da Silva Nogueira
Gastão Duarte Silva
João Antonio d'Almeida
Joaquim Rosa Bernardo
Joaquim Varela Gusmão
Raul Teixeira Coelho
D. Sara Pereira Rodrigues
Virgilio Pavia Marques da Costa

Para a classe de correspondentes nacionaes

Alberto Dias — S. Pedro do Sul
Antonio Maria Leal — Canêças
Augusto de Oliveira Mendes — Santarem

Bernardo Santos Teixeira — Pico de Regalados, Minho
 Domingos Martins — Montoito, Evora
 Emidio Gonçalves de Azevedo — Alcacer do Sal
 Joaquim Antonio Casimiro Junior — Coimbra

DESPEDIRAM-SE

Efectivos:

José Victorino Vieira
 Julio Pinto Barata
 Manuel Rodrigues Machado

Efectivos:

João Antonio Luiz Bispo

Ficaram existindo:

Presidente honorario	1
Benemeritos	11
Honorarios nacionaes	12
Honorarios estrangeiros	23
Efectivos	160
Correspondentes nacionaes	87
Correspondentes estrangeiros	26
Total	320



Centro de Documentação Farmacéutica

RESUMO DA CONTA DE RECEITA E DESPEZA DO ANO ECONOMICO DE 1920-1921

Receita:

<i>Em obrigações da Dívida Externa</i>	
1.ª serie	696,00
<i>Em depósito no Monte-pio Geral</i>	917,49
<i>Em Caixa</i>	220,10,5
<i>Receita cobrada durante o ano</i>	1.642,23
	<u>2.649,82,5</u>

Despeza:

<i>Despeza ordinaria e extraordinaria</i>	1.371,28
<i>Amortização de obrigações</i>	99,50
<i>Côupons pagos</i>	217,00
	<u>1.491,78</u>

Saldo em 30 de Junho de 1921:

<i>Em obrigações da Divida Externa—</i>		
1.ª serie	696\$00	
<i>Em deposito no Monte-pio Geral</i>	94\$62	
<i>Em caixa</i>	367\$42,5	1.158\$04,5

O sr. 1.º secretario leu em seguida o seguinte:

PREMIO JOSÉ DIONISIO CORREIA, FUNDADO NO QUINQUAGESIMO ANO DA INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE

Programa do Concurso

A Sociedade Farmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do Artigo 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programa para o concurso que ha de ser julgado no proximo ano:

Memoria sobre qualquer questão de farmacia ou sobre assunto de interesse profissional

Condições

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de *Membro benemerito* acompanhado d'um *bonus* de cinquenta escudos ao premiado em primeiro lugar e no diploma de *Membro honorario* aos que se seguirem, quando as suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a Concurso serão escritas em portuguez, se os seus autores forem naturaes d'este paiz, e em francês se forem estrangeiros e virão dirigidas ao 1.º secretario da Sociedade, por todo o mez de Abril do ano em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do autor em carta fechada, no qual se lerá por fora, e como divisa, a mesma epigrafe da memoria, que será aberta na sessão solene e virão fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu autor, pedindo-a com a mesma epigrafe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solene aniversario, deverão ser para este fim aprovadas pela Sociedade e alem d'isso serão impressas e publicadas na colecção que terá por titulo *Memorias da Sociedade Farmaceutica Lusitana*, recebendo os seus autores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho autentico de que seus autores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programa.

**Relação dos individuos e corporações
que brindaram a Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 86.º ano**

Dr. Ricardo Jorge
Direcção Geral de Estatistica
Direcção Geral de Previdencia Social
Associação Commercial dos Logistas de Lisboa
Academia Politecnica do Porto

Redacção dos seguintes jornaes, revistas e boletins:

Esculapio—Revista Grafica de Medicina, de Madrid
Anais do Club Militar Naval, de Lisboa
Journal de Pharmacie et de Chimie, de Paris
El Monitor de la Farmacia y de la Terapeutica, de Madrid
Estudo quimico, radio-activo e bacteriologico das aguas de Santa Marta.
Boletim da Camara Portuguesa de Comercio, Industria e Arte, de S. Paulo
A Medicina Contemporanea, de Lisboa
A Cotação—Revista de Cotações Comerciaes e Cambiaes
Boletim Farmacologico
Algunas consideraciones sobre el analisis quimico de los aguas de Caracas y de otros vecinos, por Dr. L. G. Thiago
Journal de la Grotte de Londres
A Folha do Povo
Revista de Medicina Veterinaria
Optical Methods in Control and Records Laboratories
La Fievre Apteuse—*Journal de vulgarisation*
Anales de la Direccion de Sanidad Nacional, etc., etc.

Extrato do discurso pronunciado pelo sr. Presidente

Lamenta a ausencia do sr. Presidente e Vice-Presidente que por motivo de doença não poderam comparecer; agradece ao sr. 1.º Secretario o convite para presidir a esta sessão e pede que o desculpem das poucas palavras que vae proferir por não vir preparado, tendo n'esta occasião tirado uns pequenos apontamentos sobre os factos mais notaveis para a Sociedade durante o corrente ano.

Regosija-se pela elevação das Escolas de Farmacia a Faculdades, facto muito justo visto o actual curso de farmacia ser identico aos outros cursos superiores que ha bastante tempo são Faculdades.

Sua Ex.^a refere-se ao honroso convite feito a esta Sociedade para se fazer representar no Congresso scientifico do Porto e á forma como foi representada pelo nosso colega prof. Anibal Cunha.

Diz que a informação pedida pela Direcção Geral de Saude sobre a possibilidade de virem para Portugal medicamentos alemães por conta da indemnisação de guerra o que a Sociedade imediatamente satisfez, demonstra a consideração das instancias superiores pela Sociedade.

Espera que dentro em breve a Comissão eleita por esta Sociedade para a elaboração da nova Farmacopêa, entre em exercicio e produza trabalho

que nos honre a todos, assim como espera que a reforma do exercicio de farmacia seja um facto.

Sobre o jornal da Sociedade, que por motivos varios tem andado atrasado, conta que brevemente seja publicado o jornal referente ao ano de 1920, ficando assim em dia.

Presta homenagem aos nossos consocios Soares Teixeira e concessionario do laboratorio pelos constantes beneficios feitos á Sociedade.

Sobre a fusão da Sociedade com a Associação dos Farmaceuticos lamenta que não se tenha realizado, pois que só beneficios poderia trazer á Sociedade, mas que por motivos estranhos á nossa vontade não se poudo realizar.

Agradece aos funcionarios da Sociedade o seu zelo e pontualidade.

Sua Ex.^a entende que é necessario o augmento das quotas de forma a fazer face ás despezas. Sobre o movimento de sócios diz que se alguns teem sahido por falta de pagamento de quotas, o numero de admissões é maior que o das demissões.

A Sociedade tem conseguido satisfazer reclamações de colegas das provincias, de forma que por este facto a Sociedade deve orgulhar-se, pelos resultados conseguidos e todos os farmaceuticos a devem auxiliar para poder continuar a gosar do prestígio que n'estes oitenta e seis anos tem gosado.

Em seguida o sr. Presidente deu a palavra ao sr. Carlos Marques de Sousa que realisou a sua conferencia intitulada: *Algumas palavras sobre os radio-activos*. Sua Ex.^a foi muito cumprimentado no fim da sua brilhante conferencia depois do que o sr. Presidente encerrou a sessão.

Sessão em 1. de Fevereiro de 1922

PRESIDENTE — Sr. Mourato Vermelho
 1.º SECRETARIO — Hildebrando Gonçalves
 2.º — Fadon Lizaso

da Ordem dos Farmacêuticos

Antes da ordem da noite o sr. João Francisco de Jesus apresenta á Assembleia o nosso consocio sr. Almeida Cunha, do Porto a quem o sr. Presidente apresenta os cumprimentos em seu nome e no da Sociedade.

O sr. Almeida Cunha agradece e aproveita a oportunidade para expor factos passados na sua farmacia, queixando-se da forma como foi tratado pelos fiscaes do sêlo das especialidades.

O sr. Presidente pergunta se deseja que a Sociedade trate desde já este assunto, respondendo o sr. Almeida

Cunha achar melhor esperarmos pelos trabalhos do Centro Farmaceutico do Porto.

Entrando-se na ordem da noite, appreciou-se o parecer da Comissão nomeada para estudar a situação financeira da Sociedade tendo-se aprovado por unanimidade a elevação da quota mensal a partir de Janeiro, para um escudo.

Na segunda parte da ordem da noite realisaram-se as eleições dos corpos gerentes sendo nomeados escrutinadores os srs. Oliveira e Marques de Sousa.

Foram eleitos para a Meza:

Presidente — Mourato Vermelho

Vice-Presidente — Joaquim Pedro Moraes

1.º Secretario — Antonio Maria Gomes Junior

2.º Secretario — Miguel Fadon Lizaso

1.º Vice-Secretario — José Pedro Alves

2.º Vice-Secretario — Gastão Duarte Silva

Tesoureiro — José Cisneiros e Faria

Vice-Tesoureiro — Augusto Carlos Oliveira

Bibliotecario — José Soares Teixeira

Vice-Bibliotecario — Ernesto dos Santos

Comissão de Redacção

Carlos Candido Coutinho

Carlos Marques de Sousa

Miguel Fadon Lizaso

João Antonio de Almeida

Comissão de Quimica

Bernardo Augusto Costa Simões

José Pinto da Fonseca

Serafim Pereira

José Simões Borba

Comissão de Farmacia

Manoel Luiz Sequeira

Victor Branco

Hildebrando Gonçalves

João Martins do Rego

Sessão em 14 de Fevereiro de 1922

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Hildebrando Gonçalves*

2.º » — » *Fazon Lizaso*

O sr. Presidente agradece a sua reeleição e declara esperar poder deixar aos seus sucessores a Sociedade financeiramente desafogada, cumprimenta o sr. Gomes Junior pela sua eleição para 1.º Secretario, afirmando que a Sociedade muito tem a esperar do seu talento e boa vontade.

Ao sr. Hildebrando Gonçalves o abraço de despedida e o reconhecimento da sua bela camaradagem o que este sr. agradece assegurando a continuação da sua colaboração nos trabalhos da Sociedade.

O sr. Gomes Junior agradece a sua eleição e as boas palavras que o sr. Presidente se dignou dirigir-lhe.

O sr. Cisneiros e Faria envia para a mesa as seguintes propostas:

Proposta motivada elevando á categoria de socio benemerito o sr. Mourato Vermelho; outra, para que a Sociedade se faça representar nos futuros congressos economicos e para que se manifeste por officio ao sr. Simões Costa, o nosso regosijo pelas melhoras da sua grave doença.

Agradece a sua eleição para o cargo de tesoureiro, pedindo todavia lhe consintam não aceitar pelo seu estado de saude não o permitir desempenhar-o.

O sr. Presidente agradece comovidamente ao sr. Cisneiros a sua generosa proposta elevando-o a socio benemerito, mas insiste para que S. Ex.^a a retire pois não se considera merecedor de tal honra. Tambem influe no seu pedido a circumstancia de desempenhar o lugar de Presidente.

O sr. Marques de Sousa congratula-se pela proposta do sr. Cisneiros e pede para tambem assignar a proposta, enviando para a mesa uma proposta identica para o sr. Cisneiros e Faria.

O sr. Cisneiros e Faria agradece a proposta do sr. Marques de Sousa e insiste pela recusa do lugar de tesoureiro, pelo menos n'estes primeiros tempos.

O sr. Presidente diz que, sendo só o impedimento de Sua Ex.^a temporario, será chamado á efectividade o vice-tesoureiro enquanto o sr. Cisneiros e Faria não puder ocupar o seu lugar.

Com respeito á nossa representação nos Congressos Economicos foi resolvido depois de diversos socios exporem a sua opinião, que os srs. Carlos Coutinho, Marques de Sousa e Cisneiros e Faria conjuntamente estudarem o assunto.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento da mãe do socio sr. Seabra Lopes.

Foi aprovado socio efectivo o sr. Manoel Pinheiro Nunes.

Sessão em 14 de Março de 1922

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — *Antonio Gama Junior*

2.º » — *Fadon Lízaso*

O sr. Administrador do concelho de Silves, enviou um officio pedindo informações sobre as leis que regem o exercicio de farmacia; foi resolvido prestar-lhe todos os esclarecimentos.

O sr. João Costa reclama sobre a venda de especialidades farmaceuticas em casas onde não ha farmaceutico responsavel.

O sr. João Francisco Jesus fala sobre farmacias illegaes e alvitra a nomeação d'uma comissão permanente para tratar d'este assunto, e pergunta em que altura vão os trabalhos da comissão nomeada para elaborar o projecto de reforma do exercicio profissional.

O sr. Marques de Sousa, vogal d'essa Comissão, presta os esclarecimentos desejados.

Entrando-se na ordem da noite, o sr. Presidente informa ter recebido a copia da representação enviada pelo Centro Farmaceutico do Porto ao Governo a proposito das mul-

tas lançadas pelo Inspector do Sêlo a colegas do Porto, historia a evolução d'este imposto e os esforços empregados para a sua modificação, considera os regulamentos actuaes vexatorios e iniquos e afirma que todos os esforços devem tender a modificar estes diplomas, transformando-os em documentos claros e leaes que não são.

Por estas razões entende, que no caso ocorrido no Porto, considerado estrictamente sob o ponto de vista legal, nada se conseguirá. Devemos não obstante toda a assistencia moral aos nossos colegas.

O sr. Jesus discorda d'esta opinião, pois os colegas multados o foram indevidamente, dizendo que, com o actual regulamento, todas as farmacias estão sujeitas a incorrerem em multas constantes.

O sr. Gama Junior entende que o regulamento tal como está não deve continuar e que devemos obter do Parlamento a sua modificação, pedindo desde já ao sr. Ministro das Finanças que permita a reselagem em nossas casas em harmonia com a lei.

O sr. Presidente constata que todos estão de acordo em que o mal está principalmente nos regulamentos, sempre capciosos e arbitrarios.

O sr. Jesus pede para na sessão seguinte se tratar novamente do caso.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento do socio sr. Manoel dos Santos Brazão.

Foram eleitos socios correspondentes o sr. Camilo de Matos, de Macieira de Cambra e Francisco Gomes Almen-
dra, de Vinhaes.

Sessão em 30 de Maio de 1922

PRESIDENTE — Sr. *Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Gomes Junior*

2.º » — » *Fadon Lizaso*

Entre o expediente figura um officio da Associação dos Medicos Portuguezes, pedindo o auxilio da Sociedade para tratar da questão das farmacias illegaes; o sr. Presidente manda ler um officio em resposta.

O sr. Luiz Branquinho entende que nas leis vigentes ha meios de acabar com as farmacias illegaes, bastando apenas que nós o queiramos.

O sr. Cisneiros e Faria lamenta a pouca concorrência de socios ás sessões, e pede a todos que tenham conhecimento de reclamações fundamentadas as apresentem á Sociedade para esta poder agir sem demora.

Aproveita a ocasião para prestar homenagem aos illustres aviadores que estão realizando a portentosa viagem aerea ao Brazil e propõe um voto de congratulação que seja aos mesmos comunicado.

O sr. Presidente, interpretando os evidentes desejos da Assembleia, associa-se entusiasticamente ás palavras do sr. Cisneiros prestando tambem calorosa homenagem aos grandes portuguezes cuja proeza emociona o paiz inteiro.

O sr. Marques de Sousa associa-se tambem de todo o coração ás homenagens prestadas aos seus camaradas aviadores. Falando a seguir sobre o exercicio illegal de farmacia diz que as leis existentes são suficientes, o caso é cumprirem-se.

O sr. Gama Junior informa ter a Associação dos Farmaceuticos pedido no Governo Civil uma lista de todas as farmacias registadas, para depois proceder.

Foram aprovados socios correspondentes os srs. Antonio Pita, de Coimbra; José Arsenio da Fonseca Junior, de Alter do Chão; Joaquim Lima Ribeiro, de Ponte de Rol; Cesar Diniz Bastos dos Reis, de Marvão; Eduardo Vasques Cardoso, de Alemquer; socios efectivos os srs. Antonio Maria Caeiro, Alberto de Castro Pinto e José Novaes.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento de uma pessoa de familia do socio sr. Abilio Ferreira, de Bemfica.

Sessão em 13 de Junho de 1922

Na ausencia do sr. Presidente, tomou a presidencia o sr. Cisneiros e Faria que convidou para 1.º Secretario o sr. Gastão Duarte Silva e para 2.º Secretario o sr. Manuel Pinheiro Nunes.

O sr. Simões Costa agradece o cuidado que a Sociedade teve em se informar da marcha da doença que o acometeu.

O sr. Gonçalves Guerra trata d'um caso especial que lhe diz respeito, pedindo o auxilio da Sociedade, e enviando para a mesa uma proposta n'esse sentido.

Foi nomeada uma Comissão composta dos srs. Cisneiros e Faria, Gastão Duarte Silva e Marques de Sousa para dar parecer á proposta elevando a socio benemerito o nosso presidente.

Sessão em 27 de Junho de 1922

PRESIDENTE — *Sr. Gama Junior*

1.º SECRETARIO — » *Antonio Maria Caeiro*

2.º » — » *Fazom Lizaso*

O sr. Hildebrando Gonçalves protesta contra uma noticia publicada n'um jornal que julga desprimorosa para a classe.

O sr. Jesus fala sobre farmacias illegaes.

Foi eleito socio correspondente o sr. Miguel Maia, de Angra do Heroismo.

Foi eleita a Comissão revisora de Contas que ficou composta dos srs. Jesus, Caeiro e Pinheiro Nunes.

Sessão em 11 de Julho de 1922

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Costa Pinto*

2.º SECRETARIO — » *Fadon Lizaso*

O sr. Luiz Branquinho pergunta o que ha sobre a debattida questão do exercicio profissional e das farmacias illegaes.

O sr. Presidente presta os esclarecimentos requeridos.

O sr. Luiz Branquinho entende que quando o projecto for entregue ao ministro a classe deve manifestar-se deci-

didamente e que a Sociedade deve tomar a iniciativa d'um grande movimento contra as farmacias illegaes.

Foi eleito socio efectivo o sr. José Augusto Morão.

Sessão em 25 de Julho de 1922

PRESIDENTE — *Sr. Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — « *Antonio Gama Junior*

2.º — « *Fadon Liçaso*

Pelo sr. Cisneiros e Faria foi proposto um voto de sentimento pela morte do Dr. Costa Ferreira ocorrida em circunstancias muito dolorosas.

O sr. Presidente, associando-se do mais intimo da sua alma à proposta do colega Cisneiros disse não ser aqui o lugar, nem este o momento, nem êle orador a pessoa categorizada para traçar o perfil moral e intellectual do homem illustre e bom que um sopro de tragedia arrebatou, no apogeu do seu talento, a gloria do seu paiz.

Este cientista incansavel, colaborador eventual mas brilhantissimo do nosso jornal, morre na idade de 44 anos a centenas de leguas dos seus e o destino traiçoeiro mal lhe consente que inicie — missão scientifica e nacional que aki o levara.

Unia-o ao finado Dr. Aurelio da Costa Ferreira uma amizade fraternal e sente o coração confrangido os olhos marejam-se-lhe de lagrimas de saudade pelo quasi-irmão tão cruelmente perdido.

Toda a Assembleia se manifesta no mesmo sentido resolvendo-se comunicar o voto unanime de sentimento á viuva do extinto.

O sr. Antonio Caeiro participa ter conhecimento de duas farmacias illegaes.

O sr. Cisneiros e Faria fala sobre farmacias illegaes sendo de opinião de que se reclame do Governador Civil, devendo-se fazer os cadastros das farmacias.

Foi nomeada uma Comissão para saber quaes são as farmacias illegaes e indical-as a esta Sociedade, esta Comis-

são ficou constituída pelos srs. José Pereira Pedro, Antonio Maria Caeiro, João Simões Costa e Luiz Pedro Branquinho.

Sessão em 29 de Agosto de 1922

PRESIDENTE — Sr. *Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Duarte Silva*

2.º SECRETARIO — » *Fadon Liçaso*

Foram aprovados socios effectivos os srs. José Veiga Ferrão Paes, Rodrigo da Silva Ramos e Antonio da Costa Torres; correspondente, o sr. Guilherme de Barros e Cúnha, de Coimbra.

Tratando-se da questão das farmacias illegaes o sr. Caeiro informa que a Comissão ainda não poudé reunir e cita mais algumas farmacias illegaes.

O sr. Marques de Sousa julga que todas as farmacias têm diplomas registados no Governo Civil e que nós devemos insurgir contra os colegas que alugam a carta.

O sr. Joaquim Pedro de Moraes sabe da existencia de farmacias que não tem cartas registadas.

O sr. Jesus deseja saber as bases do projecto da reforma do exercicio de farmacia.

O sr. Marques de Sousa não pode satisfazer os desejos do sr. Jesus, pois o projecto pertence ao sr. Ministro do Trabalho, e que só depois de ter sido entregue no Parlamento dará conta dos seus actos.

O sr. Presidente pede á Comissão que traga uma lista exacta das farmacias em situação illegal, a Sociedade procederá em seguida exigindo de quem de direito o cumprimento rigoroso da lei.

Sessão em 31 de Outubro de 1922

PRESIDENTE — Sr. *Mourato Vermelho*

1.º SECRETARIO — » *Marques de Sousa*

2.º » — » *Fadon Liçaso*

Foi aprovado o parecer da Comissão revisora de contas.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento da esposa do socio sr. Americo Augusto Mendes.

O sr. Jesus pergunta se o concessionario do laboratorio alugou ou pretende alugar o laboratorio a alguém.

O sr. Carlos Coutinho, como concessionario do laboratorio, diz que não quer nem poderia alugar o laboratorio e aproveita a ocasião para informar que tenciona cesar o seu contracto em Julho de 1923, participando desde já á Sociedade que a partir d'essa data o laboratorio ficará livre. Diz ter conhecimento d'um socio que deseja a concessão e não terá duvida em rescindir o contracto desde já se isso fôr porventura util á Sociedade.

O sr. Cisneiros lamenta que o sr. Coutinho deixe o laboratorio, e envia uma proposta para que a Mesa se informe do que ha em virtude das declarações do sr. Coutinho, e oportunamente traga á Assembleia uma proposta concreta sobre o assunto.

Parecer da comissão revisora de contas do exercício 1921-22

A comissão incumbida de examinar as contas de gerencia do Conselho Administrativo no ano economico de 1921-1922 segundo o n.º 11 do artigo 25 dos nossos estatutos vem hoje dar conta do seu mandato.

Foram-lhe apresentados todos os livros e documentos de receita e despeza, encontrando tudo em ordem e escriturado na mais perfeita regularidade, de forma a convencer a mesma comissão de que o Conselho Administrativo exerceu a sua gerencia com o mais escrupuloso criterio e economia.

Conforme se verifica pelo mapa junto ás contas da gerencia, a receita total elevou-se a Esc. 2.848\$60 tendo a cobrança de quotas rendido Esc. 1.455\$60. A despeza ordinaria e extraordinaria foi de Esc. 2.281\$35 incluindo a amortização de 4 obrigações no valor total de Esc. 40\$00 e o pagamento de coupons no valor de Esc. 49\$00, havendo um saldo de Esc. 567\$25.

Verificou-se que as obrigações por sortear são em numero de 151 e as sorteadas 341.

A comissão é de parecer e tem a honra de vos propôr:

- 1.º — Que aproveis as contas da gerencia de 1921-1922.
- 2.º — Que ao Conselho Administrativo seja concedido um voto de louvor pelo seu zêlo e dedicação.
- 3.º — Que se elogie o nosso escripturario pela boa ordem e método em que tem a escripturação.
- 4.º — Que se louve o nosso continuo pela sua assiduidade e zêlo.

Finalmente a comissão revisora de contas propõe para um aumento provavel de receitas:

- 1.º — Desenvolver a propaganda na provincia com a publicação e distribuição do nosso jornal.
- 2.º — Estabelecer dentro da nossa sociedade uma secção de informações que interessem o farmaceutico.
- 3.º — Estudar o caso dos actuaes ajudantes de farmacia.

Lisbôa, 29 de Agosto de 1922.

aa) *Manoel Pinheiro Nunes*
João Francisco de Jesus
Antonio Maria Caeiro

Centro de Documentação Farmacéutica
 da Ordem dos Farmacêuticos

ACTA DA SESSÃO SOLENE

Aniversario do octagesimo sexto ano da Sociedade Farmaceutica Lusitana
realizado em 16 de Novembro de 1922

PRESIDENTE — Sr. Joaquim Pedro de Moraes
1.º SECRETARIO — » Antonio Maria da Gama Junior
2.º » — » Miguel Fadon Liçaso

Pelas 21 horas e meia, achando-se na sala grande numero de socios effectivos o sr. Vice-Presidente na falta do sr. Presidente que se encontrava doente declarou aberta a sessão e convidou o sr. 2.º secretario a proceder á leitura do seguinte:

Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Farmaceutica Lusitana, durante o 87.º ano da sua fundação

FORAM ADMITIDOS

Para a classe dos effectivos

Alberto Castro Pinto
Antonio Maria Caeiro
Homero Ferreira
João Porfirio
Joaquim Rodrigues Acabado
José Novaes
Manuel Pinheiro Nunes

Para a classe de correspondentes nacionaes

Antonio Pita, Coimbra
Camilo de Matos, Macieira de Cambra
Cezar Diniz Bastos dos Reis, Marvão
Eduardo A. Vasques Cardoso, Merceana
Francisco B. Gomes Almeida, Vinhaes

Joaquim Lima Ribeiro, Ponte de Sol — Torres Vedras
 José Arsenio da Fonseca Junior, Alter do Chão
 José Jorge Calado, Torres Novas
 José Maria Navarro Soeiro, Viana do Alemtejo
 Mario Coelho Teixeira, Belas
 Miguel Maia, Angra do Heroismo

Efectivos:

Agostinho Sezinando Marques
 Gaspar Maria do Nascimento
 Joaquim Rosa Bernardo

Correspondentes:

Bruno da Silva Lomba

Ficaram existindo:

Presidente honorario	11
Benemeritos	12
Honorarios nacionaes	23
Honorarios estrangeiros	152
Efectivos	85
Correspondentes nacionaes	26
Correspondentes estrangeiros	310
Total	310

RESUMO DA CONTA DE RECEITA E DESPEZA DO ANO ECONOMICO DE 1921-1922**Recetta:**

<i>Em obrigações da Divida Externa —</i>		
1. ^a serie	656,00	
<i>Em deposito no Monte-pio Geral</i>	94,62	
<i>Em Caixa</i>	367,42,5	
<i>Recetta cobrada durante o ano</i>	2.848,86	4.006,90,5

Despeza:

<i>Despeza ordinaria e extraordinaria</i>	2.192,35	
<i>Amortização de obrigações</i>	40,00	
<i>Coupons pagos</i>	40,00	2.281,35

Saldo em 30 de Junho de 1922:

<i>Em obrigações da Dívida Externa</i>		
1. ^a serie	606,00	
<i>Em deposito no Monte-pio Geral</i>	94,62	
<i>Em caixa</i>	934,03,5	1.725,55,5

O sr. 1.^o secretario leu em seguida o seguinte:

PREMIO JOSÉ DIONISIO CORREIA, FUNDADO NO QUINQUAGESIMO ANO DA INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE

Programa do Concurso

A Sociedade Farmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.^o do Artigo 27.^o dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programa para o concurso que ha de ser julgado no proximo ano:

Memoria sobre qualquer questão de farmacia ou sobre assunto de interesse profissional.

Condições

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de *Membro benemerito* acompanhado d'um *bônus* de cincoenta escudos ao premiado em primeiro lugar e no diploma de *Membro honorario* aos que se seguirem, quando as suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente a questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a Concurso serão escritas em portuguez, se os seus autores forem natuzaes d'este paiz, e em francês se forem estrangeiros e virão dirigidas ao 1.^o secretario da Sociedade, por todo o mez de Abril do ano em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do autor em carta fechada, no qual se fará por fora, e como divisa, a mesma epigrafe da memoria, que será aberta na sessão solene, se a memoria fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu autor, pedindo-a com a mesma epigrafe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solene anniversaria, deverão ser para este fim aprovadas pela Sociedade e alem d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo *Memorias da Sociedade Farmaceutica Lusitana*, recebendo os seus autores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho autentico de que seus autores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programa.

**Relação dos indivíduos e corporações
que brindaram a Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o 87.º ano**

Direcção Geral de Estatistica
Direcção Geral de Previdência Social
Hospitais Cívicos de Lisboa
Associação dos Advogados de Lisboa
Academia Politecnica do Porto
Academia de Ciências de Lisboa
Sociedade de Geografia

Redacção dos seguintes jornaes, revistas e boletins:

Anais do Club Militar Naval, de Lisboa
Boletim Farmacológico
Journal de Pharmacie et de Chimie, de Paris
El Monitor de la Farmacia y de la Terapeutica, de Madrid
Esculapio — Revista Grafica de Medicina, de Madrid

Sessão em 28 de Novembro de 1922

PRESIDENTE — Sr. Mourato Vermelho

1.º SECRETARIO — » Gama Junior

2.º » — » Fazon Lizaso

O sr. Antonio Domingos Oliveira fala sobre a multa imposta em tempos ao sr. Almeida Cunha, do Porto, perguntando o que se resolveu a esse respeito.

Protesta contra os fornecedores de venderem produtos por preços superiores aos do mercado, e por quererem obrigar-nos a pagar o imposto de 2% sobre transações.

O sr. Presidente presta esclarecimentos sobre o caso Almeida Cunha, tendo os outros assuntos sido adiados, por se terem de realizar as eleições.

O sr. Gama Junior, ainda a propósito do caso Almeida Cunha, diz que o assunto não foi descurado e que a Sociedade não reforçou a representação do Centro Farmaceutico do Porto, por não concordar com os termos em que vinha escrita, tendo o caso sido tratado com o sr. Ministro que autorisou a reselagem nas farmacias.

O sr. Marques de Sousa relativamente ás homenagens a prestar ao prof. Ferreira da Silva, entende que a Sociedade deve contribuir para aumentar o premio que se projecta crear.

Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes dando o seguinte resultado:

Presidente — José Alemão Cisneiros e Faria

Vice-Presidente — Joaquim Pedro de Moraes

1.º Secretario — Miguel Fadon Lizaso.

2.º Secretario — Antonio Maria Caeiro

1.º Vice-Secretario — Floriano Correia

2.º Vice-Secretario — Gastão Duarte Silva

Tesoureiro — Manoel Luiz Sequeira

Vice-Tesoureiro — Augusto Carlos d'Oliveira

Bibliotecario — José Maria Soares Teixeira

Vice-Bibliotecario — Ernesto Augusto dos Santos

Comissão de Redacção

Carlos Candido Coutinho

Carlos Marques de Sousa

Miguel Fadon Lizaso

Manuel Piuheiro Nunes (suplente)

Comissão de Quimica

Bernardo Simões

José Pinto da Fonseca

Gastão Duarte Silva

Augusto Brito de Carvalho (suplente)

Comissão de Farmacia

Manuel Luiz Sequeira

João Francisco de Jesus

José Simões Rocha

Homero Ferreira (suplente)

O sr. Cisneiros agradece a sua eleição.

O sr. Domingos Oliveira presta esclarecimentos sobre o imposto de transacção o que o sr. Presidente agradece em nome da Assembleia.

Sessão em 12 de Dezembro de 1922

PRESIDENTE — Sr. Mourato Vermelho

1.º SECRETARIO — » Gomes Junior

2.º » — » Fadon Lizaso

O sr. Simões Costa reforça os protestos feitos na sessão anterior contra o imposto sobre transacções que os fornecedores pretendem obrigar-nos a pagar.

O sr. Gama Junior diz ter ido em Comissão ao sr. Ministro das Finanças para tratar do imposto de transacção, tendo S. Ex.^a aconselhado a enviarem-lhe uma representação e tendo concordado com a reselagem nas farmacias.

O sr. Domingos de Oliveira apoia o protesto do sr. Simões Costa, entendendo que os 20 % que os fabricantes dão nas especialidades é actualmente insufficiente, e protesta tambem contra os colegas que não cumprem com o horario de trabalho e descanso semanal.

O sr. Presidente apresenta as suas despedidas aos colegas que com êle serviram, de cuja colaboração leal e afectuosa camaradagem leva as mais gratas recordações; aos seus consocios pede lhe relevem as deficiencias, sem duvida mais numerosas do que desejaria.

Aos novos eleitos, experimentados e illustres colegas nos trabalhos de que se vão ocupar, e em especial ao sr. Cisneiros e Faria, novo presidente e um dos mais dedicados e brilhantes elementos da nossa agremiação apresenta os seus cordeaes cumprimentos convidando-os a tomar posse da Meza, que fica assim constituída:

Presidente — Sr. José Alemão Cisneiros e Faria

1.º Secretario — Sr. Miguel Fadon Lizaso

2.º Secretario — Sr. Antonio Maria Caeiro

O sr. Presidente agradece a sua eleição, traça a orientação futura confiando na boa vontade de todos. Entende que se deverão fazer sessões solenes em homenagem a Pasteur, bem como a Ferreira da Silva, Ponte e Sousa e Emilio Estacio, trabalhadores incansaveis e quimicos distintos.

Entende que os funcionarios estão mal remunerados e necessitam ser augmentados.

O sr. Joaquim Pedro Moraes agradece á Direcção transacta os valiosos serviços prestados fazendo o elogio do novo Presidente.

O sr. Gama Junior propõe a creação d'uma Comissão permanente de intereses profissionaes propondo os nomes dos srs. Alberto Malta, Luiz Branquinho, José Valentim, Antonio Domingos de Oliveira e Manuel Valente Serrano.

Sessão em 26 de Dezembro de 1922

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — *» Fador Liçaso*

2.º " — *» Antonio Maria Caeiro*

O sr. Simões Borba realisou a sua annunciada conferencia sobre «Agentes de alterações dos medicamentos» sendo muito aplaudido e tendo-se resolvido publicar-se no jornal a conferencia.

Foi aprovada a proposta do sr. Marques de Sousa para que a Sociedade concorra pecuniariamente para o premio Ferreira da Silva e para que se realise uma sessão solene em sua homenagem.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento do prof. Eduardo Pimenta.

O sr. Sequeira protesta contra uma circular da farmacia Portugal da rua Augusta, intitulado-se farmaceuticos os seus proprietarios. Foi resolvido reclamar junto do sr. Governador Civil.

Foi lida uma carta do sr. Carlos Coutinho desistindo do contrato que fez com a Sociedade desde 1 de Julho de 1923.

O sr. Simões Costa requer que esta carta vá para o Conselho Administrativo para dar parecer.

O sr. Marques de Sousa falando sobre a proposta de arrendamento do sr. Julio Cruz, pediu para ser nomeada uma Comissão que juntamente com a Mesa dê parecer sobre o assunto.

A proposta do sr. Julio Cruz é em resumo o seguinte: Deseja a concessão do laboratorio, vista a desistencia do actual concessionario, oferecendo como renda anual a quantia de 1:200.000 pagos em prestações semestraes adeantadas.

Sessão em 9 de Janeiro de 1923

PRESIDENTE — Sr *Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Fadon Liçaso*

2.º SECRETARIO — » *Antonio Maria Caeiro*

Lida a acta da sessão anterior e depois de uma pequena rectificação do sr. Marques de Sousa sobre o premio Ferreira da Silva, foi aprovada.

Continuando a discussão da proposta do sr. Julio Cruz sobre a concessão do laboratorio foi nomeada uma Comissão composta dos srs. Cisneiros e Faria, Francisco de Jesus e Pinto Fonseca para darem o seu parecer sobre as bases do futuro contracto.

Entrando-se na ordem da noite, «imposto de transacção», depois de longa discussão em que usaram da palavra os srs. Manuel Luiz Sequeira, João José da Costa, Victor Branco e Antonio Maria da Gama, foi nomeada uma Comissão para tratar do referido imposto. Essa Comissão compõe-se dos srs. Adelino Simões Pires, João José da Costa, Victor Branco e Gama Junior.

Em seguida foi posta á discussão uma proposta do sr. Francisco de Jesus sobre a admissão dos farmaceuticos nas Faculdades de Farmacia. O sr. Marques de Sousa diz que o estatuto universario não permite a matricula, com o que não concorda tanto o auctor da proposta como o sr. Gama.

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

Sessão em 30 de Janeiro de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Joaquim Pedro de Moraes*

1.º SECRETARIO — » *Fadon Liçaso*

2.º » — » *Antonio Maria Caiiro*

O sr. Manuel Luiz Sequeira alvitra que, dado o elevado custo dos avisos convocatorios das sessões, estes avisos individuaes sejam substituidos ou por anuncio nos jornaes ou por um aviso mensal unico para as duas sessões.

O sr. 1.º Secretario propõe que se façam os avisos pessoas somente nos casos urgentes.

O sr. Gama discorda do alvitre do sr. Sequeira, porquanto o anuncio passa despercebido a muitos.

O sr. Gama propõe que se proteste perante o sr. Director Geral dos Correios, Ministro do Comercio e Parlamento contra o augmento da franquia, nas encomendas postaes e amostras pois reconhece que esse augmento torna varias especialidades proibitivas de venda na provincia quando se empregue esses meios de transporte, sendo muitas vezes mais cara a franquia do que a referida especialidade.

Foi discutido e aprovado o relatorio da Comissão que elaborou as bases do contracto para o arrendamento do laboratorio tendo sido nomeada em Comissão para fazerem o contracto de arrendamento os srs. Cisneiros e Faria, João Francisco de Jesus, Pinto Fonseca e Manuel Luiz Sequeira.

Foram aprovados votos de sentimento pela morte da mãe do colega Paiva da Costa, pela do filho do colega Alfredo da Silva Machado e pela do Major-farmacêutico Sezinando Marques.

Foram eleitos socios effectivos os srs Tebar de Oliveira, José Joaquim Ribeiro, Carlos Augusto Nunes, Manuel Augusto Nunes e socios correspondentes os srs. Januariro Pereira, Francisco Paiva Bastos, Gilberto Dionizio, Antonio Joaquim Guerra Semêdo e José Augusto Baptista. Em seguida foi encerrada a sessão.

Sessão em 14 de Fevereiro de 1923

PRESIDENTE — Sr. *Pedro de Moraes*1.º SECRETARIO — » *Fadon Liçaso*2.º SECRETARIO — » *Mario da Costa Santos*

Depois de larga discussão, iniciada pelo sr. Gama, sobre atrasos de quotas d'alguns consocios foi aprovada uma proposta que tem por fim regular o caso em questão e que consiste em mandar uma circular a todos os socios em atraso de quotas convidando-os a porem-se em dia.

Passando á ordem da noite o sr. Presidente pede ao sr. Gama que, como relator, leia o parecer da Comissão que pediu á Camara dos Deputados a modificação do imposto sobre transacções.

E' opinião do sr. Gama bem como a dos srs. Cisneiros e Faria e João José da Costa que se devia pedir a abolição do imposto de transacção na parte que se refere á especialidade farmaceutica porquanto já existe a selagem e não poder haver dualidade de imposto.

O sr. Gama requere que entre imediatamente em discussão o referido parecer com o que não concorda o sr. Marques de Sousa pois acha que essa discussão se deve guardar para quando haja maior numero de socios presentes.

Foram aprovados socios efectivos o sr. João Baptista Pereira Viana e correspondentes os srs. Luiz Pinto Leão Seromenho, D. Maria da Trindade Vieira e José Adriano da Silva Catarino.

Foi aprovado um yoto de sentimento pela morte de pessoa de familia do colega sr. Guerra.

A's 23 horas e meia foi encerrada a sessão.

Sessão em 27 de Fevereiro de 1923

PRESIDENTE — Sr. *Cisneiros e Faria*1.º SECRETARIO — » *Fadon Liçaso*2.º » — » *Antonio Maria Caeiro*

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

O sr. Carlos Coutinho fez uma conferencia sobre o «Estado Coloidal da Materia» sendo muito aplaudido pelo seu valioso trabalho.

O sr. Simões Costa protesta contra a forma como está organizado o serviço nocturno; pede que se officie ao professor sr. Seiça pedindo-lhe o projecto de reforma do exercicio profissional com o que não concorda o sr. Marques de Sousa, ficando resolvido officiar ao sr. Ministro do Trabalho dizendo-lhe que o Presidente da Comissão não comparece a tratar do assunto.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento da irmã do sr. Antonio Borges Sacóto.

Sessão em 13 de Março de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Façon Liçaso*

2.º » — » *Antonio Maria Caeiro*

Aberta a sessão ás 21 horas, depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior e do 1.º Secretario ter lido o expediente o sr. Presidente convidou o sr. Gastão Duarte Silva a fazer a sua conferencia sobre a «Teoria da relatividade». Terminada a conferencia o sr. Duarte Silva foi muito aplaudido.

O sr. Jesus pediu informações sobre a questão do arrendamento do laboratorio, pedindo tambem para que o jornal seja publicado regularmente, sendo elucidado pelo sr. Presidente.

O sr. Caeiro apresentou uma proposta tendo por fim crear nesta Sociedade um curso de ajudantes auxiliares do pharmaceutico tendo sido nomeada uma Comissão composta pelos srs. Carlos Coutinho, Pinto Fonseca e Simões Borba para elaborar o plano de estudo.

Sessão em 27 de Março de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Façon Liçaso*

2.º » — » *Antonio Caeiro*

Aberta a sessão, lida e aprovada a acta da sessão anterior foi dada a palavra ao sr. Marques de Sousa que fez a sua conferencia sobre a «Distilação de madeiras» tendo sido muito aplaudido pelo seu trabalho.

O sr. Caeiro dá conta á Assembleia da sua missão junto do sr. Director da policia administrativa como membro da Comissão nomeada para tratar das farmacias ilegales.

Entrando-se na ordem da noite «criação do curso para ajudantes de farmacia» foi a requerimento do sr. Gama adiada a discussão por ser reduzida a concorrencia á sessão.

O sr. Gama comunica á Assembleia o resultado dos seus trabalhos como membro da Comissão de interesses profissionaes. O mesmo consocio falou sobre a necessidade de fazer um novo regimento e sobre a reforma do exercicio, terminando por pedir que se officie ao sr. prof. Seica.

Foi ainda tratada a questão do aviamento de receitauario feito na Farmacia Central do Exercito a particulares, sendo deliberado pedir ao sr. Ministro da Guerra para acabar com semelhante abuso.

Foi aprovado um voto de sentimento pela morte de um filho do consocio sr. João Augusto dos Santos.

Sessão em 10 de Abril de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — *Fadon Lizaso*
2.º » — *Antonio M. C. eiro*

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

O sr. Adolfo Teixeira relata á Assembleia os trabalhos que tem feito como membro da Comissão de interesses profissionaes e pergunta se o caso do fornecimento de medicamentos a particulares na Farmacia Central do Exercito já tinha ficado arrumado ou se ainda estava pendente ao que o 1.º Secretario respondeu que aguardava a chegada do consocio e deputado sr. Maldonado de Freitas para juntamente com este senhor a Comissão ir falar com o sr. Ministro da Guerra.

Sessão em 26 de Junho de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Façon Liçaso*

2.º » — » *Antonio Caeiro*

Lida e aprovada a acta da sessão anterior o sr. Presidente deu a palavra ao sr. Adolfo Teixeira que realisou a sua brilhante conferencia intitulada «Crise de farmacia em Portugal, males e seus remedios», tendo sido muito aplaudido pelo seu interessante trabalho.

Terminada a conferencia, assumiu a presidencia o sr. Cisneiros e Faria que agradeceu ao conferente.

Entre o expediente figurava uma carta do sr. prof. Seça em que dizia que tinha enviado ao sr. Ministro do Trabalho o projecto sobre a reforma do exercicio de farmacia.

Tanto o sr. Marques de Souza como o sr. Joaquim Pedro de Moraes estranharam o proceder do sr. prof. Seça, tendo pedido a demissão de membro da Comissão da reforma do exercicio de farmacia na que o mesmo senhor é delegado d'esta Sociedade, o que não foi aceite.

O sr. Julio Cruz enviou para a meza a seguinte moção que foi aprovada.

«Ouvida a exposição feita pelo illustre colega Carlos Marques de Souza sobre os trabalhos effectuados na Comissão nomeada para apresentar um projecto de reforma do exercicio de farmacia a Sociedade Farmaceutica Lusitana, confirma toda a sua confiança no seu delegado, tornando-se absolutamente solidario com sua Ex.ª e delibera consignar na acta o seu protesto mais veemente contra a forma como se conduziu no decurso d'aqueles trabalhos o sr. prof. Vicente José de Seça levando ao seu conhecimento esta deliberação.»

Foi eleito socio correspondente o sr. Joaquim Augusto de Oliveirã, de Evorã.

Sessão em 8 de Maio de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*
 1.º SECRETARIO — » *Victor Branco*
 2.º » — » *Antonio M. Caeiro*

Aberta a sessão, lida e aprovada a acta da sessão anterior foi lida uma carta do sr. prof. Vicente José de Seica esclarecendo o caso da entrega do projecto de reforma do exercicio de farmacia ao sr. Ministro do Trabalho. Na referida carta declarava que o projecto não tinha sofrido emendas.

O sr. Marques de Souza declarou que em virtude dos restantes membros da Comissão de reforma do exercicio de farmacia terem dado o seu apoio, retirava o seu pedido de demissão que havia apresentado.

O sr. Gama felicita o sr. Marques de Souza pela sua resolução e o sr. Malta diz que como membro da Comissão de reforma do exercicio de farmacia se tornava solidario com o sr. Marques de Souza.

Em seguida o sr. Jesus enviou para a mesa uma moção de confiança aos 2 delegados da Sociedade, sendo aprovada

Em seguida foi encerrada a sessão.

Sessão em 12 de Junho de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Joaquim Pedro de Moraes*
 1.º SECRETARIO — » *Fadon Lizaso*
 2.º » — » *Antonio Maria Caeiro*

Não foi lida a acta da sessão anterior por não se encontrar na meza.

Foram lidas cartas agradecendo o convite feito por esta Sociedade para a sessão comemorativa do Centenario de Pasteur (Associação Industrial Portugueza, dos Medicos, do Director do Hospital da Marinha, da Faculdade de Farmacia e da Reitoria da Universidade de Lisboa).

Entre o expediente figurava mais um officio da Admi-

nistração do Concelho de Mira em resposta aos officios n.ºs 42 e 47 enviados por esta Sociedade.

O sr. Presidente regosija-se pelo brilhantismo da sessão realisada em homenagem a Pasteur, lamentando que entre a numerosa assistencia a classe farmaceutica estivesse tão pouco representada.

Teve a primeira leitura o projecto do contracto de arrendamento do laboratorio que será discutido na proxima sessão.

Sessão em 26 de Junho de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — *Fadon Lizaso*

2.º » — *Antonio Maria Caeiro*

Foram lidas e aprovadas as actas das duas ultimas sessões.

Foi eleita a Comissão revisora de contas constituida pelos srs. João Francisco de Jesus, Victor Branco e Adolfo Teixeira.

Foi discutido e aprovado o contracto de concessão do laboratorio, tendo ficado com a seguinte redacção:

Art. 1.º — A Sociedade Farmaceutica Lusitana cede ao socio sr. Julio Augusto da Cruz o laboratorio, casa anexa e o pateo que rodeia o edificio com entrada independente pelo portão de ferro que dá para a rua Bernardim Ribeiro n.º 60 em harmonia com a sua proposta.

§ unico. — A concessão exclue todo o mobiliario, utensilios, aparelhos e reagentes ou productos porventura ali existentes e pertencentes á Sociedade.

Art. 2.º — O laboratorio e anexos concedidos poderão ser utilizados pelo concessionario para usos quimicos e farmaceuticos ou quaesquer outros que directamente se lhe relacionem.

Art. 3.º — O concessionario poderá contratar a colaboração nos trabalhos, a divisão dos lucros e despeza ou qualquer formula colectiva para a exploração do labora-

torio, sem que possa, ser utilizado o nome da Sociedade Farmaceutica Lusitana, ficando porem sempre o concessionario o unico responsavel para com a Sociedade.

Art. 4.º — A concessão terá a duração de um ano e entende-se começada em 1 de Julho proximo futuro. O concessionario pagará á Sociedade no acto da posse a importancia de 600.000 (seiscentos escudos) que representa o preço da concessão por um semestre e igual quantia adeantadamente semestralmente enquanto durar a concessão.

A concessão considera-se renovada por periodos de um ano enquanto não houver aviso em contrario comunicado por qualquer das partes com seis mezes de antecedencia e por carta registada.

Art. 5.º — O concessionario poderá conservar no laboratorio e anexos indicados n'este contracto os aparelhos, utensilios, reagentes ou produtos bem como os combustiveis necessarios á exploração respectiva.

§ unico. — As bemfeitorias que o concessionario porventura faça no edificio da Sociedade para seu usufruto ficam pertencendo á Sociedade, porem o concessionario, finda a concessão obriga-se, se o Conselho Administrativo da Sociedade assim o entender, a deixar as casas no estado em que as receber.

Art. 6.º — O concessionario obriga-se a facultar á Commissão de quimica da Sociedade o seu laboratorio de analyses para os trabalhos da Commissão, os seus aparelhos e reagentes mediante remuneração previamente concertada com o Conselho Administrativo e com aviso previo de 48 horas.

Art. 7.º — Não é permitido ao pessoal do concessionario entrar ou fazer uso das divisões do edificio que não sejam mencionados n'este contracto.

Art. 8.º — Qualquer despeza não prevista n'este contracto, como agua, etc., o seu pagamento constitue objecto de convenção entre o Conselho Administrativo da Sociedade e o concessionario.

Art. 9.º — Este contracto tem character particular, mas

cada uma das partes contratantes reserva-se o direito de o fazer reduzir a escriptura publica se assim o entender.

Art. 10.º — Aprovado que seja este contracto e em vigor, a Sociedade convidará a Companhia onde o edificio se encontra seguro a examinar as instalações e productos n'elas existentes.

Se o premio do seguro fôr augmentado, esse augmento é por conta do concessionario e será em ocasião oportuna, cobrado d'ele pelo tesoureiro da Sociedade.

Art. 11.º — Na hipótese do falecimento do concessionario obrigam-se os herdeiros ou os associados do concessionario dentro do praso do contracto ou a liquidar a concessão ou a substituir o concessionario por um pharmaceutico socio e socio da Sociedade Pharmaceutica dentro das clausulas d'este contracto.

O sr. Presidente comunica á Assembleia que foi recebido um convite para que a Direcção da Sociedade e todos os socios assistam á sessão solene comemorativa do 1.º centenario da fundação da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa que se realisa no proximo dia 28, tendo-o o Ex.º Presidente d'aquella colectividade procurado pessoalmente manifestando grande interesse em que esta Sociedade se fizesse representar na comemoração que se ia realisar, salientando que foram tambem fundadores da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, alguns pharmaceuticos.

Pelo sr. Presidente é apresentada, em proposta urgentissima, a candidatura a socio honorario o illustre Presidente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa prof. dr. Sebastião Cabral da Costa Sacadura.

E' em seguida nomeada uma Commissão constituida pelo proponente e srs. Pinto Fonseca e Marques de Souza, para dar immediatamente o seu parecer tendo interrompido a sessão.

Reaberta a sessão foi lido o seguinte parecer:

A Commissão eleita pela Assembleia Geral da Sociedade Pharmaceutica Lusitana em 26 de Junho de 1923, tendo

apreciado a proposta para socio honorario do ex.^{mo} Presidente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, dr. Sebastião Cabral da Costa Sacadura, é de opinião que é extremamente honroso para esta Sociedade contar entre os seus membros um tão illustre professor e clinico a quem a sua classe tem conferido as maiores provas de deferencia e consideração com que acaba de distinguir a classe farmaceutica, lembrando a colaboração de medicos e farmaceuticos na fundação da primeira Sociedade medico-farmaceutica, que conta hoje um seculo de existencia, e que foi a precursora da Sociedade Farmaceutica Lusitana fundada em 1835. Entende portanto a nossa Comissão que a homenagem é por todos os titulos justificada, por recair sobre tão illustre medico e por dar ocasião á nossa colectividade de prestar á Sociedade de Sciencias Medicas um testemunho de apreço e muita consideração em ocasião tão festiva.

Lisboa, e sala das sessões da Sociedade Farmaceutica Lusitana aos 26 de Junho de 1923.

aa) *José Alemão Cisneiros e Faria, José Maria Pinto Fonseca, Carlos Marques de Sousa.*

Foi aprovado.

O sr. Presidente pediu para que a Sociedade apoiasse a subscrição nacional para a viagem aerea de circumnavegação concorrendo esta Sociedade com 100.000 Esc. que serão entregues logo que a viagem se inicia.

Foram aprovados socios os srs. José Antonio Baptista d'Almeida, Julio Basso Marques, João Quintino d'Avelar e Guilhermino José Trancoso.

Sessão em 13 de Novembro de 1923.

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Fadon Lizaso*

2.º » — » *Antonio Maria Caeiro*

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior o sr. Presidente participa o falecimento dos socios e colegas seguintes:

Prof. dr. Ferreira da Silva, illustre quimico e verdadeira

gloria nacional a quem teve a honra de ouvir n'esta colectividade n'uma conferencia que o mesmo professor realizou ha alguns anos, demonstrando assim a consideração que a classe sempre lhe mereceu;

Soares Teixeira nosso estimado bibliotecario a quem se deve a organisação da biblioteca onde perdeu dias consecutivos na sua catalogação, propondo o sr. Presidente um minuto de silencio que foi cumprido de pé por todos os assistentes.

Domingos Estanislau da Silva, Gaudencio Pires de Campos e Julio Maria de Souza, sendo aprovado votos de sentimento pela perda d'estes colegas e consocios.

O sr. Alberto Veiga e Marques de Souza fazem o elogio de Ferreira da Silva, de Estanislau da Silva e Soares Teixeira.

O sr. Marques de Souza comunicou que já tinha sido entregue ao sr. Director Geral de Saude o projecto de reforma do exercicio profissional de farmacia.

Em seguida depois de lido e discutido foi aprovado o seguinte.

Parecer da comissão revisora de contas do exercicio 1922-23

Centro de Documentação Farmacêutica

A Comissão eleita em Assembleia Geral realisada em 26 de Junho proximo passado para o exame das contas da gerencia do Conselho Administrativo no ano economico de 1922-23, reuniu para cumprimento do seu mandato n'uma das salas da sede da Sociedade Farmaceutica Lusitana onde lhe foram apresentados os respectivos livros e documentos de receita e despeza. Discriminado tudo cuidadosamente, foi verificado que toda a escrita, bem como a respeitante documentação se achavam em perfeita ordem.

Conforme o mapa que acompanha as contas, a receita total do ano foi de Esc. 4:210.760 e a despeza de Esc. 4:657.780, havendo portanto um saldo negativo, o que prova, não que seja demasiada a despeza, mas que precisa de ser aumentada a receita.

Constatado este lamentavel desequilibrio é justo prestar a de-

vida homenagem ao escrupulo do Conselho Administrativo em materia de despezas, pois elas foram reduzias ao minimo, atendendo a que não foi publicado o *Jornal da Sociedade* de grande utilidade para os dignos consocios.

Em conclusão, propõe:

- 1.º— Que seja dado um voto de louvor ao Conselho Administrativo, pelo zelo e competencia manifestados no desempenho da sua missão;
- 2.º— Que igualmente sejam louvados o escriturario pela bõa ordem da escripta, e o continuo pela dedicaçõ no seu cargo;
- 3.º— Que sejam aprovadas as contas da gerencia.

aa) Adolfo Teixeira
João Francisco de Jesus
Victor Branco

O sr. Marques de Souza e Alberto Veiga dizem que é urgente o augmento da quota para equilibrar a receita com a despeza.

O sr. Alberto Veiga oferece á Sociedade 4 obrigações da Sociedade unicas que possui.

Sessão em 27 de Novembro de 1923

PRESIDENTE — *Sr. Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — » *Fadon Lizaso*

2.º » » *Antonio Maria Caeiro*

Lida e aprovada a acta o sr. Presidente deu a palavra ao sr. Alberto Veiga para fazer a sua annunciada conferencia que foi aplaudida.

O sr. Marques de Souza falou sobre o caso da nomeação do Inspector do sêlo das especialidades farmaceuticas, nomeação que recahiu n'um estranho á classe, quando a lei diz taxativamente que esse logar deve ser desempenhado por um farmaceutico.

O sr. Manuel Joaquim d'Oliveira declara saber que o Conselho Superior de Finanças nega o visto pelo que a nomeação ficou sem effeito.

O mesmo consocio tambem informou que o individuo de apelido Macedo, falsificador de bilhetes do tesouro, não era farmaceutico como os jornaes afirmavam na descrição do caso.

Foi encarrégado o sr. Oliveira de ir aos jornaes em nome da Sociedade desfazer o equivoco.

O sr. Pires reclama contra o facto da farmacia da Guarda N. Republicana vender medicamentos a diversas pessoas não pertencentes á corporação.

O sr. Barela envia para a meza duas propostas, uma para que novamente se iniciem os trabalhos para a fusão da Sociedade com a Associação e outra para que seja organisada uma lista de produtos que as drogarias possam vender directamente ao publico.

Entrando-se na ordem da noite «aumento de quota», foi resolvido por proposta do sr. Souza que o Conselho Administrativo estudasse qual devia ser esse aumento.

Foi exarado na acta um voto de sentimento pela morte da cunhada do sr. Bernardo Simões.

Foi tambem exarado na acta um voto de congratulação pelas melhoras do Vice-presidente, o sr. Pedro de Moraes.

Foram aprovados socios efectivos os srs. Augusto Cesar de Magalhães Peixoto e Miguel Rodrigues dos Santos Junior e correspondente o sr. Antonio Fernandes Baptista.

Sessão em 26 de Dezembro de 1923

da Ordem dos Farmacêuticos

PRESIDENTE — Sr. Ciskeiros e Patria

1.º SECRETARIO — » Fazon Lizaso

2.º » — » Antonio Caeiro

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Os srs. Olimpio do Amaral e Hildebrando Gonçalves protestaram contra a forma como a policia estava fazendo a fiscalisação ás farmacias.

Usaram da palavra sobre o mesmo assunto os srs. Marques de Souza e Caeiro; o sr. Presidente deu alguns esclarecimentos.

Em seguida procedeu-se ás eleições que deram os resultados seguintes:

Presidente — Antonio Maria da Gama Junior.

Vice-Presidente — Joaquim Pedro de Moraes

1.º Secretario — Antonio Maria Caeiro

2.º Secretario — Manuel Pinheiro Nunes

1.º Vice-Secretario — Flaviano Falcão Correia

2.º Vice-Secretario — Gastão Duarte Silva

Tesoureiro — Victor Branco

Vice-Tesoureiro — Adelino Simões Pires

Bibliotecario — José Feliciano Alves d'Azevedo

Vice-Bibliotecario — Ernesto dos Santos

Comissão de Redacção

Carlos Candido Coutinho

Carlos Marques de Souza

Manuel Pinheiro Nunes

Miguel Fadon Lizaso (suplente)

Comissão de Quimica

Bernardo Augusto da Costa Simões

José Maria Pinto Fonseca

José dos Santos Simões Borba

Augusto Brito de Carvalho (suplente)

Comissão de Farmacia

Manuel Luiz Sequeira

João Martins do Rego

Hildebrando José Gonçalves

Joaquim da Luz Preto (suplente)

Em seguida o sr. Marques de Souza propoz que fosse nomeada uma Comissão para tratar de interesses profissionaes com character permanente. Essa Comissão compõe-se dos srs. Antonio Maria Caeiro, Adolfo Teixeira,

José Joaquim Ribeiro, Antonio Domingos de Oliveira e Carlos Prospero Barela.

Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento da avó do sr. Carlos Candido Coutinho.

ACTA DA SESSÃO SOLENE

**Aniversario do octogesimo oitavo ano da Sociedade Pharmaceutica Lusitana
realizada em 11 de Dezembro de 1922**

PRESIDENTE — *Sr. José Alemão Cisneiros e Faria*

1.º SECRETARIO — *Miguel Fadon Lizaso*

2.º » — *Antonio Maria Caciro*

Pelas 21 horas e meia, achando-se na sala regular numero de socios effectivos, o sr. Presidente declarou aberta a sessão, convidou o sr. 2.º Secretario a proceder á leitura do seguinte:

Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, durante o 88.º ano da sua existencia

da Ordem dos Pharmaceuticos

FORAM ADMITIDOS

Para a classe dos effectivos

- Adelino Simões Pires
- Antonio Baião Falcão
- Antonio Inácio Moreira
- Antonio Wanzeler Pessoa
- Aurelio Rego
- Camilo Simões Pacheco
- Carlos Augusto Nunes
- Diogo Paulo Marreiros Neto
- Elvira Sousa Severo d'Oliveira Magro

Ester da Silva Nogueira
 Francisco Augusto Cortez
 Jayme Alves Barata
 João Alberto Francisco da Costa
 João Batista Pereira Viana
 João Duarte Bustorff
 João Quintino d'Avelar
 João Simões de Castro e Costa
 João Wanzeler Pessoa
 Joaquim Maria Correia
 Joaquim Rosa Bernardo
 José Antonio Batista d'Almeida
 José Ferreira d'Aguiar Brito
 José João Fariinha Junior
 José Joaquim Ribeiro
 José Serrano
 Julio Basso Marques
 Manuel Augusto Nunes
 Manuel João Teixeira
 Manuel Peres
 Mario Augusto de Azevedo da Costa Santos
 Olympio do Amaral
 Procopio Augusto Galapito
 Tebar de Oliveira

Para a classe de correspondentes nacionaes

Antonio Joaquim da Guerra Semedo — Santarem
 Artur Augusto Brandão — Parede
 Custodio Maldonado de Freitas — Caldas da Rainha
 Eduardo Melo Garrido — Montemor-o-Novo
 Francisco de Paiva Bastos — Santarem
 Gilberto Dionisio — Val de Santarem
 Guilhermino José Trancoso — S. Pedro da Torre
 Januario Pereira — Santarem
 Joaquim Augusto de Oliveira — Evora
 José Adriano da Silva Catarino — Alemquer
 José Augusto Batista — Santarem
 José Joaquim Neves de Azevedo — Paredes do Bairro
 Luiz Pinto Leão Seromenho — Setubal
 Maria da Trindade Vieira — Casal do Ouro, Cartaxo

FALECERAM

Correspondentes nacionaes:

Alfredo Teodoro Simões Manso
 Fortunato Rocha da Fonseca
 Joaquim Vaz Agostinho

RESUMO

Ficaram existindo:

Presidente honorario	1
Benemeritos	11
Honorarios nacionaes	13
Honorarios estrangeiros	23
Efectivos	184
Correspondentes nacionaes	89
Correspondentes estrangeiros	26
Total	347

RESUMO DA CONTA DE RECEITA E DESPEZA DO ANO ECONOMICO DE 1922-1923

Receita:

<i>Em obrigações da Dívida Externa</i>		
1.ª serie	666,00	
<i>Em deposito no Monte-pio Geral</i>	94,62	
<i>Em Caixa</i>	934,93,5	1.725,55,5
<i>Receita cobrada durante o ano</i>		4.210,60

Despeza:

<i>Despeza ordinaria e extraordinaria</i>	4.604,86	
<i>Amortização de obrigações</i>	30,00	
<i>Coupons pagos</i>	23,00	4.657,86

Saldo em 30 de Junho de 1923:

<i>Em obrigações da Dívida Externa</i>		
1.ª serie	666,00	
<i>Em deposito no Monte-pio Geral</i>	94,62	
<i>Em caixa</i>	237,67,5	1.278,29,5

O sr. 1.º Secretario leu em seguida o programa do premio José Dionizio Correia.

Relação dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o 88.º ano

- Direcção Geral de Estatística
- Repartição de Previdencia Social
- Associação Industrial Portuguesa

Redacções dos seguintes jornaes, revistas e boletins:

Boletim do Instituto de Educação Civica
Esculapio—Revista Grafica de Medicina, de Madrid
Anais do Club Militar Naval, de Lisboa
Boletim Farmacologico
Revista da Sociedade «União Farmaceutica de S. Paulo»
Journal de Pharmacie et de Chimie, de Paris
Archivos—Demo-sifillografico e Revista pratica de la especialidad
Réportoi e de Pharmacie
El Centro Farmaceutico Venezolano
El Dr. Risqueç — Viela e Obras de este ilustre Galeno
Hygienie Laboratory
Sinopsis Biografica de la St.ª Abigail Gonzalez
El Monitor de la Farmacie y de la Terapeutica, de Madrid
Gaceta Farmaceutica Española
L'Information Médicale—Revue Critique des Sciences Médicales

O sr. Presidente leu o seu relatório dos factos ocorridos durante o ano:

MEUS SENHORES:

Um dos deveres do cargo de Presidente, é trazer á sessão solene em que todos os anos se comemora o aniversario da fundação da Sociedade e com a qual se fecha o nosso ano academico, um relatório dos factos passados durante o ano que termina e que interessem os nossos consocios, quer nas relações externas, quer no movimento associativo ou de administração da nossa Sociedade.

Impõe-se para o bom desempenho d'esta missão, a consulta das actas das sessões da Sociedade, dos livros de registo de correspondência e dos documentos de tesouraria e outros, como fontes seguras e repositório da nossa vida associativa.

Não atravessou a Sociedade um periodo de esplendor no ano que termina; antes, se deprehe de da leitura das nossas actas, que grandes foram as preocupações dos nossos consocios, durante o periodo que apreciamos, conservando-os afastados e indiferentes, na grande maioria, perante os esforços empregados pelos corpos administrativos e secundadas por consocios ilustres para que, decorressem com brilho e elevação, as sessões da Sociedade.

N'este proposito e vizando a que se conservassem as tradições scientificas da nossa colectividade promoveu a Meza a realização de conferencias sobre temas scientificos e de interesse manifesto para a classe farmaceutica. Consocios dos mais ilustres, como C. C. Coutinho, C. M. de Souza, Simões Borba, Gastão D. Silva, Adolfo Teixeira e Alberto da Costa Veiga corresponderam amavelmente ao nosso apêlo, realizando a leitura de trabalhos interessantes sobre assuntos varios, que muito apreciados foram pelos pre-

sentos, sendo para lamentar a diminuta assistencia, sintoma de desinteresse pelos seus generosos esforços para dar um cunho elevado e scientifico ás reuniões da mais antiga e prestimosa agremiação farmaceutica.

Este facto que, com magua o registamos, em nada diminue o valor das communicações apresentadas, ou o nosso reconhecimento pelos esforços espendidos. Tempo virá em que justiça será feita, e em que, compulsando os nossos arquivos, as gerações vindouras apreciarão aqueles dos nossos colegas que deixarem, pelos seus trabalhos e pelo interesse que votam á colectividade os seus nomes ligados ao assunto colectivo da hora presente.

Durante o desencadear da grande guerra, flagelo imenso a que assistimos compungidos, produziu-se em tudo e em todos um formidavel abalo; muitas instituições se desorganisarão; derrocadas imprevistas e inevitaveis se produziram; impèrou a confusão e um sopro de desdita pairou sobre todas as patrias e sobre todas as familias. A Paz, esperança salvadora, era o aneio de todos, como remedio unico, bonança almejada, que permitisse o regresso ao trabalho produtivo, á tranquillidade dos lares, á vida calma dos tempos idos.

A Paz chegou por fim, mas trazendo com surpresa, uma fase nova ás organizações sociaes; um choque terrivel de interesses desmedidos; uma ancia de chegar depressa; tudo atropelando, tudo prevértendo, servindo-se, não importa de que meios para conseguir fazer face á onda avassaladora do desbarato, do fausto, das vãs grandezas e do poderio balfo.

A vida organisou-se com um aspecto novo, com exigencias imperiosas e terriveis, que obrigam a atropelos injustos, ao abandono dos antigos preceitos, tidos até aqui como principios de sã justiça e de humanidade.

E' preciso não ficar para traz custe o que custar e comtudo, aqueles que já tem caminhado mais de metade da vida, reconhecem serenamente a fragilidade de taes principios a injustiça de taes processos.

Aqueles que se deixam arrastar pela miragem, porventura seductora, da vida intensiva e exigente; em que o trabalho figura unicamente como um meio enfadonho mas indispensavel para conseguir figurar no turbilhão de ifusões, que é a Sociedade de hoje, regressarão fatalmente de desillusão em desillusão aos antigos e são principios do trabalho honesto e honestamente compensador, lamentando, mas já tarde, o tempo perdido, a vida desperdiçada e os sacrificados que atropelaram sem escrupulo.

E' talvez este quadro que esbocei, uma das maiores senão a maior causa do abandono e do desinteresse que se nota em tudo o que respeita á vida das agremiações, á falta de comprehensão do valór, da força e das influencias colectivas e d'ahi o abandono a que são votados os interesses de muitos, para só se pensar egoistamente e erradamente no interesse pessoal.

Não houve, comtudo, só defecções e abandonos. Tivemos na nossa Sociedade, algumas e notaveis manifestações de actividade, que muito apraz registar.

Em começo de Junho deste ano, realisou-se nesta sala uma sessão comemorativa do centenario do grande Louis Pasteur, o notavel sabio, simbolo da civilisação latina, que assombrou o mundo e que vinculou o seu nome ao seculo em que viveu, tornando-se, pelo seu genio e pela abnegação de

toda a sua vida um benemerito da humanidade. A assistencia do sr. ministro da instrucção, dos representantes da legação da França, dos nossos categorizados convidados e a brilhante conferencia do nosso illustre colega C. M. de Souza, tornaram a comemoração prestada pela Sociedade Farmaceutica Lusitana por completo digna da memoria de Pasteur.

Em 28 do mesmo mez celebrou a Sociedade de Sciencias Medicas, precursora da Sociedade Farmaceutica Lusitana o primeiro centenario da sua fundação; recebendo esta Sociedade convite feito pessoalmente pelo seu illustre Presidente o Ex.^{mo} Prof. Dr. Sebastião Cabral Sacadura para a Sociedade se fazer representar na festividade comemorativa, salientando, que fôra um grupo de medicos e de farmaceuticos, os fundadores da Sociedade,

Tive ensejo de assistir, acompanhado de varios consocios á brilhante sessão solene em que a palavra scintilante dos Ex.^{mos} Srs. Drs. Silva Carvalho e Mac-Bride Fernandes, prendeu a vossa atenção n'aquela memoravel sessão.

Igualmente assisti, como representante da Sociedade Farmaceutica Lusitana e a convite da Escola Superior de Medicina Veterinaria e da Sociedade Superior de Medicina Veterinaria á brilhante conferencia feita pelo Ex.^{mo} Prof. Dr. Paula Nogueira, comemorando o centenario de Pasteur.

Estas manifestações de apreço pela nossa Sociedade, aqui ficam registadas, confirmando a necessidade que temos de sustentar o elevado nivel moral associativo, de que goza a Sociedade Farmaceutica e que a actual geração de farmaceuticos, tem por dever transmitir intacto aos vindouros.

O papel da nossa Sociedade como medianeira entre os nossos colegas consocios da capital, das provincias e das colonias, fica exuberantemente definido e afirmado, pelo elevado numero de vezes que a interferencia da Sociedade foi solicitada para defender, junto dos poderes publicos, abusos praticados e atropelos contra os legitimos interesses farmaceuticos, em exercicio ilegal de farmacia; nas reclamações apresentadas sobre selagem de productos farmaceuticos e em muitos outros assuntos que me abstenho de enumerar, para não alongar esta exposicao, visto que, de tudo se tomou devida nota e registo nos nossos arquivos.

Foi solicitada a cooperacão da Sociedade Farmaceutica para ocorrer ao custeio da projectada viagem de circumnavegacão aerea a realizar oportunamente pelos gloriosos nautas Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Não podia a Sociedade ficar indiferente perante tão patriótica iniciativa e foi gostosamente que subscreveu para esse feito que virá acrescentar mais uma corõa de gloria á imorredoura epopeia realisada ha um ano.

O feito dos aviadores portugueses, foi bem digno das caravelas de Cabral e do Gama. A fragil ave de Coutinho e Sacadura, atravessando o espaço, aviou com rasgos de audacia e de pericia, os sulcos impereciveis, traçados outrora pelas nossas quilhas e legados á Civilisacão pelo genio dos portugueses.

Mereceram especial cuidado aos vossos corpos administrativos, os assuntos economicos e financeiros da Sociedade.

Por virtude da desistencia voluntaria do antigo concessionario do nosso

laboratorio, foi celebrado um novo contracto com o nosso consocio e distinto colega sr. Julio Augusto Cruz, tendo sido acautelados devidamente os interesses da Sociedade a par dos do novo concessionario.

Apezar do augmento de receita proveniente d'este contracto e do augmento de quotas em tempos realizado, a situação economica da Sociedade é pouco prospera, mercê do custo excessivo de tudo o necessario para a vida administrativa, que dia a dia, atinge proporções imprevistas, deitando por terra todos os calculos e inutilizando as melhores iniciativas.

Por este motivo, não poude a Direcção da Sociedade até hoje, apezar dos seus persistentes esforços, realizar duas das suas maiores aspirações; publicar o volume do nosso jornal relativo ao ano de 1921-22, que, de longa data se encontra completamente redigido e compilado, devido aos bons e dedicados esforços da Comissão de redacção; e remunerar condignamente os nossos dois zelosos funcionarios, que teem desempenhado com a maior isenção, os serviços penosos a seu cargo, com desinteresse e verdadeira dedicação pela nossa colectividade e que os torna credores do nosso agradecimento.

Evidentemente que se impoe a creação de novas fontes de receita, as quaes teem sido estudadas desde ha tempos pelo Conselho Administrativo e foram objecto d'uma proposta apresentada em Assembleia Geral e de que a nova Direcção terá de occupar-se com urgencia.

Não posso deixar de me referir, ainda que, com risco de ferir a sua natural modestia, aos relevantes serviços que o nosso ilustrado colega e lembrado presidente, sr. Manuel Adriano Mourato Vermelho, tem prestado à nossa Sociedade quer no brilhante desempenho do seu cargo de presidente, quer pelas generosas ofertas, da instalação electrica nas nossas salas e da impressão do ultimo volume publicado do nosso jornal o que nos torna devedores para com S. Ex.^a do nosso melhor reconhecimento.

Durante o ano que decorreu perdeu a Sociedade alguns dos seus prestimosos socios e a classe farmaceutica bastantes illustres membros.

Figuram entre os primeiros o illustre sabio Prof. Ferreira da Silva, da Universidade do Porto.

A sua morte produziu a mais viva consternação, perdendo a nação um verdadeiro sabio, creador de sciencia e a quem o Paiz deve os mais assignalados e patrioticos serviços, e a Sociedade Farmaceutica Lusitana um socio de maior prestigio, que honrou esta sala com a sua autorisada voz. n'uma con erencia que veiu a Lisboa expressamente fazer.

Não poude a Sociedade Farmaceutica Lusitana prestar-lhe em vida a homenagem projectada, mas fica o compromisso solemne de comemorar em breve a sua memoria.

J. M. Soares Teixeira, nosso devotado bibliotecario, que com todo o carinho e particular interesse, organisou a nossa biblioteca, dedicando os momentos de folga dos seus ultimos anos, aos trabalhos do seu cargo n'esta Sociedade. E' viva a nossa saudade pela sua memoria de grata recordação.

Alfredo Teodoro Simões Manso, Gaudencio Pires de Campos, Julio Maria de Souza, Domingos Estanslau da Silva, Jaime Vaz Agostinho, For-

tunato Rocha da Fonseca, colegas illustres, nomes respeitados, hoje mortos.

E' sempre com dolorosa emoção que nos encontramos em face da morte, cujo misterio ultrapassa os recursos da intelligencia humana, deixando-nos entrever o infinitamente desconhecido, perante o que nos curvamos com respeitoso assombro.

Em nome de todos os socios da Sociedade Farmaceutica Lusitana a que tenho a honra de presidir, consagro ás suas memorias, esta despretenciosa homenagem da nossa saudosa amizade e comovido respeito.

Ao terminar este relato, seja-me permitido agradecer a todos os meus colegas da Direcção e dos restantes corpos administrativos o apoio constante, a cooperação intelligente e valiosa e a lealdade com que me acompanharam e coadjuvaram no desempenho do meu lugar e aos quaes hoje, ao terminarmos os nossos mandatos, eu saúdo affectuosamente, fazendo ao mesmo tempo um apelo ás novas gerações de farmaceuticos nossos consocios para que defendam sempre com o maior esforço e devoção a Sociedade Farmaceutica Lusitana, representante legitima da classe farmaceutica.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1923.

J. Cisneiros e Faria

VARIEDADES

Ex.^{mo} Sr. Alberto Dias — S. Fedro do Sul

Com relação á sua pergunta sobre administração de farmacias remetto-lhe as seguintes informações:

Embora não haja disposição expressa que prohiba o farmaceutico administrar mais de uma farmacia na *mesma circunscripção ou divisão policial ou administrativa*, essa faculdade acha-se implicitamente prohibida. Com efeito, os farmaceuticos são obrigados a matricular-se nas administrações dos concelhos ou commissariados de policia em virtude do artigo 45.^o do decreto com força de lei de 3 de Dezembro de 1868. O artigo 65.^o do mesmo decreto estabelece até uma penalidade baseada no artigo 480.^o do antigo Codigo Penal hoje substituida pela disposição geral do artigo 484.^o do Codigo Penal de 16 de Setembro de 1886 e são obrigados ao exercicio pessoal da sua profissão nos termos do n.^o 1 do artigo 74.^o do citado decreto.

A portaria de 26 de Dezembro de 1873 obriga-os, embora matriculados uma vez, a repetir o acto tantas vezes quantas mudarem de circunscripção policial.

Mas a portaria de 26 Fevereiro de 1870 obriga os farmaceuticos a não poderem estar ausentes das farmacias que administrarem por mais de 6 horas em cada dia e esta disposição nunca pode ser observada por quem administrar duas farmacias ao mesmo tempo. E' este o fundamento porque a policia administrativa em Lisboa e no Porto e os administradores dos outros concelhos negam segunda matricula aos farmaceuticos que já teem responsabilidade tecnica de uma farmacia.

A portaria de 26 de Fevereiro de 1870 a que atraz se allude é do teor seguinte:

«Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei a informação do Governador Civil do districto de Santarem, sobre o requerimento em que Izidoro José Gonçalves, farmaceutico estabelecido em Salvaterra de Magos e ao mesmo tempo professor do ensino primario d'aquella vila, se queixa de haver sido intimado pelo respectivo administrador do Concelho para optar por uma das suas profissões e confirmando-se que essa informação que o queixoso recebera efectivamente a intimação a que alude, manda Sua Magestade declarar ao Governador Civil, que não deve insistir-se no procedimento intentado de fazer optar o mesmo Izidoro José Gonçalves pela profissão de farmaceutico ou pelo lugar de professor e que se elle com effeito se ausenta 6 horas por dia da sua farmacia deixando-a entregue a praticante sem carta de farmaceutico, o procedimento legal a haver contra elle é mandar fechar a botica nos termos do artigo 78.º do decreto de 3 de Dezembro de 1868 e levantar os competentes autos para serem remetidos ao poder judicial, porque depois d'este procedimento, se elle não poder conciliar o serviço das suas occupações, optará ent' o por uma d'ellas como lhe convier».

Com toda a consideração de

V. Ex.ª Colega Venr. e Obrig.º

Lisboa, 18 de Março de 1921.

O 1.º Secretario

a) *Hildebrando Gonçalves*

Lisboa, 19 de Março de 1921

Ex.º Sr. Director Geral de Saude

Em resposta ao officio de V. Ex.ª de 16 do corrente apresso-me a informar (dada a urgencia requerida) que, no entender da Direcção d'esta colectividade, as drogas e productos medicinaes para a farmacia que ao paiz mais convirá adquirir são os que constam da lista anexa.

Por estarmos convencidos da utilidade das advertencias seguintes, diremos:

1.º Que n'esta materia, mais que em qualquer outra, são faceis as fraudes e as substituições de artigos realmente uteis por outros aparentemente identicos mas de baixo valor ou sem applicação;

2.º Que se manifestará segundo todas as probabilidades, a tendencia por parte dos alemães em fornecer, em vez das substancias que aponto, as quaes seriam para nós uteis materias primas, os productos d'elas derivados, *ja prontos para o emprego* e de cujas marcas e patentes são detentores;

O fornecimento d'estes derivados, em lugar de productos primarios, teria para nós os seguintes inconvenientes: seriam valorizados excessivamente pelos fornecedores, do que não poderiamos defendendermo-nos por falta de termo de comparação (taes productos sendo em regra monopolios e carecendo de similares industriaes) e, no final, teriamos acabado por vulgarisar intensamente as marcas alemãs e feito, em detrimento da nossa, a sua propaganda junto do consumidor portuguez.

Saude e Fraternidade

O Presidente

a) *Mourato Vermelho*

Segue a lista dos productos quimicos mais gastaveis e quantidades aproximadas gastaveis n'um anno.

**Officio dirigido ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa
por occasião do 1.^o centenario da dita Sociedade**

Ex.^{mo} Sr. Dr. Sebastião Cabral da Costa Sacadura, III.^{mo} Presidente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa.

Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que em sessão da Assembleia Geral da Sociedade Farmaceutica Lusitana de 26 de Junho corrente, por proposta da presidência foi V. Ex.^a proclamado por unanimidade socio honorario da mesma Sociedade. Quer a Sociedade Farmaceutica Lusitana testemunhar á Sociedade de Sciencias Medicas, no dia em que se comemora o seu primeiro centenario, o seu regosijo por tão festiva data, a alta consideração e grande apreço por tão douta corporação, conferindo ao seu illustre presidente, notavel cirurgião e esforçado defensor da puericultura, o melhor titulo honorifico de que dispõe.

Alguns teem sido os colegas de V. Ex.^a que esta colectividade tem tido a honra de contar no quadro dos seus socios honorarios; um nome, porém, intencionalmente destacarei, o do illustre e saudoso prof. Dr. Manuel Vicente Alfredo Costa a quem igualmente esta colectividade tem a honra de prestar tão grande homenagem.

Não esqueceu V. Ex.^a gentilmente que alguns pharmaceuticos foram fundadores da Sociedade de Sciencias Medicas o que muito me sensibilizou e a todos os meus colegas, deixando por esta forma expresso o nosso maior reconhecimento.

Fazendo votos pelas prosperidades de V. Ex.^a e da Sociedade a que V. Ex.^a com tanto brilho preside.

Subscribo-me com a mais subida consideração

De V. Ex.^a M.^o Att.^o Admirador

a) *José Alemão Mendonça Cisneiros e Faria*

Lisboa, 26 de Junho de 1923.

Centro de Documentação Farmacêutica

Obrigações sorteadas em 1921

84 - 92 - 210 - 223 - 241 - 285 - 389 - 416 - 451 - 460

Obrigações sorteadas em 1922

31 - 49 - 54 - 90 - 109 - 145 - 163 - 311 - 313 - 429

Obrigações sorteadas em 1923

63 - 125 - 128 - 131 - 160 - 338 - 353 - 385 - 411 - 448

JORNAL
DA
SOCIEDADE FARMACEUTICA
LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Farmaceutica Lusitana

Director — *Carlos Candido Coutinho*

Redacção e Administração — Rua da Sociedade Farmaceutica
No edificio da mesma Sociedade

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vire

Prop. — Lib. 4 — Eleg. 10

Decima sexta série — Ano de 1924 — Tomo V

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Composto e impresso
NA TIPOGRAFIA DA EMPRÊSA DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 78
Lisboa — 1925

SÉDE
DA
SOCIEDADE FARMACEUTICA
LUSITANA

RUA DA SOCIEDADE FARMACEUTICA, ao Bairro Camões
EDIFÍCIO DA SOCIEDADE
LISBOA



Centro de Documentação Farmacêutica
COMISSÃO DE REDACÇÃO
da Ordem dos Farmacêuticos

Director — *Carlos Candido Coutinho*

Vogais — *Carlos Marques de Sousa e Manuel Pinheiro Nunes*

Suplente — *Miguel Fadon Lizaso*